

Afirmativa

ANO 4 - Nº 18 - AFROBRAS / UNIPALMARES

plural



Mandela,
o homem, o mito



* Consulte o Regulamento no site www.unibanco.com.br

Tarifa Zero Unibanco.

Uma tarifa que pode chegar a zero. É, nem parece tarifa.

No Unibanco é assim: quanto melhor você usa o banco, menos tarifa você paga. Usando os serviços do Unibanco, você acumula pontos. E quanto mais pontos você acumula, menores as suas tarifas. Simples, não?

É por isso que o Unibanco nem parece banco. E é por isso também que as tarifas do Unibanco nem parecem tarifas.

ZERO



 **UNIBANCO**
Nem parece banco.

Entrevista Especial	
Zulu Araújo	6
Entrevista Internacional	
Mac Maharaj.....	10
21 de Março	
Dia Internacional contra a Discriminação Racial	12
Artigo Maria Célia Malaquias.....	14
Artigo Maurício Pestana	16
Artigo Gilberto Gil.....	20
Abolição	
Abolição da escravatura	22
Artigo Gilberto Kassab	24
Artigo Renan Calheiros	26
Artigo Ives Gandra Martins	28
Artigo José Sarney	30
Artigo Marco Aurélio Mendes de Farias Mello.....	32
Cidadania	
Artigo Luiz Flávio Borges D'Urso	36
Perfil	
A diversidade no dia-a-dia.....	38
Superando os próprios sonhos	40
Comunicação	
Artigo Edmar Oneda.....	42
Política	
Barack Obama: a América está preparada?	44
Artigo Gaudêncio Torquato.....	46
Economia	
Artigo Paulo Skaf.....	48
Artigo Gesner Oliveira.....	50
Artigo Edson Luiz dos Santos e Rafael Dan Schur	52

ndice



Da esquerda para a direita: Cíntia Sanchez, Zulmira Felício, Francísca Rodrigues, Taíse Oliveira, Douglas da Silva Souza, Karina Oliveira e Demetrius Trindade.

Campus II

A boa notícia do ano	56
Espaço do Saber	60
Investimento no esporte	60
Inauguração do novo campus consolida Unipalmares	62
Opinião de personalidades e autoridades sobre a Unipalmares....	64
Inauguração Campus Barra Funda.....	83
Almoço de confraternização no buffet Manaus	85

Cultura

Artigo Moura Reis.....	86
Artigo Paulo Betti.....	91
Agenda Cultural	94

Empreendedorismo

Sonho que não acaba, que não se apaga	96
---	----

Mercado de Trabalho

Artigo Otávio Brito Lopes	98
---------------------------------	----

Opinião

Artigo Rosenildo Ferreira	100
---------------------------------	-----

Plural

Artigo Antônio Marchionni	102
Artigo Carlos Eduardo Carvalho	106
Artigo Edson Cabral.....	107

Educação

Artigo Gastão Rúbio de Sá Weyne.....	109
Artigo Laura Laganá.....	112
Artigo Miguel Jorge.....	114
Nova luz para a educação.....	117
Artigo Paulo Renato Souza	119
Artigo José Aristodemo Pinotti.....	121

Responsabilidade Social

Fundação DPaschoal	124
--------------------------	-----

Palavra do Presidente

Descobrindo o Código	128
----------------------------	-----

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural e da Universidade Zumbi dos Palmares – Centro de Documentação, com periodicidade bimestral. Ano 4, Número 18 – Rua Washington Luiz, 236 – 3º andar - Luz – São Paulo /SP - Brasil - CEP 01033-010 - Tel. (55-11) 3228-1824.

Conselho Editorial: José Vicente, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Francísca Rodrigues, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Francisca Canindé Pegado do Nascimento, Jarbas Vargas Nascimento, Humberto Adami, Felice Cardinali, Sônia Guimarães.

Direção Editorial e Executiva: Jornalista Francísca Rodrigues (MTb. 14.845 - francisca@afrobras.org.br); **Redação Publicidade:** Maximage Mídia Assessoria em Comunicação (mim@maximagemidia.com.br) - Tel. (11) 3229-9554.

Editora: Zulmira Felício (zulmira.felicio@globo.com - Mtb.11.316); **Redação:** Demetrius Trindade (demetrius@afrobras.org.br - Mtb.30.177); Douglas da Silva Souza (estagiário Web); **Fotografia:** J.C.Santos, Cíntia Sanchez, divulgação. **Colaborador:** Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br), Maurício Pestana (pestana@mauriciopestana.com.br) e Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildoferreira@revistadinhheiro.com.br). **Capa:** extraído do livro “Mandela - Retrato Autorizado”, publicado pela Alles Trade Editora Ltda. EPP.

Editoração eletrônica, CTP, Impressão e Acabamento: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras/Unipalmares. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

“A Unipalmares é o sonho de Mandela realizado”

A frase acima dita por Mac Maharaj, um dos líderes do partido de Mandela, Congresso Nacional Africano (CNA) que esteve na última semana de março proferindo uma palestra aos alunos da Unipalmares, foi, definitivamente, a mensagem de consolidação desse projeto de vida que é a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares.

Mac Maharaj, em visita ao Brasil para o lançamento do livro “Mandela, retrato autorizado”, deu a honra de sua presença, a todos nós da família Unipalmares, que tivemos uma felicidade ímpar de estar tão perto de uma personalidade que desempenhou papel chave na luta contra o Apartheid, e como ele mesmo disse, teve a honra de conviver com Mandela quando esteve

ticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), sobre racismo. É por isso e muito mais que a Unipalmares torna-se cada vez mais um espaço privilegiado de convivência pacífica e de desenvolvimento de mentes pensantes através do conhecimento e das pessoas que ali convivem ou passam para darem sua contribuição como deu Mac Maharaj, do alto da sua larga experiência e sabedoria de vida, e repassando-os aos jovens da Zumbi, que devem mirar-se em espelhos como ele e, principalmente, Mandela, fonte de inspiração para construirmos um Brasil melhor onde não seja mais preciso discutir cotas ou ações afirmativas, pois todos os seus cidadãos terão seus direitos

preso por 12 anos em Robben Island, mesma prisão do líder sul-africano.

A Unipalmares só vem registrando crescimento em sua curta história de vida. Para mostrar isso, nesta edição da Revista Afirmativa trazemos os detalhes do novo Campus Barra Funda, um sonho realizado por muitas mãos, de muitas cores e que por si só, eleva a todos que a ele se dedicam.

A Unipalmares se torna a cada dia um espaço privilegiado, onde se discute e se vive a diversidade racial, cultural e social de um país que se pretende ser diverso, mas cuja intenção não sai do papel. Em março, o tema negros/racismo esteve no palco da mídia, com fatos gravíssimos como os atentados a negros na Universidade de Brasília e como a declaração de Matilde Ribeiro, ministra da Secretaria Especial de Polí-

reconhecidos como seres humanos iguais aos demais. Que a Unipalmares continue crescendo e abrindo novos *campi* para abrigar, inclusive, nossos irmãos da África e de todas as partes do mundo que estejam interessados em conviver com pessoas cada vez melhores. Por todos os problemas vividos em março, mês em que se comemora o Dia Internacional de Luta contra a Discriminação Racial; por todas as alegrias e celebrações que vivemos no mês de março, nossa capa não poderia ser outra senão Mandela, “exemplo de um dos maiores seres humanos, a andar sobre a terra”, conforme diz o Arcebispo Anglicano Emérito da Cidade do Cabo, Reverendíssimo Desmond Tutu.

Boa leitura!

Francisca Rodrigues
Editora Executiva

ditorial



A Fundação Bradesco realizou 1,6 milhão de atendimentos no Dia Nacional de Ação Voluntária. São 1,6 milhão de razões para nos sentirmos mais completos.



Bradescompleto



A Fundação Bradesco acaba de realizar, pelo 5º ano consecutivo, o Dia Nacional de Ação Voluntária. No domingo 18 de março, a iniciativa reuniu mais de 27 mil voluntários para oferecer à comunidade carente uma série de serviços gratuitos nas áreas de assistência social, cidadania e defesa de direitos civis, saúde, educação e pesquisa, cultura e meio ambiente, entre outras. Os 1,6 milhão de atendimentos foram realizados nas 40 escolas da Fundação Bradesco em todo o Brasil e em outros 149 pontos, como escolas públicas e centros comunitários, ampliando o número de pessoas atendidas. Outro dado surpreendente: foram arrecadadas cerca de 30 toneladas de produtos, que vão de computadores a cestas básicas, contribuindo com 88 instituições cadastradas. Ou seja, nossa alegria com os resultados desse dia não poderia ser mais completa.

www.fundacaobradesco.org.br



m omento particular da história

Por: Zulmira Felício, da Redação

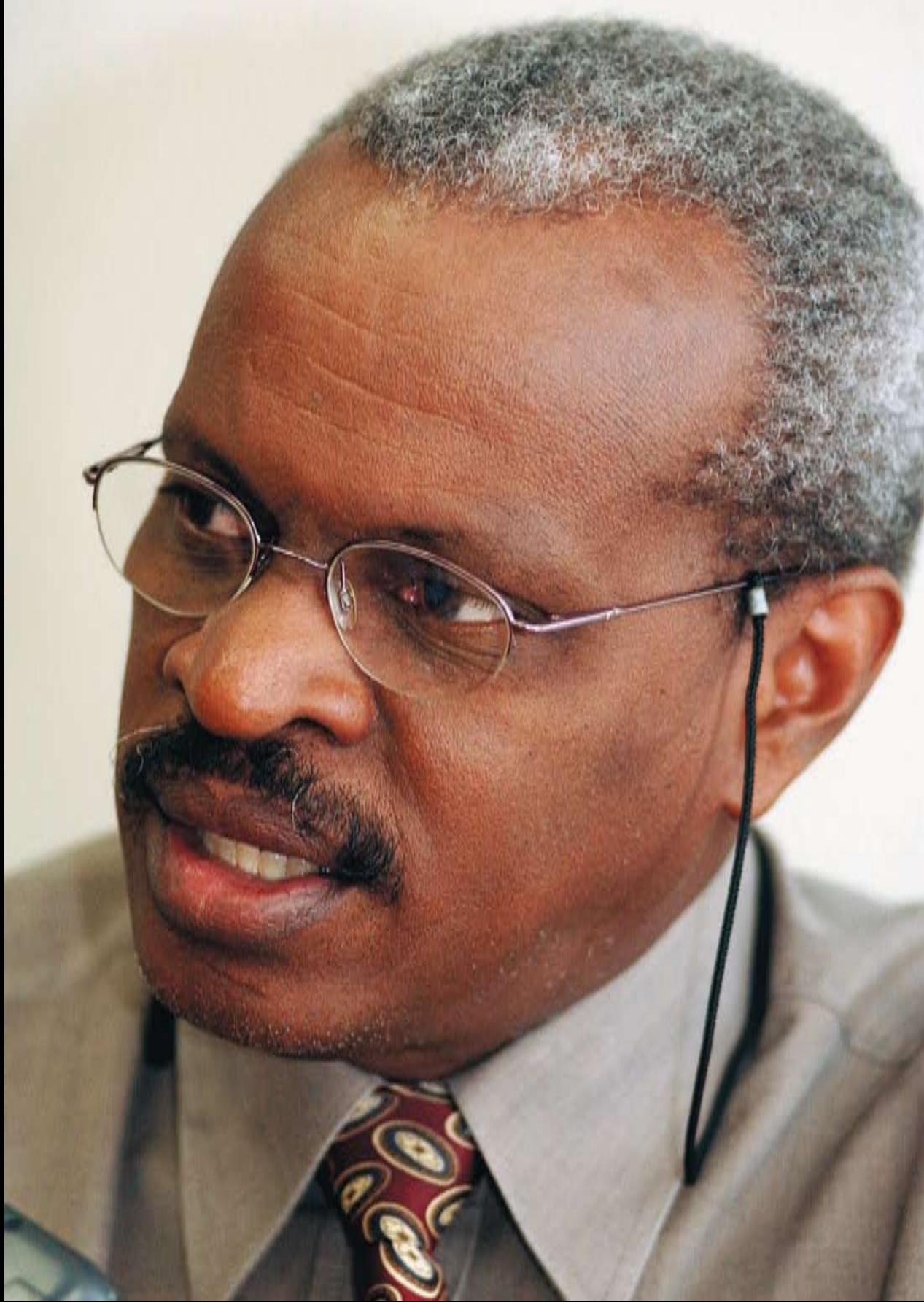
É preciso dar sustentabilidade às manifestações culturais populares

Do mesmo modo que o Brasil vive um momento particular em sua história, na concepção de Zulu Araújo a vida do produtor cultural também passa por momento especial. Ele acaba de assumir a presidência da Fundação Cultural Palmares, aos 54 anos de idade, sendo que há mais de 30 anos dedica-se à produção cultural. Foi ex-diretor do Departamento de Intercâmbio

Cultural da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, ex-diretor de Cultura do Instituto dos Arquitetos do Brasil da Bahia, arquiteto, militante político e do movimento negro.

“Poucas vezes, nestes 500 anos, tivemos uma chance tão grande para firmarmos raízes fortes na estrutura do nosso País rumo a um período sólido e duradouro de desenvolvimento susten-

tável. Por isso, mesmo, todos teremos de ter sensibilidade e clareza, para a um só tempo, afirmarmos os interesses particulares, consolidarmos as conquistas e sermos parceiros dos demais segmentos sociais, na construção de um Brasil verdadeiramente democrático.” A sentença de Zulu Araújo reforça o chamado do Ministro Gilberto Gil para o valor inestimável que a cultura



Zulu Araújo

possui na consecução dos nossos objetivos, enquanto nação. Se esta afirmação vale para o Brasil, para a comunidade negra é como um mantra, pois não houve, até hoje, instrumento mais eficaz para a nossa própria sobrevivência que a cultura. Portanto, integrar-se a este esforço que vem sendo desenvolvido pelo Ministério da Cultura será algo imprescindível para que a Fundação Palmares continue sendo a implementadora, líder da política de fortalecimento da cultura afro-brasileira.

Parcerias, uma obrigação

A Palmares tem sido um importante instrumento na ação de proteção às comunidades remanescentes de quilombos. Nos últimos quatro anos foram certificados mais de 1.000 comunidades, além do apoio a projetos e do trabalho não menos árduo na recuperação da auto-estima de um dos segmentos mais discriminados da comunidade. A Fundação envolve a um só tempo a velha questão agrária brasileira e a discriminação racial no seu grau mais concentrado. Embora, representem pouco mais de 3% da população afro-brasileira, a situação dos quilombolas no Brasil é tão dramática que se transformou em uma questão de honra para a superação do racismo. “Ampliar este atendimento, consolidar as vitórias alcançadas em articulação com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e intensificar a titulação das terras quilombolas deverá ser o passo adiante nesta caminhada.”

Muito embora, Zulu Araújo reconheça

o bom trabalho construído pela Palmares, ainda há muito por fazer. Uma das metas é dar continuidade a este processo de avanços e conquistas. Até porque é um fato a carência existente no fomento às manifestações culturais da cultura afro-brasileira. Como a escassez de recursos da Palmares para atender a demanda tão extensa. Articular-se interna e externamente, será uma das tarefas prioritárias da gestão. “Assim, construir parcerias deixa de ser uma opção e passa a ser uma obrigação. Discutir e refletir com os demais organismos do MinC sobre as sugestões e contribuições que os mesmos podem fazer para o fortalecimento da cultura será um imperativo. Do mesmo modo, a interlocução permanente com empresas estatais, agências de desenvolvimento e outros ministérios que tenham interface direta com o nosso trabalho”, completa Araújo.

“A ampliação do diálogo com os demais segmentos da sociedade brasileira, em particular com os poderes legislativo e judiciário, será fundamental, sobretudo, com as organizações, entidades e instituições que compõem o campo democrático da sociedade e que possuem demandas assemelhadas às nossas. Juntos podemos não apenas enfrentar as resistências aos avanços democráticos na área, mas também ampliar os espaços de negociação, consolidar conquistas e garantir o tratamento digno e igualitário para a cultura afro-brasileira”, reforça.

A Fundação Palmares, deverá participar ativamente da execução das políticas de estímulo e proteção cultural adotadas pelo Ministério, através da Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura, seja no âmbito dos atuais me-

canismos, como o Fundo Nacional de Cultura e Mecenato ou com a criação de outros instrumentos, ampliando parceria com a Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural, e consolidando os trabalhos junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), particularmente na área do patrimônio imaterial. Conforme definido pela Organização das Nações Unidas para a Educação e à Ciência e à Cultura (Unesco), na Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, de 17/10/2003, são “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.”

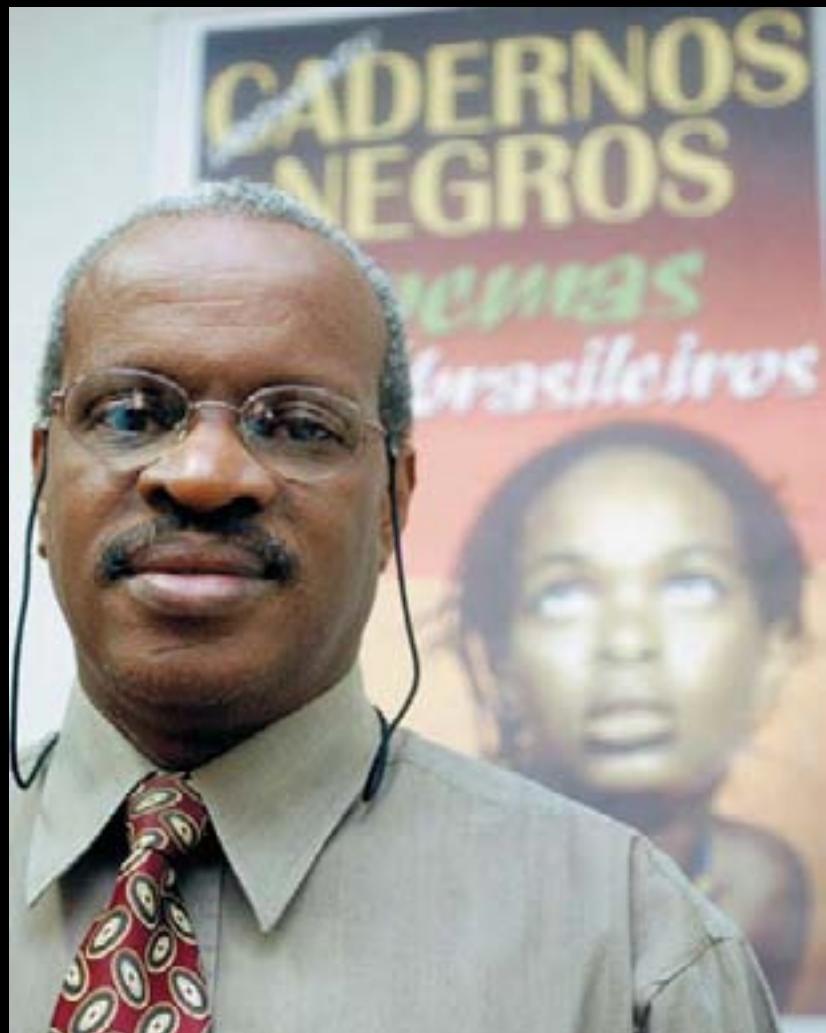
Democratização dos recursos públicos

Zulu Araújo ressaltou os editais que vêm sendo promovidos pela Petrobras contribuindo para a democratização do acesso aos recursos públicos na área. “Além desses, enfatizo os seguintes projetos: Memorial Luiz Orlando (catalogação e disponibilização para uso público do acervo do cineasta com mais de 5.000 filmes sobre o cinema

negro no Brasil e no mundo); 100 anos de Solano Trindade (seminário, exposição e reedição de parte da obra do poeta e militante) e o Prêmio Mário Gusmão (edital de premiação dos melhores trabalhos nas áreas de dança e teatro).

No campo internacional, Zulu Araújo discorreu sobre a ampliação dos contatos com os países africanos, particularmente os de língua portuguesa, bem como consolidação de instrumentos e mecanismos que viabilizem a troca permanente de experiências culturais. A II Conferência dos Intelectuais da África e da Diáspora, realizada no Brasil, em 2006, foi a semente e o sinal de que podemos ser a referência maior no processo de reflexão e elaboração de propostas para o fortalecimento da cultura negra nos países da diáspora. “Mais que isto, podemos ser um elemento poderoso na articulação de políticas internacionais para o tão desejado renascimento africano desde que cumpramos com o dever de casa, que é a implementação de políticas públicas abrangentes e inclusivas, e neste sentido, a Fundação é um lócus privilegiado para consecução destes objetivos”, frisou.

Outra importante tarefa da qual Zulu Araújo irá se empenhar em particular é o de encontrar caminhos que estimulem a plena participação da juventude no processo de desenvolvimento do País e o reconhecimento dos mesmos enquanto cidadãos. “Considerando que já existem inúmeras experiências em andamento e com relativo sucesso, como o Movimento Hip Hop, os Pontos de Cultura, Blocos Afros etc., caberá à Fundação Palmares incentivar e apoiar estas experiências, arti-



Zulu Araújo

culando-as com as demais ações do MinC, e ainda as ações da Secretaria Nacional da Juventude do Governo Federal”, disse.

Qualificar a discussão sobre a cultura negra é uma das missões mais relevantes que a Palmares tem ao seu alcance. Identificar e acolher sugestões de temas importantes para o debate, como também o Estatuto da Igualdade Racial e avaliação do sistema de cotas nas universidades públicas, além de incentivar a leitura e a reflexão sobre a importante contribuição da cultura negra para o desenvolvimento do

Brasil. Promover e estimular o estudo e a pesquisa, além de apoiar e lançar publicações sobre a temática afro-brasileira, serão de grande importância. Estimular os jovens escritores afro-brasileiros, e promover a distribuição das suas produções, particularmente entre alunos e professores das escolas públicas deverá ter um tratamento todo especial nestes próximos quatro anos. Tarefas a serem desenvolvidas não faltam. E se depender de Zulu Araújo a Fundação Cultural Palmares irá contribuir e muito para mudar o cenário cultural do País. ■

a Unipalmares é o sonho de Mandela realizado

Por: Zulmira Felício, da Redação

“A Unipalmares é o sonho de Mandela e vocês são parte do sonho de Mandela”. A afirmação refere-se ao complexo educacional do qual a Unipalmares e a Afrobras se integram – em um trabalho permanente de inclusão do afro-descendente na sociedade brasileira – e foi proferida por Mac Maharaj ao visitar a Unipalmares, no último dia 30 de março, semana em que esteve no Brasil para lançar a biografia de Nelson Mandela “Mandela, retrato autorizado”.

Comandante da guerrilha do Congresso Nacional Africano (CNA) e companheiro de luta do grande líder ao lado de quem esteve preso

na África do Sul, por 12 anos, e que também desempenhou um papel chave na luta pelo *Apartheid* naquele país, Mac Maharaj é amigo pessoal de Mandela há 48 anos e ocupou o cargo de Ministro dos Transportes, durante a presidência do líder à frente da África do Sul, de 1994 a 1999. “Vivi muito perto dele, tanto na prisão quanto na luta armada e nas negociações”, disse em entrevista especial concedida à Revista Afirmativa Plural. Entretanto, quando Mac Maharaj começou a trabalhar no projeto da biografia do livro deparou-se diante de uma questão interessante e que norteia a biografia

em referência: Por que gostam tanto desse homem?

A pesquisa serviu de base para a obra, sendo entrevistados 60 pessoas, entre padres, presidentes, primeiros-ministros, músicos, poetas, escritores, empresários e trabalhadores, de diferentes partes do mundo; enfim pessoas que conviveram e trabalharam com Mandela. “O livro tenta responder a questão porque pessoas, de diferentes nacionalidades e religiões, jovens e velhos, homens e mulheres, ricos e pobres: todos admiram Nelson Mandela. As respostas seguiram uma linha comum. Ele não é um santo e nem um pecador. É uma pessoa como eu

e você e que comete erros. Mas, cada um deles passou-me um novo entendimento sobre esse homem”, disse Mac Maharaj que completou: “cada um dos entrevistados vê em Mandela um símbolo de esperança, um homem comprometido com seus princípios, comprometido em servir a humanidade. Ele experimentou a dor, a alegria e o êxtase de se estar na luta.”

“Trabalhei muito nesse livro. Vocês precisam ler, deixar o livro (a mensagem) crescer em vocês para verem (entender) o que Mandela pode lhes dar. Essa obra não tem um único ponto de vista do homem, do mito. Todos nós precisamos de heróis nesse mundo e ele representa um ideal mundial”, reforçou.

Mac Maharaj pontuou as grandes questões enfrentadas pelo século XXI, como a pobreza, a extinção da necessidade da guerra para resolver os problemas, a necessidade de ver a diversidade como uma riqueza. “Vocês estão numa universidade diferenciada como a Unipalmares e devem acessar os recursos e as oportunidades que a instituição pode lhes proporcionar e para que se sintam confortáveis dentro da sua própria pele como deve ser com todas as pessoas”, lembrou. Segundo ele, o acesso que a Unipalmares vem providenciando é o começo de um processo a fim de conferir a cada pessoa uma oportunidade de igualdade, mas ainda há um longo caminho a percorrer. Tanto na África do Sul como em muitos países do mundo o que se vê ainda é uma economia baseada em discriminação ou pela cor da pele ou por religião. As pessoas são discriminadas e isso atinge a todos.



Mac Maharaj

Durante a palestra memorável aos alunos da Unipalmares, Maharaj se posicionou mais para um bate-papo informal com os participantes e discorreu sobre temas como liberdade, igualdade, racismo e cidadania, de forma simples e esclarecedora. Porém, deixou claro que: “o importante é que cada país entenda o que é discriminação e perceba como ela acontece. A humanidade tenta resolver esse problema

há séculos. Por isso, é fundamental que as pessoas acreditem em seus sonhos e que o espírito de liberdade permaneça firme na humanidade.”

E, assim como o grande líder e amigo Mandela, cuja humildade está intrínseca no caráter e na personalidade, Mac Maharaj disse ao público presente: “estou aqui para aprender com vocês, pois vocês são o futuro, e eu o passado.” ■

21 de março

Dia Internacional contra a

Discriminação Racial

Por: Camila Vicente, da Redação



Nelson Mandela

O artigo I da Declaração das Nações Unidas sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial, diz o seguinte:

“Discriminação Racial significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou

preferência baseada na raça, cor, ascendência, origem étnica ou nacional com finalidade ou efeito de impedir ou dificultar o reconhecimento do exercício, em base de igualdade, aos direitos humanos e liberdades fundamentais nos

campos político, econômico, social, cultural ou qualquer outra área da vida pública.”

Mas, há 60 anos atrás não era bem assim que as coisas aconteciam.

A política de segregação racial do *Apartheid* (separação, em africâner) é oficializada em 1948, com a chegada ao poder do Partido Nacional (PN), que domina a política por mais de 40 anos. O *Apartheid* impede o acesso dos negros à propriedade da terra e da participação política e os obriga a viver em zonas residenciais, separadas dos brancos, e sendo, os negros, separados em grupos étnicos e lingüísticos, formando os bantustões – nações tribais independentes onde os negros eram confinados. Casamentos e relações sexuais entre pessoas de raças diferentes tornaram-se ilegais.

A oposição ao *Apartheid* toma forma

na década de 50, quando o Congresso Nacional Africano (CNA), organização negra criada em 1912, lança a campanha de desobediência civil.

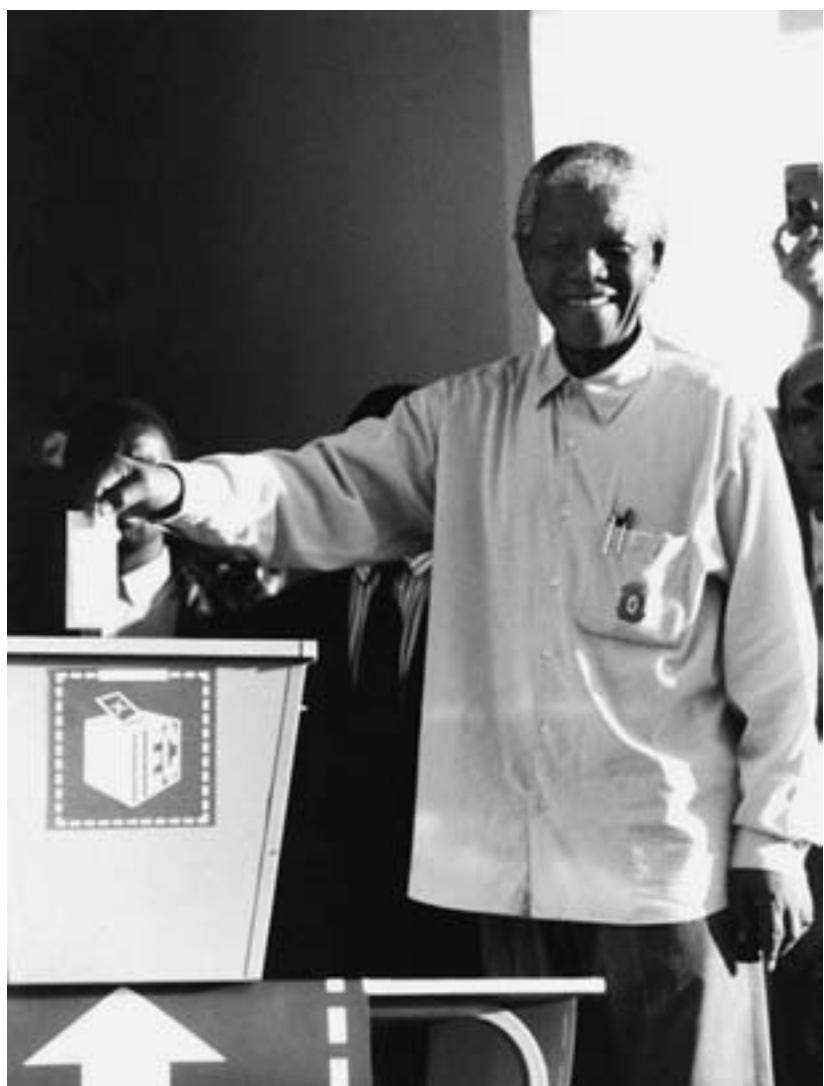
Em 21 de março de 1960, na cidade de Joanesburgo, capital da África do Sul, 20 mil negros protestavam contra a lei do passe, que os obrigavam a portar cartões de identificação, especificando o lugar onde eles podiam circular.

Mesmo sendo uma manifestação pacífica, no bairro de Shaperville, favela situada a 80 quilômetros da capital, os manifestantes se depararam com tropas do exército. As tropas abriram fogo contra a multidão, matando 69 pessoas e ferindo outras 186.

Esta atrocidade ficou conhecida como o Massacre de Shaperville; que se tornou conhecido no país e no exterior e como conseqüência o CNA foi declarado ilegal, seu líder, Nelson Mandela, é preso em 1962 e condenado a cinco anos de prisão, mas sua pena é ampliada para prisão perpétua em 1964.

Em 5 de julho de 1989, o presidente sul-africano Pieter Botha encontra-se com Mandela para preparar sua libertação, mas foi seu sucessor na liderança do PN, Frederick de Klerk, que no dia 2 de fevereiro de 1990 anuncia no parlamento as primeiras medidas para pôr fim ao sistema de *Apartheid*.

No dia 11 do mesmo mês, Mandela é libertado e assume a liderança do CNA e negocia a nova constituição com o governo; e é posta em vigor a nova constituição provisória não racial, que outorga direito de voto à maioria negra, e em 27 de abril de 1994 as primeiras eleições multiraciais na África do Sul são realizadas. Nelson Mandela sai candidato pelo Congresso Nacional Africano e se torna presidente.



Nelson Mandela

Nessa luta contra o racismo, assim como Mandela, muitos grandes nomes entraram para a história, Martin Luther King, Steven Biko e Winnie Mandela, com a mesma ousadia e o mesmo objetivo: a liberdade e o reconhecimento como ser humano, com dignidade.

Em memória a tragédia, massacre de Shaperville, a Organização das Nações Unidas (ONU) institui 21 de março como o Dia Internacional de Luta Contra Discriminação Racial.

O massacre foi um momento decisivo

na luta contra o racismo, mas ainda não ganhamos esta luta. Apesar de décadas de esforços para erradicar este problema, o vírus do racismo continua a infectar as relações e as instituições humanas, em todo o mundo, desafiando, muitos dos avanços já alcançados. No Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial, honremos todas as vítimas do passado e do presente, intensificando os nossos esforços para construir um futuro libertado deste tormento e um mundo onde a igualdade seja uma realidade para todos. ■

l iberdade, l gualdade, fraternidade... Ainda que tardia!

Por: Maria Célia Malaquias, mestre em Psicologia Social, coordenadora do NAP
– Núcleo de Apoio Psicológico da Unipalmares – mcmalaquias@uol.com.br



A Declaração Universal dos Direitos Humanos traz em seu primeiro artigo: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em Dignidade e Direitos, e dotados que são de razão e consciência, devem comportar-se fraternalmente uns com os outros.” Evidencia-se explicitamente um ideal a ser atingido por todos os povos e todas as nações no sentido de promover o respeito a tais Direitos e Liberdades. Ao buscarmos aprofundar nossas reflexões, nos damos conta de que a sociedade num dado momento de sua evolução cria regras que visam nortear as relações humanas. As Leis surgem na medida em que há uma ameaça à integridade e à existência, ou seja, faz-se presente as contradições que permeiam nossas relações e são inerentes à vida humana. Ao denominar um Dia International para reflexão sobre a Luta contra a Discriminação Racial, significa assumir que a sociedade discrimina parte de seus cidadãos e que é necessário a organização da própria sociedade para

viabilizar instrumentos de luta contra tal discriminação, ou seja, parte desta mesma sociedade demonstra ter ciência da necessidade de medidas, de intervir nesta realidade.

A relevância das datas está no exercício de explicitação, de revelação e divulgação. É a oportunidade que a sociedade se dá para ao menos nestas datas trazer para o centro das discussões os protagonistas principais, que são as populações alvos de preconceito e de discriminação. Trata-se de um processo complexo, seu surgimento dá-se no momento em que parte desta mesma sociedade, se organiza para colocar em cena suas próprias contradições. Notamos que é nesta complexidade de movimentação que os avanços sociais se fazem presentes, em uma histórica que traz a marca de um passado, se atualiza no presente e aponta para necessidades de maiores transformações. Entendemos que neste processo é necessário darmos conta que nossas lutas não foram em vão, pelo contrário, reconhecemos nossas

conquistas, mas queremos mais, ainda há muito para conquistarmos. Elegeremos nossas finalidades e integrá-las em nossas ações coletivas.

Somos co-responsáveis na fomentação da existência dos direitos a todos, do Direito à Vida construída coletivamente, do atendimento às necessidades básicas e ao acesso a todos os níveis da existência humana, bem como de fazer cumprir as propostas elaboradas conjuntamente.

Quem sabe possamos nos empenhar para exercitar a empatia, nossa capacidade para nos colocarmos no lugar do outro, nos apropriarmos da experiência de tentar enxergar com o olhar do outro, para a partir desta vivência propormos ações que visem o Bem Comum. Oxalá que os valores universais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade deixem de ser utópicos e se concretizem nas relações que reconhecem as diferenças e as incluem como um diferencial que pode completar, agregar, somar, multiplicar! ■



Excelência em Pós-graduação

Lato Sensu

DIREITO

Direito Civil
Direito do Trabalho
Direito
Internacional
Direito Penal
Direito Processual
Direito Tributário

EDUCAÇÃO

Educação
Matemática
Psicopedagogia
na Educação

ENFERMAGEM

Enfermagem do Trabalho
Enfermagem
em Centro Cirúrgico
Enfermagem em UTI
Saúde da Família

ENGENHARIA E EXATAS

Engenharia de Redes
e Sistemas
de Telecomunicações
Engenharia de Segurança
do Trabalho
Gestão de Manutenção
Produtiva

Gestão em Engenharia
de Manutenção

FINANÇAS

Controladoria de
Empresas
Gestão Financeira
Avançada
Mercado de Capitais

FISIOTERAPIA

Fisioterapia Neurológica
Adulta e Pediátrica
Fisioterapia Respiratória
Terapias Manuais

INFORMÁTICA

Projeto
e Desenvolvimento
de Sistemas Web
Segurança da Informação
Sistemas em
Software Livre
Tecnologia da Informação

LETRAS

Língua Inglesa e Tradução
Língua Portuguesa e
Literatura

ODONTOLOGIA

Cirurgia e Traumatologia
Buco-maxilo-faciais
Dentística
Endodontia
Implantodontia
Odontopediatria
Ortodontia
Periodontia

ADMINISTRAÇÃO

Administração de
Recursos Humanos
Administração Geral
Administração Hospitalar
Gestão de Negócios
em Turismo
e Hospitalidade
Gestão da Qualidade
Gestão de Organização
do 3.º Setor
Gestão de Projetos
Gestão de Finanças
Gestão de Processos
Produtivos
Logística Integrada
Marketing
Negócios Internacionais

ARQUITETURA

Arquitetura e Paisagem

COMUNICAÇÃO

Comunicação e Mídia
Marketing e Comunicação
de Mercado
Marketing Internacional

PSICOLOGIA

Arte-terapia
Psicoterapia Breve
Operacionalizada

MBA - MASTER BUSINESS ADMINISTRATION

Administração
de Finanças e *Banking*
Arquivologia e Gestão
Documental
Comércio Exterior -
Logística Internacional
Direito Desportivo
Gestão da Tecnologia
de Informação e *Internet*
Gestão Estratégica:
Habilitação
em Serviços
Programa Executivo
em Finanças Aplicadas
a Instituições
do Mercado Segurador

Cursos presenciais e presenciais com interação on-line.

Administração de Recursos Humanos | Administração Geral

Administração Hospitalar | Direito do Consumidor

Formação de Professores para o Ensino Superior | *Marketing*

Descontos diferenciados, na Pós-graduação
Lato Sensu, para ex-alunos da UNIP e empresas.

Informações: 0800 010 9000 ou pelo site www.unip.br

Stricto Sensu

Doutorado **D e Mestrados **M****

recomendados pela Capes - MEC

Engenharia de Produção **D** Administração **M**

Engenharia de Produção **M** Comunicação **M**

Medicina Veterinária **M** Odontologia **M**

do 21 de março
a 13 de maio

Por: Maurício Pestana, cartunista, publicitário (www.mauriciopestana.com.br)

Vinte um de março de 1960, Shaperville subúrbio de Jonesburgo, capital da África do Sul, 20 mil negros protestavam contra a Lei do Passe, que os obrigavam a carregar cartões que especificavam o local onde podiam circular.

Ao depararem-se com tropas do exército, mesmo sendo uma manifestação pacífica os militares atiraram sobre a multidão, matando 69 pessoas e ferindo outros 186; este episódio ficou conhecido como Massacre de Shaperville, e em memória às vítimas a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o 21 de março como o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial.

O século XX foi marcado pela agres-

são do estado contra cidadãos seja, em conflitos internos como nas diversas ditaduras que proliferaram por todo planeta ou de estado contra estado que teve seu ponto máximo nas duas guerras mundiais na primeira metade do século.

Foram várias as ações tomadas pela humanidade para que a barbárie como a de Shaperville ou a de Auschwitz - (o mais famoso campo de concentração do Nazismo alemão) não acontecesse novamente, sem dúvida a mais eficaz foi a da memória, ao lembrarmos anualmente esses episódios conscientizamos as novas gerações para que tragédias como aquelas não mais se repitam.

Diferente do século passado vivemos momentos em que a agressão do estado contra seus cidadãos ou de um estado contra outro se faz de forma mais sutil e difícil de identificar e muitas vezes de contra argumentar, pois o discurso da defesa da Liberdade, da Democracia e até mesmo do Combate à Violência nos parece tão convincente que assistimos estados soberanos serem ocupados (mesmo sem autorização da ONU) e nos parece normal, vemos a polícia ocupar comunidades cariocas em nome do combate à violência. Também assistimos grupos paramilitar de extermínio se proliferar por todo o País em nome da ordem e da falta de estado,

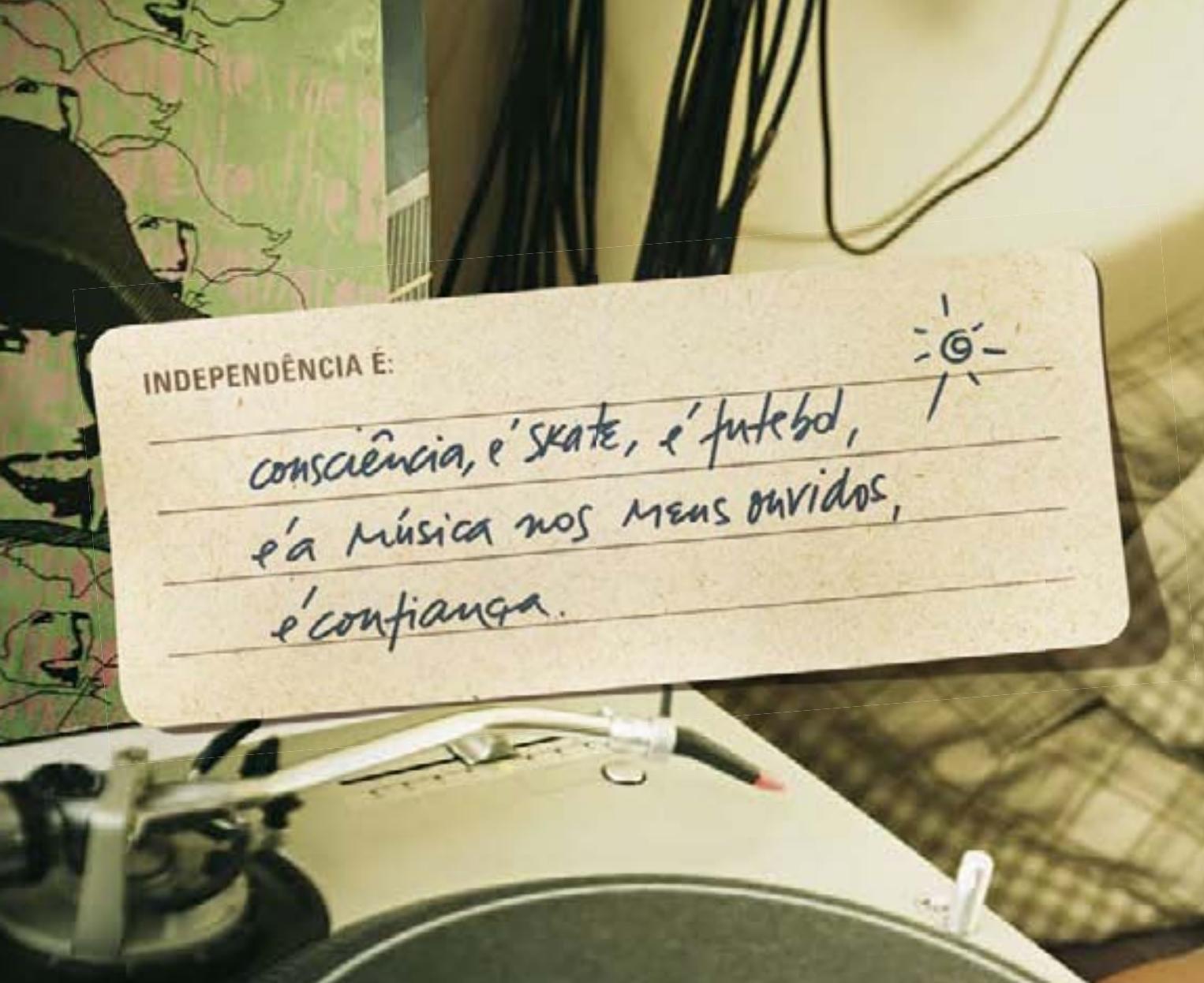


Maurício Pestana

ou seja os conflitos tanto internos como externos, não se polarizam mais entre oriente e ocidente, entre esquerda e direita, Estados Unidos e União Soviética ou ricos e pobres, hoje o conflito é generalizado aqui, ali ou em qualquer lugar uma bomba pode explodir ou uma bala perdida pode ser alojada sem data, hora ou dia para lembrar, refletir ou ser institucionalizado pela ONU. A barbárie e a violência cotidianamente que estamos vivemos já fazem parte da cultura deste início de século XXI, a

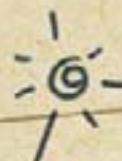
aparente normalidade nossa apenas é interrompida quando nos deparamos com números como os anunciados dias atrás pela Organização dos Estados Ibero Americano, demonstrando que no Brasil no ano de 2004 foram assassinadas 48 mil pessoas, e que se não estivéssemos em tempos de “Paz” estaríamos atrás apenas do Iraque, que está em guerra. Ao refletirmos sobre esses números da violência concluímos que 21 de Março tem que ser lembrado, assim como o 13 de Maio, marco do fim

da violência física e moral do negro no Brasil e início da violência física, econômica, educacional e moral do negro brasileiro que tem como seu maior agressor o próprio Estado que investe quase nada para sanar o problema criado por ele mesmo no dia 14 de maio de 1888. Datas como 21 de Março e 13 de Maio precisam ser lembradas cotidianamente, principalmente nos dias de hoje para entendermos não só os efeitos, mas também as causas e as raízes da violência no Brasil e no mundo. ■



INDEPENDÊNCIA É:

consciência, é 'skate, é futebol,
é a música nos meus ouvidos,
é confiança.



**Quem abre uma conta REAL UNIVERSITÁRIO tem mais que independência:
tem um banco com visão de mundo sustentável.**

Primeiro banco a oferecer uma conta para universitários.

Primeiro banco a lançar talão de cheques com papel ecologicamente correto.

Primeiro banco a se preocupar e a fazer coleta seletiva de lixo.

Primeiro banco a considerar aspectos socioambientais na aprovação de crédito.

Acesse www.bancoreal.com.br/universitario e junte-se a nós. Abra sua conta.

Real Universitário. Para sempre, um parceirão.

REAL UNIVERSITÁRIO



mag

ANDRÉ GUAZZELLI,
cliente Real Universitário.

Fazendo mais que o possível



BANCO REAL
ABN AMRO

Os produtos estão condicionados à inexistência de restrições cadastrais. Para o Realmaster, a partir do 11º dia serão cobrados juros por todo o período. Serão sempre devidos o IOF e a CPMF, na forma da lei. Consulte a mensalidade do seu cartão.



consciência da diferença

Por: Gilberto Passos Gil Moreira, Ministro de Estado da Cultura

No início do Século XX, um dos maiores poetas da língua portuguesa, Fernando Pessoa, afirmou em seu poema Mensagem que “Deus quis que a Terra fosse toda uma, que o mar unisse e já não separasse.” Hoje, no mundo globalizado, alguns podem até dizer que a Terra já é uma, mas, ainda, não se tornou uma. Una em sua diversidade. Una em generosidade ante a diferença. Muitos anos depois, outro célebre português, o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, nos trouxe um dos mais lúcidos ensinamentos, segundo ele, “devemos lutar pela igualdade toda vez que a diferença nos inferioriza, mas também devemos lutar pela diferença toda vez que a igualdade nos descaracteriza.” No Dia Nacional da Consciência Negra e no Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial é um momento oportuno para refletirmos essa questão. É dia de honrarmos nossas raízes guerreiras, que nos ensinaram a resistir e a nos afirmar pela igualdade. Mas também é dia de honrarmos nossas raízes fraternas, que nos ensinaram a per-

mitir e a lidar com a diversidade. É nesse sentido que a contribuição negra precisa se dizer forte, precisa se dizer completa, não só porque queremos ser iguais, mas porque também queremos o desigual, porque queremos acolher a diferença. A grandeza da existência humana é poder trabalhar com a pluralidade, é poder ter a grandeza de compreender nas diferenças o conjunto da igualdade humana. Por isso, essas datas são uma belíssima oportunidade para celebrarmos a diversidade como fundamento e valor da humanidade. Também é uma oportunidade para cada vez menos lamentarmos as exclusões e discriminações sofridas pela comunidade negra e, cada vez mais, celebrarmos os avanços alcançados pela sociedade brasileira e pelo Estado para a democracia racial. Avançamos enquanto testemunho de inovação. Quando, por exemplo, protagonizamos uma mobilização planetária dos países da Diáspora Negra. Avançamos quando ampliamos o horizonte da discussão sobre a negritude, não somente pelo olhar brasileiro, mas pelos olhares dos

diversos povos negros do mundo. Avançamos quando colocamos a intelectualidade e a arte negra em evidência, como fizemos neste ano, com a Conferência dos Intelectuais da África e da Diáspora – CIAD. Avançamos quando nos colocamos no mundo não mais como platéia, mas como atores e autores potenciais da história. Quando conseguimos ser reconhecidos por nossos feitos e nossos jeitos. Zumbi e tantos outros negros, célebres ou anônimos, tiveram que mostrar ao mundo o valor da diferença pela luta e pela dor. Hoje mostramos ao mundo o valor da diferença pela estética e pelo pensamento, por nossa arte, nossa palavra, nosso argumento e por nossas criações e contribuições ao mundo. O Brasil, em sua juventude de 506 anos na civilização ocidental, aprendeu a ser diverso na adversidade. Essa qualidade, genuína de um país mestiço, nos foi concedida pelo negro, que nos abençoou com seus sincretismos e nos deu o tempero da mistura. O Brasil é o que é hoje porque é negro,



Ministro Gilberto Gil

porque é amarelo, porque é branco, porque é plural. A brasiliade, embora muitos ainda não admitam, é o que é hoje porque é principalmente negra. O negro nos deu resistência e coragem para sermos o que hoje somos, mas também nos deu ginga, cadênciâa e generosidade para permitir que os outros também sejam.

A qualidade do negro está na capacidade de se afirmar não só pela raça, mas pela graça, não só pela luta, mas pela ternura, não só pela régua, mas pelo compasso. A qualidade do negro é trabalhar a diversidade em sintonia com a alteridade. Por essa qualidade procuramos qualificar o mundo e deixar que o mundo

nos qualifique. Por essa qualidade procuramos resgatar o sentido de Terra Una. Curiosamente, na língua tupi-guarani, una significa negro. No duplo sentido aqui figurado, faço então o meu convite para que, juntos, possamos construir a Terra unida, não só pelos mares, mas pelo profundo sentimento de humanidade. ■

abolição da

Por: Camila Vicente, da Redação



Camila Vicente

Quando falamos em escravidão é quase impossível não lembrar dos portugueses, espanhóis e ingleses que superlotavam os porões de seus navios de negros africanos colocando-os à venda de forma desumana e cruel.

A escravidão vem desde os primórdios de nossa história, quando os povos vencidos em batalhas eram escravizados por seus conquistadores, mas no Brasil e com os negros se deu da seguinte forma:

Na primeira metade do século XVI, não existia mão-de-obra para trabalhos manuais, com a colonização e a produção de açúcar, eles procuraram usar o trabalho dos índios, mas além deles não resistirem nas lavouras os religiosos se colocaram em defesa dos mesmos condenando a sua escravidão, fazendo com que os portugueses fossem buscar os negros africanos para o trabalho escravo em sua colônia, assim como os europeus estavam fazendo.

Os negros eram trazidos do continente africano, dentro dos porões, amontoados e acorrentados, sem a menor higiene de forma que muitos morriam antes de chegarem ao Brasil, quando isso acontecia os corpos eram lançados ao mar. Ao chegarem aqui eram vendidos aos senhores de engenho e aos fazendeiros, que os tratavam da pior forma possível, fazendo os trabalharem de sol a sol, recebendo apenas trapos de roupa e uma alimentação de péssima qualidade, passavam as noites nas senzalas acorrentados, para evitar fugas, os erros eram

Escravatura

castigados das formas mais diversas e brutais indo da palmatória às chicotadas, que deixavam as costas e as nádegas em carne viva. Nas feridas colocavam sal para que a dor se prolongasse por dias e o castigo jamais fosse esquecido, e usavam aparelhos de tortura.

Eles eram proibidos de praticar a religião de origem africana ou de realizar festas e rituais. Tinham que seguir a religião católica e adotar a língua portuguesa na comunicação, mas mesmo com todas as restrições, não deixaram a cultura africana se apagar, e desenvolveram até uma forma de luta: a capoeira.

No século do ouro (XVIII) alguns escravos conseguiram comprar sua carta de alforria, tornando-se livres, porém as poucas oportunidades e o preconceito da sociedade acabavam-lhes fechando as portas. A estimativa de vida do negro após chegar ao Brasil era de sete a dez anos. Buscavam uma vida digna, reagindo à escravidão e fugindo para as florestas formando os quilombos, no meio da mata.

A partir do século XIX a escravidão começou a ser contestada pela Inglaterra, interessada em ampliar seu mercado consumidor no Brasil e no mundo, o parlamento inglês aprovou a Lei Bill Aberdeen (1845) que proibia o tráfico de escravos, dando o poder aos ingleses de abordarem e aprisionarem navios de países que tinham essa prática.

Em 1850, o Brasil cedeu às pressões inglesas e aprovou a Lei Eusébio de Queiroz que acabou com o tráfico ne-

greiro. Após a guerra do Paraguai (1865-1870), o movimento abolicionista ganhou impulso e os milhares de escravos vitoriosos de guerra, muitos até condecorados, se recusavam a voltar à condição anterior e sofreram pressão dos antigos donos. O problema social tornou-se uma questão política para a elite dirigente do segundo reinado. E, em 28 de setembro de 1871, era aprovada a Lei do Vento Livre que dava liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir daquela data, contudo, mantendo-os sob tutela de seus senhores até atingirem a idade de 21 anos.

Em 1884, o Ceará decretou o fim da escravidão em seu território. Esta decisão, fez com que aumentasse a opinião pública sobre as autoridades federais. E, em 1885, o governo promulgou a Lei Saraiva-Cotegipe ou Lei dos Sexagenários que libertava os escravos com mais de 60 anos, mediante compensações a seus proprietários. A lei foi pouco significativa já que poucos cativos atingiam essa idade e os que sobreviviam não tinham de onde tirarem o seu sustento. Foram 115 anos de escravidão aonde o escravo era propriedade do branco, podendo ser vendido, doado, emprestado, alugado, hipotecado, confiscado, sem ter direito al-



gum, não podia possuir ou doar bens, nem iniciar processos judiciais, mas podia ser castigado e punido. No dia 13 de maio de 1888, a princesa Isabel assinou a lei 3.353, Lei Áurea, libertando os escravos.

Este é um capítulo da história do Brasil que não pode ser apagado e suas consequências ignoradas, fazendo com que o dia 13 de maio ganhe tamanha importância.

No entanto, o fim da escravatura, não melhorou a condição social e econômica dos ex-escravos. Sem formação escolar nem profissão definida, para a maioria deles a simples emancipação jurídica não mudou sua condição subalterna, muito menos ajudou a promover sua cidadania ou ascensão social. ■

reflexão e ação

Por: Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo

O massacre de Shaperville, em 21 de março de 1969, deixou como legado histórico o reconhecimento pela sociedade moderna de uma de suas mais graves feridas: o racismo. Infelizmente, 69 pessoas tiveram que morrer em uma manifestação pacífica contra o regime racista na África do Sul, para que o mundo assumisse essa questão como um tema global e real. O episódio levou a ONU a instituir o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial e agora cabe a todos nós utilizarmos essa data para refletirmos sobre a discriminação e, mais do que isso, agirmos no combate a ela.

No Brasil, o tema ainda é tratado de maneira velada. A sociedade sempre negou a existência da discriminação racial e somente em 1994 o governo federal reconheceu formalmente a existência do racismo. Além disso, também há os que concordam com o sociólogo Gilberto Freyre, que na década de 30 defendia que o preconceito na sociedade brasileira estava ligado à questão social; ou seja, a discriminação era motivada pela pobreza e não pela cor da pele.

Seja qual for a razão, o fato é que precisamos sempre avaliar nossa realidade e nos debruçar sobre ela até que qualquer tipo de preconceito seja eliminado. E quando falamos em eliminar o precon-

ceito, não podemos entendê-lo apenas no sentido das ações individuais ou do comportamento de determinado grupo de pessoas com relação a outras. Extinguir o preconceito é garantir a todo cidadão, independentemente de cor da pele ou condição social, uma situação de igualdade de oportunidades.

E é exatamente aí que está o maior simbolismo da discriminação existente no País. De acordo com dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, enquanto que 32,8% dos brancos empregados na Região Metropolitana de São Paulo estudaram somente até o primeiro grau do ensino fundamental, entre a população negra esse índice é de 54%. Já quando o assunto é o ensino médio e o ensino superior, a proporção de brancos que freqüentaram as aulas é cinco vezes superior ao de negros.

Podemos dizer, inclusive, que esse cenário se reflete diretamente no rendimento de cada grupo: apenas 5,3% dos negros recebem mais de 10 salários mínimos.

Esse é um retrato que só poderá ser mudado com políticas públicas específicas. A cidade de São Paulo possui, desde dezembro de 1992, a Coordenadoria dos Assuntos da População Negra (Cone). A função dela é formular, coordenar, acom-

panhar, sugerir e implementar políticas públicas para suprir as necessidades específicas da população negra, com o objetivo de combater o racismo e promover a integração dessa população no município.

Como ações recentes dessa coordenação, destaco a criação do Conselho Gestor da Coordenadoria dos Assuntos da População Negra. Ele estabelece uma interface efetiva entre o poder público e a sociedade civil e vai possibilitar um debate organizado da questão racial. Também cito o curso de jornalismo e relações raciais, cuja meta é desmistificar o racismo disfarçado na sociedade brasileira. Este ano, o curso deverá acontecer nas sete macro regiões da cidade.

De forma global, entretanto, o maior passo dado por esta gestão no sentido de combater as desigualdades são os grandes projetos de saúde e de educação. O objetivo da atual administração é garantir a qualidade do ensino e do atendimento à saúde em todo o município.

Se considerarmos os números apontados anteriormente, podemos concluir que a maior parte da população negra paulistana está na periferia da cidade. E é exatamente essa população, que depende do poder público para ter educação e atendimento à saúde, que tem a prioridade da gestão.



Gilberto Kassab

Além das políticas de conscientização e de combate à discriminação, precisamos garantir a essa parcela da população o acesso à educação e ao emprego.

Os investimentos em saúde e educação são o princípio e o fundamento dessa mudança que precisa ocorrer na sociedade. Tenho confiança de que dessa

maneira poderemos ter pesquisas que apontem níveis similares de escolaridade e de rendimento entre negros e brancos brasileiros. ■

Discutir racismo é discutir um assunto que interessa diretamente a mais de 80 milhões de brasileiros. É colocar o dedo em uma ferida histórica, e enfrentar o desafio de resgatar uma dívida de quase cinco séculos. Por que a abolição da escravatura não conseguiu, nem de longe, varrer do País o preconceito e a discriminação. Nem foi capaz de impedir que nossos negros e mulatos carregassem uma triste herança, traduzida em injustiça, desigualdade e exclusão social.

Claro que avançamos muito, desde a aprovação da Lei Afonso Arinos, em 1951. E as maiores conquistas, sem dúvida, devem-se à garra e seriedade do Movimento Negro, multiplicado pelo Brasil em centenas de entidades que carregam, com orgulho, a bandeira de Zumbi dos Palmares.

Nossa Constituição é clara: racismo é crime, sem direito à fiança ou prescrição. Somos signatários dos mais importantes instrumentos internacionais de direitos humanos, incluindo a Convenção Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, e criamos, nos últimos anos, uma série de instituições e programas de combate à discriminação racial. Também, aprovamos uma lei que torna obrigatórias as aulas de História e Cultura Afro-Brasileira no ensino básico – um instrumento valioso de conscientização racial.

Infelizmente, porém, os indicadores sociais mostram que não temos muito a comemorar; 47% dos negros vivem

combate à discriminação racial nas áreas do trabalho, saúde, educação, cultura e nos meios de comunicação, o Estatuto prevê, entre outros pontos, uma cota de recrutamento mínimo de 20% de afro-descendentes nas universidades e na administração pública.

Para assegurar os recursos necessários à implementação das políticas de combate ao racismo, o Congresso também precisa aprovar a criação do Fundo de Promoção da Igualdade Racial. E precisa trabalhar por uma política de crescimento econômico que envolva maior distribuição de renda e redução das desigualdades sociais.

Temos de cobrar do governo uma adequada capacitação de professores para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Temos que exigir uma solução para o problema da população quilombola, que não consegue o reconhecimento de suas terras e vive em condições extremamente precárias. A Secretaria Especial para a Promoção da Igualdade Racial precisa ser fortalecida e atuar de forma integrada com todos os ministérios. Além disso, tribunais e procuradorias devem contar com pessoal e setores especializados em racismo e discriminação racial. Trezentos e dez anos depois do sacrifício de Zumbi dos Palmares, esse é o nosso compromisso. Esse é o nosso desafio. ■

resgate de uma dívida histórica

Por: Renan Calheiros, presidente do Senado Federal

abaixo da linha da pobreza, contra 22% de brancos. A expectativa de vida dos afro-descendentes é de 67/87 anos, contra 73/99 no caso dos brancos. E uma criança negra tem 66% mais chances de morrer no primeiro ano de vida do que uma branca. Pior: quanto mais um cidadão negro estuda, e se qualifica para o mercado de trabalho, maior é a distância proporcional de salários e oportunidades que o separa de colegas brancos igualmente qualificados.

O Congresso Nacional, é claro, tem uma grande cota de responsabilidade nessa luta. O Estatuto da Igualdade Racial, aprovado pelo Senado em 2005, precisa passar pela Câmara e sair do papel. Arcabouço legal completo para o



o ideal maior dos afro-descendentes

Por: Ives Gandra da Silva Martins, presidente do Conselho Superior de Direito da Fecomercio-SP e do Centro de Extensão Universitária-CEU

Os três temas mais debatidos, na segunda metade do século XIX, os quais terminaram por derrubar o 2º Império, foram a abolição da escravatura, a República e a Federação.

Os maiores intelectuais do País, pertencentes aos dois grandes partidos da Monarquia Parlamentar, travavam discussões, nos dois mais renomados institutos de advogados (o de São Paulo e o do Rio), sobre essas questões candentes, polêmicas e atuais, entre elas a primeira constituindo a maior chaga do Estado.

Nos Estados Unidos, a guerra de Secessão vencera as últimas resistências dos escravocratas sulistas, os mesmos que levaram a Suprema Corte americana, no caso Dred Scott, em 1857, segundo lembrado por Roberto da Silva Martins a proferir decisão da qual certamente seus integrantes ainda hoje devem se envergonhar. Decidiram os magistrados que: "1) o negro não é uma pessoa humana e pertence a seu dono; 2) não é pessoa perante a lei, mesmo que seja tido por ser humano; 3) só adquire personalidade perante a lei ao nascer, não havendo qualquer preocupação com sua vida; 4) quem julgar a escravidão um mau, que não tenha escravos, mas não deve impor esta maneira de pensar aos outros, pois a escravidão é legal; 5) o homem tem o direito de fazer o que quiser com o que lhe pertence, inclusive com seu escravo; 6) a escravidão é

melhor do que deixar o negro enfrentar o mundo." (A Vida dos Direitos Humanos", Sérgio Antonio Fabris Editor, 1999)."

A pressão do Movimento de libertação foi crescendo de tal forma, no Brasil, que o governo foi obrigado a ceder e a editar sucessivas leis amenizadoras do regime escravocrata até o dia 13 de Maio de 1888, quando acabou, definitivamente, com a nódoa da escravidão, em nosso território. Da lá para cá, a luta dos afro-descendentes contra os preconceitos – hoje respaldada pelo art. 3º, IV da C.F., que estabelece, como um dos objetivos da República, a não-discriminação racial - tem sido travada para superar as dificuldades de inserção social da grande parcela da população, que representam, no mesmo "status" de cidadania alcançado pelos representantes de outras "raças", vindas também de outros continentes ou nascidas no próprio País. Tem-se, todavia, estudado pouco a fantástica contribuição que os afro-descendentes ofertaram para a formação da sociedade. Seus mais expressivos intelectuais e seus heróis, surgidos na guerra para a libertação de Pernambuco do domínio holandês e, principalmente, na batalha cuja data transformou-se no aniversário da formação do Exército Brasileiro (Guararapes), a meu ver, sinalizam ideais muitos maiores

do que apenas o de adquirir maior "status", de ter o mesmo nível de riqueza ou as mesmas benesses que, no curso da história, os brancos se auto-outorgaram.

Vejo na sua luta muito mais do que o desejo de apenas vencer os preconceitos e nivelar o padrão de vida. Vejo algo que poucos brancos, poucas pessoas de outras raças e poucos governantes vislumbraram. Vejo a mensagem dos integrantes de uma raça injustiçada na história, de oferecimento de sua colaboração autêntica para que, juntos, todos os brasileiros, sem exceção, constituam uma nação melhor, mais digna, mais solidária. Desejam muito mais do que a singela igualdade, que já têm – pelo menos – no ordenamento jurídico. Almejam unir-se aos brasileiros de todas as raças para tornar o Brasil exemplo de integração e valorização da dignidade humana, como modelo para as demais nações.

E, pessoalmente, vejo, no estupendo trabalho da Unipalmares, exemplo deste magnífico esforço para, ao defender os valores dos afro-descendentes, colaborar, decididamente, para transformar o Brasil na mais socialmente justa e digna das democracias.

Parabéns, portanto, aos que nele estão empenhados, desenvolvendo ações que devem ser admiradas por todos os brasileiros deste País "pluriracial." ■



Ives Gandra da Silva Martins

Há 7 anos, em 1999, apresentei o primeiro projeto de lei que trata da utilização da política de cotas para garantir o acesso da população afro-descendente à universidade e aos empregos públicos, passo fundamental para começarmos o resgate da dívida do Brasil com o seu passado. A reação da mídia e de parte da elite, preconceitu-

bro de 1831 tornava livres todos os escravos chegados ao Brasil. Esta ilegalidade explícita não dispensava o conhecimento de que, desde o descobrimento, nenhuma lei autorizava a escravidão no Brasil. A importância do ato de 13 de maio de 1888 é de ter formalizado, de maneira simples, a ilegalidade a que eram submetidos os africanos e seus descendentes que haviam construído o Brasil.

Nabuco, em “O Abolicionismo”, respondia diretamente à questão de porque não esperar mais para fazer a

dezoito anos, a Fundação Palmares, destinada a dar um suporte institucional às reivindicações e tomar a iniciativa da mobilização da sociedade. Em 1989, sancionei a lei 7.716, que define os crimes de racismo. O projeto de cotas que apresentei foi aprovado no Senado Federal e amplamente debatido, e dele partiu a implantação de quotas nas universidades federais.

O problema da discriminação racial é histórico e suas raízes estão na escravidão e no preconceito. Acredito ser o Brasil uma democracia racial que convive com enormes preconceitos. E se não temos a segregação racial explícita, existe a discriminação encoberta, mascarada, escondida, até mesmo inconsciente. Se é verdade que a exclusão dos negros e da comunidade negra coincide em grande parte com a dos pobres,

ainda a ação afirmativa

Por: José Sarney, Senador

osa, continua num debate que ignora até mesmo as experiências muito bem sucedidas em várias universidades. Um empresário, no começo deste ano, sustentou a tese de que toda a violência social no Rio de Janeiro é consequência de se ter acabado a escravidão muito cedo e sem a indenização aos proprietários. É espantoso que uma tese tão absurda ainda possa ser levantada. Quando se lançou a campanha pelo abolicionismo, Nabuco mostrou que àquele tempo, na década de 1870, as pessoas tidas como escravas estavam sob um estatuto de ilegalidade explícita, pois a lei de 7 de novem-

abolição. “Vinte anos mais de escravidão, é a morte do país.” Sobre o efeito na lavoura, demonstrava que a experiência americana provava o contrário, e é disto mesmo que se convencerá Antonio Prado ao tomar a iniciativa da emancipação entre os grandes proprietários de São Paulo. O movimento abolicionista conseguira convencer todas as camadas da população e, com todas as classes, avançava município a município, quarteirão a quarteirão. O problema do negro brasileiro sempre esteve no sentimento da minha alma. Presidente da República, insitui, no centenário da Abolição, há

elas não podem ser confundidas. Os negros, entre os pobres, são os mais pobres; entre os que não conseguem o acesso à educação, a maioria; entre os doentes, os mais graves.

A luta pela reparação da injustiça secular ainda levará muito tempo para se concluir. A ação afirmativa é um passo de um longo caminho. Alcançar a liberdade é alcançar a igualdade, é realizar e viver a plenitude da fraternidade. A ascensão social do negro é um dos grandes desafios deste país. Enquanto o negro não tiver o espaço que merece, o Brasil não será um País justo. ■



Divulgação Senado

José Sarney

igualdade entre as raças

*Por: Marco Aurélio Mendes de Farias Mello, Ministro do Supremo
Tribunal Federal*

Na constituição de 1988 adotou-se pela primeira vez, um preâmbulo – o que é sintomático, sinalizando uma nova direção, uma mudança de postura –, após o que a Lei Maior é aberta com o artigo que lhe evidencia o alcance: constam como fundamentos da República Brasileira a cidadania e a dignidade da pessoa humana. Do artigo 3º vem-nos luz suficiente ao agasalho de uma ação afirmativa, à percepção de que o único modo de se corrigir desigualdades à colocar o peso da lei, com a imperatividade que ela deve ter em um mercado desequilibrado, a favor daquele que é discriminado, que é tratado de forma desigual. Nesse preceito são considerados como objetivos fundamentais de nossa República: primeiro, construir – preste-se atenção a esse verbo – uma ansiedade livre, justa e solidária, segundo, garantir o desenvolvimento nacional – novamente

temos aqui o verbo a conduzir não a uma atitude simplesmente estática, mas a uma posição ativa; erradicar a pobreza, a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; e, por último, no que nos interessa, promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Pode-se afirmar sem receio de equívoco, que se passou de uma igualização estática, meramente negativa, no que se proibia a discriminação, para uma igualização eficaz, dinâmica, já que os verbos, “construir”, “garantir”, “erradicar” e “promover” implica, em si, mudança de óptica, ao denotar “ação”. Não basta não discriminar. É preciso viabilizar – e encontramos na Carta da República, base para fazê-lo – as mesmas oportunidades. Há de ter-se como página virada o sistema simplesmente principiológico. A pos-

tura deve ser, acima de tudo, afirmativa. E é necessário que seja a posição adotada pelos nossos legisladores. O fim almejado por esses dois artigos da Carta Federal é a transformação social, com o objetivo de erradicar a pobreza, que é uma das maneiras de discriminação, visando-se, acima de tudo, ao bem de todos, e não apenas daqueles nascidos em berço de ouro.

No campo dos direitos e garantias fundamentais, deu-se ênfase maior a igualização ao prever-se, na cabeça do artigo 5º, que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, assegurando-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Seguem-se setenta e sete incisos, cabendo destacar o XLI, segundo o qual “a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos



Divulgação Supremo Tribunal Federal

Marco Aurélio Mendes de Farias Mello

“ Cidadania não combina com desigualdade.
República não combina com preconceito.
Democracia não combina com discriminação. ”

e liberdades fundamentais”; o inciso XLII, a prever que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão, nos termos da lei.” Veja-se que nem a passagem do tempo, nem o valor “segurança jurídica”, estabilidade nas relações jurídicas, suplantam a ênfase dada pelo nosso legislador constituinte de 1988 a esse crime odioso, que é o crime racial. Mais ainda: de acordo com o § 1º do artigo 5º, “as normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata.” Em relação aos direitos e às garantias individuais, a Carta de 1988, tornou-se desde que promulgada, auto-aplicável, cabendo aos responsáveis pela supremacia do Diploma Máximo do País buscar meios para torná-lo efetivo. Consoante o § 2º desse mesmo artigo, os direitos e garantias expressos na Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, e aqui passou-se a contar com os denominados direitos e garantias implícitos ou insertos nos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.

A Lei nº 7.716/89, de autoria do Deputado Carlos Alberto Cão, veio capturar determinados procedimentos, à margem da Carta Federal, como crime. Deveriam ter sido previstas, além da pena de prisão, também penas de

multa em valores elevados. É o caso de perguntarmos: o que falta, então, para afastarmos do cenário as discriminações, as exclusões hoje notadas? Urge uma mudança cultural, uma conscientização maior por parte dos brasileiros; falta a percepção de que não se pode falar em Constituição federal sem levar em conta, acima de tudo, a igualdade.

Todas as estatísticas comprovam o desequilíbrio social existente no Brasil, recaindo sobre a população negra grande parte dos ônus advindos da péssima distribuição de renda que tanto nos envergonha. Os piores indicadores alusivos ao analfabetismo, ao desemprego, renda, expectativa de vida, habitação, mortalidade, violência urbana retratam muito bem o que e como vem a ser a discriminação racial no Brasil.

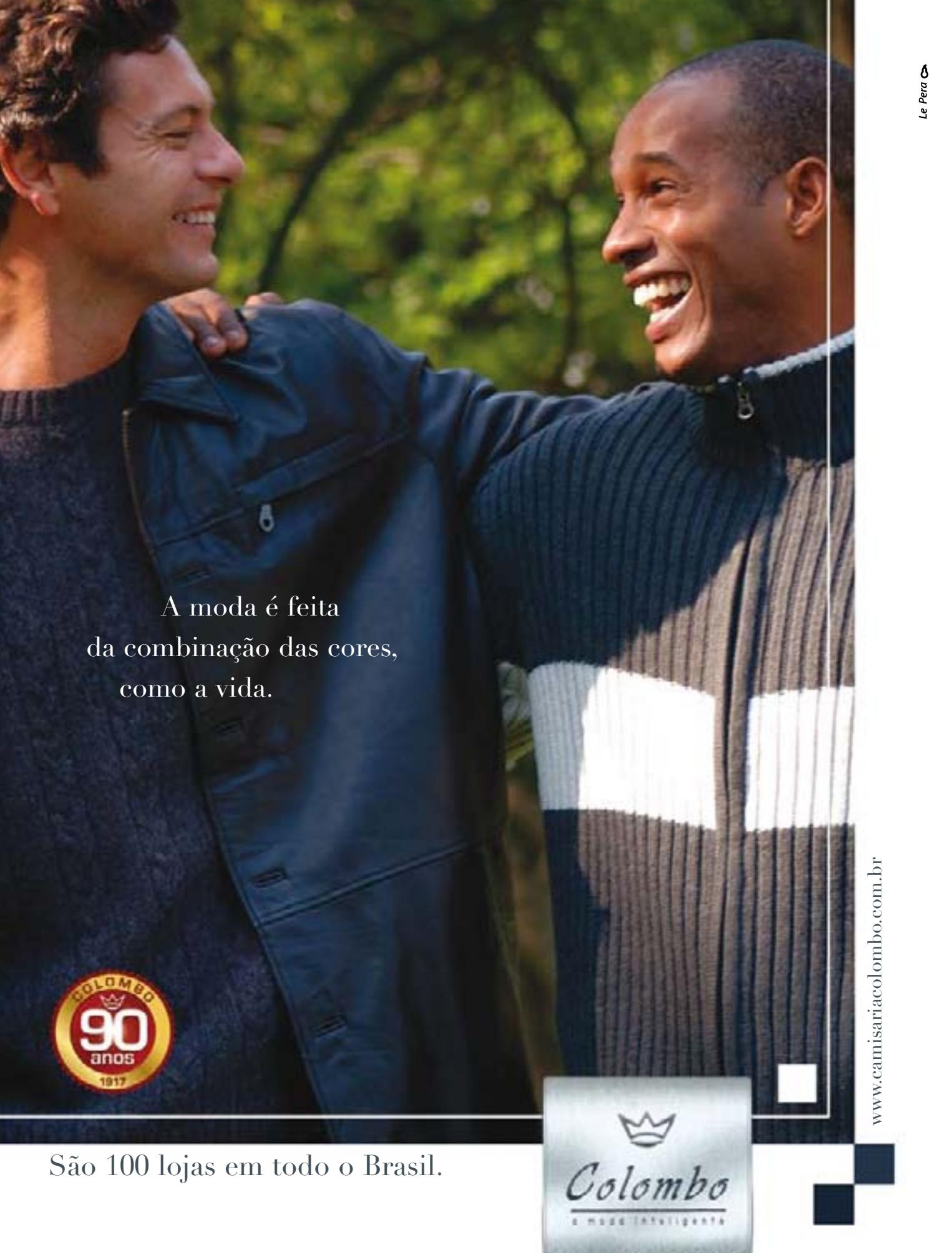
Tudo acontece de forma muito sutil. A prática comprova que, diante de currículos idênticos, prefere-se a arregimentação do branco e que, sendo discutida uma relação locatícia, dá-se preferência – em que pese à igualdade de situações, a não ser pela cor – aos brancos. Nas lojas de produtos sofisticados, raros são os negros que se colocam como vendedores, o que se diria como gerentes. Em restaurantes, serviços que impliquem contato direto com o cliente geralmente não são feitos por negros. Mais ainda, existem locais em que há a presença maior de

negros, a atuarem, no entanto, como: manobrista, leão-de-chácara etc.

Há exceções no Brasil. Já contamos, felizmente, com algumas grandes empresas que procuram equilibrar essa equação; uma delas começou com a política em 1970, mas mesmo assim, até aqui, só conseguiu compor o quadro funcional com 10% de negros. Iniciativas semelhantes servem para escancarar o problema, para abrir nossos olhos a esse impiedoso tratamento que resulta, passo a passo, em uma discriminação inaceitável.

Cidadania não combina com desigualdade. República não combina com preconceito. Democracia não combina com discriminação. E, no entanto, no Brasil que se diz querer republicanos e democráticos, o cidadão ainda é uma elite, pela multiplicidade de preconceitos que subsistem, mesmo sob o manto fácil do silêncio branco com os negros, da palavra gentil com as mulheres, da esmola superior com os pobres, da frase lida para os analfabetos...

Nesse cenário sócio-político e econômico, não seria verdadeiramente democrática a leitura superficial e preconceituosa da Constituição, nem seria verdadeiramente cidadão o leitor que não lhe rebuscasse a alma, pregando o discurso fácil dos igualados superiormente em nossa história feita pelas mãos calejadas dos discriminados. É preciso ter sempre presentes essas palavras. A correção das desigualdades é possível, mas é preciso que façamos o que está ao nosso alcance, o que está previsto na Constituição Federal. Mão à obra. Todos. Quem ganha é o Brasil ■



A moda é feita
da combinação das cores,
como a vida.



São 100 lojas em todo o Brasil.



www.camisariacolombo.com.br

Quando pesa no Judiciário custo-Brasil

Por: Luiz Flávio Borges D'Urso, presidente da OAB-SP

Todas as forças da sociedade produtiva brasileira, atualmente, devem convergir para um único ponto: mudar de forma radical e paradigmática o nosso sistema judiciário. Caso contrário, continuaremos na rabeira do cortejo das nações emergentes rumo ao almejado desenvolvimento político, econômico e sócio-ambiental.

Porém, entre os pontos de partida e de chegada existe uma máquina envelhecida, anacrônica, ineficiente e distante das exigências das modernas economias de mercado.

Precisamos agir rápido para, mais uma vez, não perdermos o bonde da história. Basta lembrar que um judiciário atravancado pode reduzir em cerca de 20% a capacidade de crescimento de um país. Este é, infelizmente, o retrato três por quatro do Brasil. Essa insegurança jurídica afugenta investimentos, tanto os nacionais como os de origem internacional, que buscam outros portos seguros para atracarem. Ninguém se anima, também a investir em atividades produtivas com um custo-país estratosférico, amplificado em parte por seu Judiciário.

Esgotou-se o ciclo de diagnósticos continuados a respeito dos problemas que afetam a administração da Justiça brasileira, em especial de São Paulo, o mais rico dos estados, mas que ostenta um dos piores sistemas jurídicos.

Precisamos de ação. Propomos um choque de gestão. Tanto que a prioridade do nosso segundo triênio, 2007-2009, no comando da OAB-SP será contribuir para fazer o Judiciário andar. Para isso, vamos articular toda força da advocacia paulista, que conta com 250 mil profissionais, para ajudar a Justiça a funcionar, mas o sucesso dessa empreitada, que traz benefícios para toda a sociedade, depende da soma de esforços de toda a sociedade civil organizada e dos três poderes do Estado.

Logicamente, todo o sistema brasileiro precisa estar incluso nesta ofensiva, mas São Paulo ainda locomotiva do desenvolvimento nacional, tem um peso maior, para o bem e para o mal. O Judiciário paulista concentra 34% dos 54 milhões de processos em tramitação hoje em todo o País, onde atuam apenas 17% dos magistrados brasileiros. Se não bastasse, os juízes empenham 65% do tempo em atividade burocrática, coisas de administração, perdendo tempo precioso e capacidade intelectual de qualidade, marcando férias de serventuários, prestando contas, discutindo problemas alheios à atividade fim do Judiciário: solucionar processos. Propomos a profissionalização da administração como fizemos na Ordem paulista, com excelentes resultados, coroados com a certificação ISO 9001/2000.

Não podemos mais conviver com prazos processuais que se arrastam por anos, porque isso tem um custo. Calcula-se que é necessário gastar 546 dias, em média, para recuperar um bem não pago, prazo bem maior que a média mundial de 389 dias. Quando um processo chega ao Supremo Tribunal Federal vai esperar por mais oito anos na fila para ser resolvido. Em São Paulo, o julgamento de um recurso demora, na média, dois anos e o prazo normal de tramitação pode se estender, não raramente, por mais de uma década. Isso é impensável para um País que tem pressa de crescer, criar empregos e riquezas.

A última reforma do Judiciário foi pífia. Mudamos apenas competência dos crimes contra os direitos humanos; estabelecemos prazos para um magistrado poder voltar a advogar; instituímos regras para bacharéis ingressar nos concursos públicos; estabeleceu-se o controle externo do Poder Judiciário; mantivemos a súmula vinculante, que ainda não foi regulamentada nem aplicada. Ou seja, elegeu-se um elenco de iniciativas que jamais, em ponto algum, tocou no tempo do processo. Término de tramitação de processo tornou-se o nó górdio da questão, representa custos altíssimos, que impedem o País de disputar um lugar de destaque entre as nações mais desenvolvidas e mais justas. ■



Luiz Flávio Borges D'Urso

a Diversidade no dia-a-dia

“ Ser feliz, tanto pessoal quanto profissionalmente ”

Com os pés no presente, mas de olho no futuro, desde abril de 2006 o HSBC possui um profissional de primeira linha no cargo de Gerente de Recursos Humanos – Diversidade, Mauro Raphael, diretamente ligado ao diretor executivo de Relações Humanas, João Rached.

Executivo da área de Recursos Humanos, Mauro é formado em Administração de Empresas pela ESAN/SP, tendo cursado também Engenharia na Faculdade de Engenharia Industrial - FEI, embora não concluído. Trabalhou nos últimos 28 anos em RH, tendo passado por empresas como Itaú, BCN, Kellogg's, Construcap, Bausch & Lomb e Rayovac, como Head de HR, além de ter atuado como consultor para Melitta, Carrefour, Dorma, Ener-tec e Hershey's, entre outras. Aproveitou seus conhecimentos adquiridos na prática, na construção do profissional

e, como professor, transmiti-los em sala de aula por 3 anos

Com 52 anos de idade, Mauro Raphael afirma estar muito feliz com seu novo desafio: “Trabalhar com valorização da diversidade é algo que vai além de um desafio profissional.”

A função foi criada pelo HSBC para atender a uma estratégia mundial e local do banco, uma vez que atua em 81 países, e tem tradição nas questões de sustentabilidade nos negócios, o que demonstra fortemente o respeito às pessoas em sua diversidade.

Seu papel é articular esforços internos, para que a diversidade ganhe cada vez mais importância na agenda dos gestores e nas atividades cotidianas do Banco. “Queremos que as pessoas que ao entrem em contato com o banco, percebam o nosso apreço pelas diferenças, todas elas”, diz Raphael.

Uma das suas atribuições está ligada ao

Projeto Ônix, que envolve o HSBC e a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, cujo período estipulado para a realização será por dois anos. O projeto prevê atuar junto a 20 estagiários afro-descendentes na sua formação e preparação para o trabalho na Organização.

“O contato com as diferentes áreas do HSBC é muito interessante, principalmente nas atividades do Comitê de Diversidade”, afirma Raphael. A área de diversidade tem a responsabilidade de articular com as demais e colocar em prática as decisões do Comitê, o que é uma experiência inovadora nas organizações em geral porque envolve tratar um tema de forma específica, mas também transversal na comunicação, rede de agências, TI, enfim em tudo que somos e fazemos.

“Realizar ações afirmativas para desenvolver profissionais de segmentos em desvantagem na sociedade não é

tarefa fácil. Todos concordam que diversidade é importante, mas na hora de realizar ações concretas para corrigir problemas, a coisa não é tão simples”, diz Raphael. O Banco vem realizando ações afirmativas voltadas para mulheres, negros, pessoas com deficiências e idosos.

O HSBC possui um plano geral e o papel de Mauro Raphael é apoiar para que as áreas produzam suas ações com base em diretrizes gerais e na missão que possuem dentro da Organização. O principal papel da área liderada por Raphael é inspirar ações inovadoras, incentivando e apoiando soluções dentro do contexto de cada negócio.

“Tenho certeza que cada gestor e membro de equipe sabe como pode fazer a diferença e encontrar sua maneira singular de contribuir com a valorização da diversidade na organização”, acredita Raphael. “Estamos à disposição de todos para trocar idéias sobre o tema, mas é evidente que não daremos conta de nada sem contarmos com a participação das pessoas e sua organização nas áreas”, acrescenta.

“Temos uma visão muito clara sobre diversidade no HSBC e ela passa por reconhecer que lidamos com 125 milhões de clientes em todo o mundo, ou seja, 125 milhões de pontos de vista diferentes, que são muito bem-vindos por aqui!”, encerra Raphael, com seu entusiasmo e otimismo com a postura do banco. ■



Mauro Raphael



Superando os próprios sonhos

Por: Demetrius Trindade, da Redação

Lewis Hamilton viveu um sonho na Austrália, em sua estréia na Fórmula 1, na abertura da temporada 2007. Fazendo uma das estréias mais impressionantes da história da categoria, Hamilton guiou com muita personalidade e terminou a prova na terceira colocação. O piloto inglês de 22 anos é o primeiro negro a disputar a categoria e foi contratado pela McLaren nesta temporada para correr ao lado do atual bicampeão mundial Fernando Alonso.

De origem humilde, seus pais são imigrantes caribenhos, Hamilton recebeu apoio e treinamento da escuderia para avançar por diversas categorias. Atual campeão da GP2, faz parte de uma geração de jovens pilotos que tentam se consolidar na Fórmula 1. Especialistas prevêem que, se bem-sucedido na modalidade, Hamilton pode se tornar um dos maiores ícones

Negro e filho de imigrantes, jovem piloto se torna sensação da Fórmula 1

negros do mundo esportivo, assim como o golfista Tiger Woods.

Hamilton começou a correr aos 8 anos. Ele venceu seu primeiro campeonato britânico de kart em 1995, ano em que conheceu Ron Dennis, dono da McLaren, que, em 1998, lhe ofereceu um contrato de longo prazo. Em 2000 foi campeão europeu de kart e ainda participou de algumas corridas da Formula Renault Britânica. Em 2005 foi campeão europeu de F3 e ganhou o Marlboro Masters, em Zandvoort. Em 2006 venceu de maneira impressionante a GP2 series, onde em várias oportu-

tunidades apresentou performances memoráveis.

Apelidado pelos pilotos brasileiros como “Robinho”, devido à semelhança com o jogador do Real Madrid, Hamilton aponta Ayrton Senna como seu maior ídolo na categoria.

A estréia

Quando Hamilton ultrapassou o bicampeão mundial e companheiro de equipe Alonso logo na primeira curva, ficou evidente que ele não iria se intimidar somente com os nomes dos pilotos ao seu lado. Isso ficou evidente



Lewis Hamilton

desde os primeiros treinos em Melbourne, quando foi o piloto mais rápido, com exceção das Ferraris, e quando se classificou para a segunda fila do grid de largada.

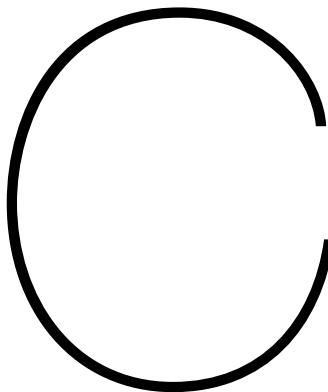
Hamilton só perdeu sua posição para Alonso no segundo *pitstop*. Não fosse o tráfego ter atrapalhado, poderia ter conquistado a segunda posição. Além do pódio, o piloto ainda liderou o Grande Prêmio da Austrália durante o *pitstop* dos líderes da prova. "Liderar meu primeiro GP foi uma sensação fantástica", disse o inglês. "Foi extremamente difícil. Alonso esteve atrás

de mim durante muito tempo, e é duro ter o bicampeão do mundo atrás de você em sua primeira corrida."

Após a prova, na coletiva, Hamilton acrescentou que a convivência na McLaren tem sido ótima e que tanto seu companheiro de equipe, como mecânicos e engenheiros têm contribuído em muito para o seu aprendizado. "Nas últimas cinco voltas eu não consegui manter o ritmo de Alonso e sabia que o segredo era terminar a prova. No fim das contas, acho que fiz o bastante na primeira corrida", afirmou.

O diretor de equipe da McLaren Mar-

tin Whitmarsh admirou a maneira como Hamilton lidou com a pressão e sua frieza no cockpit. "Ninguém aqui duvida que Lewis dá conta do recado. Você o ouve no rádio e se surpreende de como ele é articulado, inteligente, como tem visão e se mantém sério no carro." Com base na performance de Hamilton em outras categorias e pela corrida de estréia na F1, a McLaren está convencida que seu jovem piloto será campeão mundial no futuro. "Ele será campeão do mundo, é apenas uma questão de tempo agora", apostou Whitmarsh. ■



comunicação: uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da sociedade

Por: Edmar Oneda, sócio-diretor da Academia do Palestrante

“Você cria seu próprio universo durante o caminho”
Winston Churchill

Com o advento da internet, muitos profissionais achavam que esse recurso iria facilitar o processo de comunicação entre os seus colaboradores. Reuniões de grupos, entrevistas, conferências, tudo seria feito através dessa ferramenta. Para alguns já se dava como certa essa tendência de que o contato com pessoas cada vez mais seria restrito, pois em nome desta tecnologia, isso seria coisa do passado. A palavra de ordem era é otimizar recursos, tempo, pois tempo é dinheiro. De certa forma isso tem acontecido e não dá para negar que esse avanço tecnológico já faz parte dos processos de comunicação do nosso dia-a-dia.

Mas o que vejo é bem diferente do que se tentou se propagar. Em bate-papos com inúmeros profissionais, descobri que uma das grandes dificuldades encontradas por eles não está no uso da tecnologia de ponta oferecida pelo mer-

cado, e sim na utilização correta das palavras, na forma de se expressar e de se fazer entender.

As frases que mais ouço nessas conversas são:

“Quando tenho de apresentar um projeto, seu frio só em pensar.”

“Sei tudo, mas na hora de escrever e apresentar as idéias sou um desastre.”

“Meu modo de lecionar não agrada os alunos.”

“Preciso ser mais expressivo.”

“Meu sonho é escrever um livro, será que é possível?”

Cada vez mais as empresas estão buscando profissionais que saibam de se expressar adequadamente, que sejam seus grandes porta-vozes, isso não se limita somente na oratória, mas sua elaboração de textos, discursos e propostas a serem apresentadas.

Tendemos a acreditar que o mais importante para sermos competitivos é nos capacitar em novos avanços tecnológicos, acompanhar as principais notícias que surgem a cada instante nos meios de comunicação, ser mestre ou doutor em uma determina-

da área. Mas nada disso é suficiente se você não souber compartilhar com clareza e segurança seus conhecimentos.

Percebo que nós, seres humanos, necessitamos desenvolver as habilidades da boa comunicação, entendendo que a responsabilidade por nos fazer entender é apenas nossa e independe do público a que nos dirigimos. Perdemos grandes oportunidades devido à falta de compreensão das pessoas com quem nos comunicamos, seja por meio da escrita, do modo como falamos ou de nossos gestos.

Casamentos acabam, famílias inteiras se desestruturam, governos não se entendem tudo pela falta de diálogo. Dentro das empresas, isso não é diferente. Geralmente parte das crises internas das organizações está na falta de uma boa comunicação interna, investe-se tanto em aparatos tecnológicos, de nada adianta se não tiver uma comunicação eficaz entre as pessoas.

Crie uma nova condição em sua vida. Permita-se desenvolver sua habilidade em comunicação e descobrirá uma nova pessoa dentro de si.

Faça para acontecer!!



Edmar Oneda

Sobre a Academia do Palestrante

Atuando há mais de um ano no mercado, a Academia do Palestrante tem como uma proposta inovadora: preparar pessoas para empreender a carreira de palestrante com qualidade e profissionalismo. A empresa sensibiliza os profissionais para os benefícios da arte de palestrar, sendo esta uma importante forma de autopromoção, além da promoção de serviços, negócios e da própria empresa. É a única instituição no Brasil a oferecer um programa de formação de palestrantes com esse enfoque, além de cursos acessórios para o desenvolvimento de habilidades imprescindíveis para

quem deseja comunicar suas idéias com bons resultados.

A empresa tem como objetivos promover a profissionalização e especialização de profissionais que pretendem ingressar no mercado de palestras e auxiliá-los a desenvolver suas carreiras através de um programa modular de treinamento que abrange todas as etapas e ferramentas básicas. A empresa também contribui com a expansão do segmento de palestrantes profissionais, tornando-se referência como uma instituição formadora de quadros nessa área, presta assessoria para estruturação de apresentações, palestras, artigos e livros, promove cursos específicos para executivos de todas as áreas que querem melhorar sua comunicação, além

de disponibilizar cursos *in-company*, através do seu Banco de Profissionais.

Reunindo especialistas em comunicação verbal e escrita, marketing pessoal, liderança e estratégia de negócios, a Academia atender tanto os profissionais que utilizam a comunicação no dia-a-dia para ensinar e treinar pessoas, liderar equipes, apresentar produtos ou projetos, quanto àqueles que desejam seguir a carreira de palestrante.

A maior vantagem em possuir um certificado da Academia do Palestrante é a garantia da qualidade dos serviços prestados em decorrência do histórico dos professores altamente qualificados, que unem formação acadêmica e conhecimento de mercado.

Barack Obama: a América está preparada?

Inicialmente formulou-se a pergunta: “Os Estados Unidos estão preparados para ter uma presidente mulher?” Logo em seguida, uma nova questão: “E um presidente negro?” A mulher em questão não é uma mulher qualquer, é a ex-primeira-dama, Hilary Clinton, com sobrenome de peso e uma forte história política ao lado de Bill Clinton e como senadora por Nova Iorque.

Da mesma forma, o negro não é o piedoso pastor Jesse Jackson, que lutava simplesmente por uma representação digna dos afro-americanos, mas Barack Obama, senador pelo estado de Illinois.

Obama leva uma grande vantagem entre os oponentes democratas. Desde o começo, foi contra a guerra no Iraque e já pediu uma retirada gradual das tropas a partir de maio. É considerado um candidato com posições equilibradas e é popular entre a classe média. Por outro lado, o senador é visto como imaturo, por ter 45 anos de idade, por estar no primeiro mandato e por nunca ter exercido um cargo no Poder Executivo.

Obama já foi capa da revista “Time”, recebeu apoio de Oprah Winfrey e seu mais novo livro, “The Audacity of Hope” figurou no topo do ranking da lista de best sellers do jornal “The New York Times.” Ganhou também o Grammy, por melhor gravação falada. A pergunta agora é outra: o que há no jovem político negro novato com um nome estranho que conquistou a atenção dos americanos? Dois fatores são cruciais para Obama: seu estilo consensual e seu uso público da fé.

Barack Hussein Obama surgiu para a grande população americana, na convenção democrata de 2004, em Boston. Em seu discurso teve uma recepção acalorada. Na época ele era um político pouco conhecido, concorrendo ao Senado por Illinois. Nesta data, ele deu uma amostra dos temas que atualmente captivam os Estados Unidos: uma história pessoal notável e a capacidade de usá-la para articular uma versão esperançosa, refletida, do sonho americano.

Com um discurso de fácil assimilação, ele apresentou seu pai queniano, que

“cresceu pastando cabras, freqüentou a escola em um barraco com telhado de zinco”, e seu avô, “que foi cozinheiro e empregado doméstico dos britânicos.” Contou ainda como o trabalho árduo de seu pai o trouxe aos Estados Unidos, um país onde “as portas da oportunidade permanecem abertas a todos”, e onde ele conheceu e se casou com uma garota branca do Kansas.

Ele brinca que suas férias familiares parecem pequenas assembléias da ONU. Filho de pai queniano e mãe americana, nasceu em Honolulu, no Havaí, sua irmã é meio-indonésia e casada com um sino-canadense.

Seu discurso abordou ainda temas de esperança e oportunidade e com as barreiras modernas a elas. Em uma passagem muito citada, ele declarou: “Os estudiosos gostam de dividir nosso país em Estados vermelhos e azuis; Estados vermelhos para os republicanos, Esta-

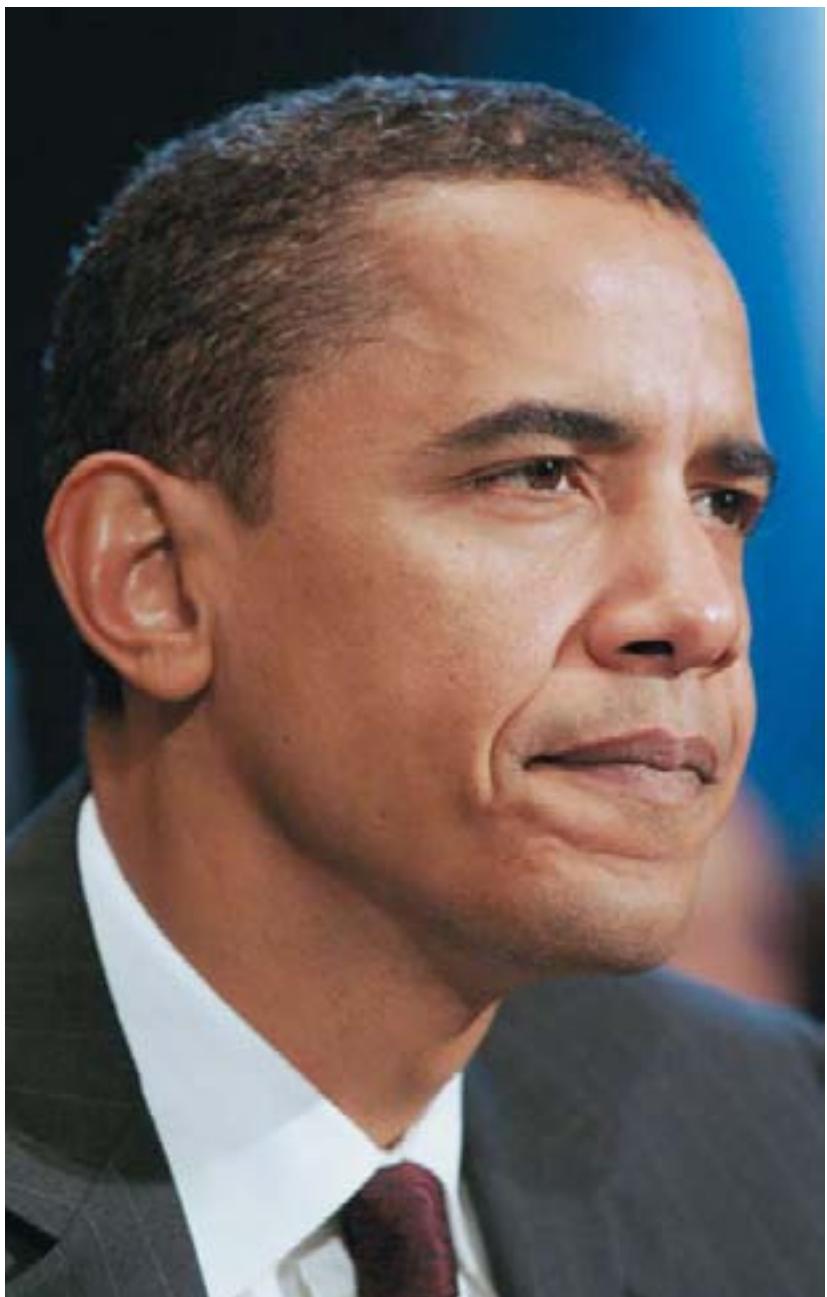
dos azuis para os democratas. Mas eu tenho notícias para eles. Nós adoramos um Deus incrível nos Estados azuis e não gostamos de agentes federais bisbilhotando nossas bibliotecas nos Estados vermelhos. Nós treinamos ligas infantis nos Estados azuis e, sim, temos alguns amigos gays nos Estados vermelhos.”

De uma hora para outra, Obama se tornou uma celebridade política. A forma do discurso foi parcialmente responsável, mas apenas oratória não é capaz de explicar o arrebatamento.

Raça continua sendo uma questão definidora na política americana. Sem causar surpresa, a pergunta, agora feita com mais freqüência: “A América está pronta para um presidente negro?” Obama é atualmente o único negro no Senado e apenas o terceiro desde a Reconstrução. Entender seu apelo envolve primeiro entender o motivo pelo qual sua cor não afasta as pessoas. Não ser descendente de escravos, ele reconheceu, serve como um ponto de partida diferente de muitos líderes negros.

Assim como em sua abordagem à raça, a facilidade de Obama com a fé e valores vem em parte de sua criação. Seu pai foi criado como muçulmano, mas se tornou ateísta. Sua mãe era uma batista não praticante, e igualmente não convencida pela religião. Obama cresceu como cético. Em 2006, ele fez um grande discurso sobre religião no qual explicou como foi atraído gradualmente para a fé, tanto pela certeza moral que fornecia quanto por sua contínua crença “no poder da tradição religiosa afro-americana de promover mudança social.” Ele destacou “nossa fracasso como progressistas em explorar as fundações morais da nação.”

Não é difícil entender por que os democratas estão tão empolgados com a



Barack Obama

Foto: Divulgação AE

capacidade de Obama de envolver uma política liberal relativamente ortodoxa em linguagem religiosa convincente. Quando Obama escreve que os americanos estão incomodados porque “querem um senso de propósito, um arco narrativo para suas vidas”, ele faz uso

de uma visão plena de uma boa vida para animar nosso entendimento da política. Isto é mais fácil de dizer do que fazer. Falar de valores e moral na vida cívica é fácil, mas os liberais freqüentemente empacam diante de suas implicações. ■

jogo de soma zero

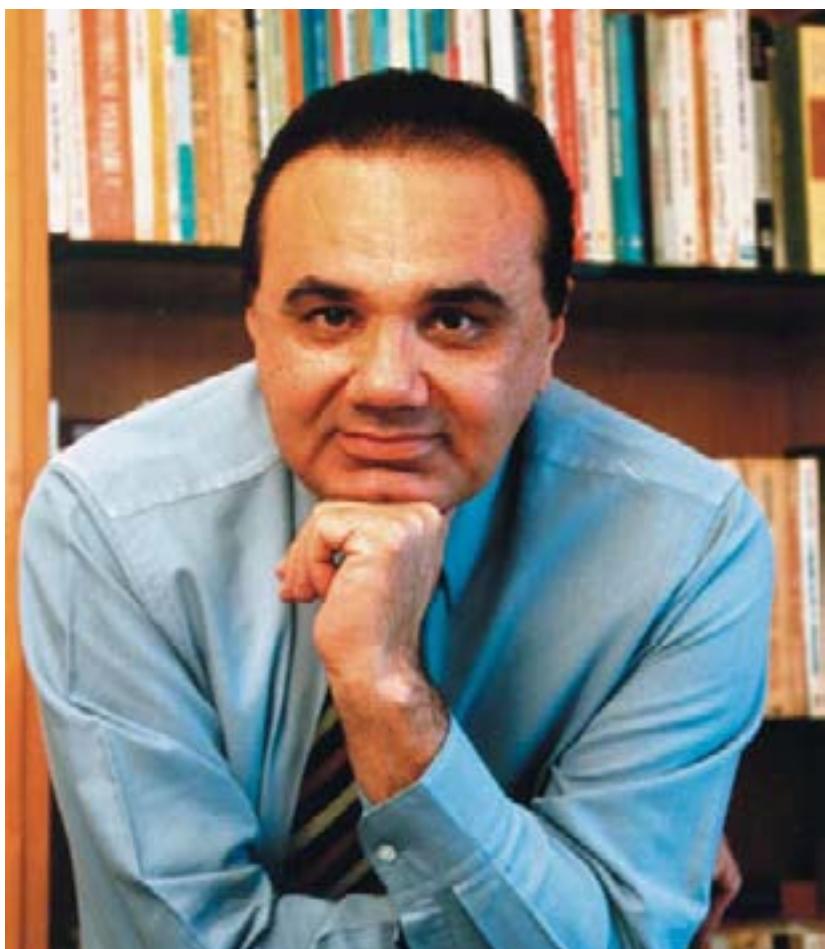
*Por: Gaudêncio Tórquato,
jornalista e consultor político.
E-mail: gautor@gtmarketing.com.br*

Tudo indicava que o Brasil pós-mensalão encontraria o fio da racionalidade e a representação política, estonteada pelos abalos que macularam a instituição parlamentar, iniciaria nova jornada com sabão e esponja para limpar a lama que inundou os dutos da Câmara ao correr da pior legislatura de todos os tempos. Não é o que se vê. A cúpula convexa da Casa dos deputados, maior e mais chapada no alto do que a Casa dos senadores - assim idealizada pelo arquiteto Oscar Niemeyer para abrigar as ideologias, os anseios, tendências e paixões -, ferve de emoção. Os partidos de oposição acendem a primeira fogueira do ano - a CPI do Apagão Aéreo - e as siglas da situação jogam água na quentura, enquanto começam a balancear alegrias e frustrações, depois de o presidente Luiz Inácio, do trono de sua majestade, ter anunciado a divisão do bolo ministerial. Na cúpula côncava do Senado, só mesmo com muita generosidade se conseguem distinguir os valores que inspiraram seu desenho, quais sejam os da

reflexão, experiência e maturidade, a começar pelo esquentamento do seu presidente, Renan Calheiros, ainda ressabiado com o presidente Lula por este não ter dado um empuxo à candidatura de seu patrocinado, Nelson Jobim, à presidência do PMDB. As duas cúpulas do Congresso reiniciam o jogo de soma zero que tensiona jogadores e técnicos, dando continuidade a um eterno campeonato de caneladas, traições, jogadas ensaiadas e times comprados.

A legislatura começa com transpiração. A oposição na Câmara deseja "transformar a vida do governo num inferno" e instalar, ali, o ambiente de delegacia de polícia do ano passado. A "infernização", dizem opositores, constitui um escudo de "defesa da

democracia." O argumento é um sofisma. Entre as virtudes do sistema democrático se relaciona a que confere ao Poder Legislativo a possibilidade de fiscalizar os atos do Poder Executivo. E não se questiona a observação do ministro Celso de Mello de que a investigação parlamentar é um instrumento das minorias, o que, aliás, aponta para a tendência do STF a acolher o recurso da oposição para instalar a CPI do Apagão Aéreo. Mas a democracia não implica apenas relação conflituosa entre contrários. A dialética do jogo democrático pressupõe, também, a cooperação, que se alcança pela via da persuasão e das instâncias para prevenir conflitos. Estes são até necessários para gerar a diferenciação política no campo ideológico, mas devem guiar-se pela regra da moderação, evitando ultrapassar os limites da medição de forças. Quando não existe propensão para o diálogo, a alternativa é o caos. Se não temos a sólida base das democracias clássicas, como as europeias, mais razão há para a criação de



Gaudêncio Torquato

espaços capazes de desobstruir as tensões do jogo político.

Veja-se a conta negativa debitada à oposição em função da agenda negativa dos últimos dias: bloqueio do projeto que dobra de 360 para 720 dias o período de reclusão no Regime Disciplinar Diferenciado (RDD), de segurança máxima, dos presos envolvidos com organização criminosa dentro da cadeia; bloqueio do projeto que amplia o benefício da delação premiada para criminosos já condenados; e bloqueio da emenda constitucional que extingue o voto secreto congressional em plenário. Tais projetos vão ao encontro dos anseios sociais. Logo, os representantes oposicionistas, ao obstruírem as votações, atiram contra os

representados. De que adianta promover a confrontação violenta quando projetos de defesa social sugerem cooperação? No entanto, os parlamentares preferem se engalfinhar numa disputa do “poder pelo poder”, no fluxo da fulanização da política, praga que corrói o corpo doutrinário e estiola a vida partidária. Num lado, beltranos do fisiologismo imploram as migalhas do banquete governamental para fazer a defesa da corte; noutro, sicranos do oportunismo levantam a voz para atacar os cortesãos e, claro, conferir contraste aos perfis.

Esse modo de fazer política, ancorado na meta da rivalidade permanente, apelidado de “estilo chimpanzé” pelo sociólogo chileno Carlos Matus, ex-ministro de Salvador

Allende, mostra que ainda habitamos a selva. Há símios por todos os lados lutando para dominar a manada. Não bastasse este 0 a 0, densa agenda espera receber, há tempos (e haja tempo!), a atenção parlamentar. O povo exige uma pauta que integre suas prementes demandas. A sociedade está desprotegida. O sistema educacional é obsoleto. A saúde vai mal. A tão proclamada reforma política cai de madura. O País não dará um passo adiante caso os padrões políticos continuem favorecendo a barbárie. Não dá mais para conviver com partidos-ônibus, por onde entram e saem figuras a toda hora, ou siglas de araque, bens à venda no balcão eleitoral. Não dá mais para votar em candidato Copa do Mundo, que só se lembra do eleitor de quatro em quatro anos. A lengalenga da reforma tributária já saturou. O País precisa deixar de patinar no mesmo lugar.

Já o presidente Luiz Inácio, que parece não dar ouvidos ao bom senso, precisa tirar do ponto morto o carro do segundo mandato. Há meses o País vive de parolagem. Nem bem nasceu, o PAC se encontra emPACado. A causa? A lerdeza do Executivo. O corpo parlamentar espera por cargos antes de endossar a pauta do Executivo. Com seu estilo de dividir para somar, Lula reina absoluto “por cima da carne seca”. Fomenta a divisão até no próprio partido. Não é admirar que, só mesmo no Brasil, o PT vete o governo do PT. Basta ver as teses contra a política econômica que alas petistas levarão ao 3º Congresso do partido. Mas o presidente não se incomoda. Com o olho direito piscá para 11 partidos da base, com o olho esquerdo enxerga os horizontes de 2010. Entre as piscadas, Lula diz não ter pressa. Afinal, é um aluno aplicado de Domingos, filósofo que Sebastião Nery achou em Jaguaquara, na Bahia, e ensinava o seguinte. “O almirante Barroso disse: ‘O Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever.’ Ora, se o Brasil espera, para que a gente se afobar?” ■

O requisitos para o desenvolvimento

Por: Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP)

As análises econômicas – o que nem sempre ocorre no Brasil e no mundo – jamais devem ser desvinculadas da dimensão humana. Estatísticas de crescimento do PIB, evolução da indústria e outros setores de atividade, oscilações das bolsas de valores, variação do câmbio e demais indicadores só têm sentido quando se avalia sua congruência no contexto da meta de prover boas condições de vida, inclusão e aperfeiçoamento constante da sociedade.

Jamais se deve esquecer que, originalmente, a economia é a ciência da sobrevivência. Nasceu junto com o homem, em suas mais primitivas necessidades de caça e abrigo e se sofisticou a partir da evolução da sociedade. Porém, nunca deixou de ser o conhecimento essencial da garantia da vida, bem como sua compilação, teorização e distintas formulações político-filosóficas. Tal análise, embora breve, evidencia com clareza o significado do Dia Internacional de Luta Contra Discriminação Racial (21 de março) e da Abolição da Escravatura (13 de maio).

As duas datas simbolizam um desafio

essencial para a conquista do desenvolvimento: não há progresso efetivo quando os benefícios da economia (leia-se “acesso às prerrogativas mínimas da cidadania, à saúde, educação, moradia e ao consumo de bens e alimentos”) são privilégios e não direitos. Infelizmente, o Brasil ainda precisa superar o grave problema de sua dívida social. Ainda é grande a parcela da população brasileira alijada de condições adequadas de vida. Também é inegável que parte expressiva do problema seja remanescente ao triste passivo histórico da escravidão.

Precisamos enfrentar com firmeza e competência os problemas da economia, reduzindo juros, corrigindo a política cambial, fazendo as reformas tributária, fiscal e previdenciária e promovendo o chamado choque fiscal. Este é o caminho para multiplicar empregos e distribuir melhor a renda, dois requisitos essenciais à erradicação da miséria e promoção da justiça social. Entretanto, considerando a premissa de que a economia jamais deve desprender-se do contexto humanista, não podemos permitir que quaisquer espécies de

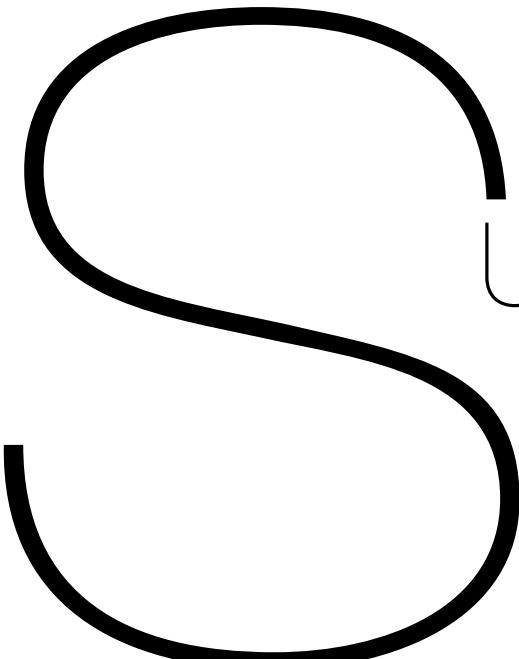
“ Não existe progresso verdadeiro sem igualdade de direitos e deveres ”

discriminação interfiram no processo de inclusão social e prosperidade do País.

É lamentável constatar que o PIB brasileiro venha crescendo tão pouco nos últimos anos. Diante de tal problema, promover expansão econômica mais substantiva é um objetivo do qual não devemos nos afastar. Porém, é imprescindível que nosso desenvolvimento, que há de ser alcançado, se estabeleça sobre sólidos alicerces de igualdade de direitos e deveres, ausência de discriminação, democratização de oportunidades e respeito intransigente às liberdades individuais e coletivas. Não se pode admitir, em hipótese alguma, que nossa economia desconsidere esses preceitos universais de ética e civilidade! ■



Paulo Skaf



upersimples para todos!

*Por: Gesner Oliveira, doutor em Economia pela
Universidade da Califórnia (Berkeley), presidente da Sabesp*

A aprovação da Lei das Micro e Pequenas Empresas é positiva, mas está longe de resolver o problema. É um alívio em um País que onera tanto a produção e a geração de emprego, especialmente das empresas menores. Mas não “destrava” a economia como quer o presidente e todos os brasileiros. A nova legislação das micro e pequenas empresas encerra vários benefícios. Em primeiro lugar, pela redução de burocracia para abertura e fechamento dos empreendimentos. Sabe-se como tais processos são demorados atualmente. A nova legislação prevê cadastro simplificado único. Mais importante para a agilização dos procedimentos, para atividades que não representem especial risco ambiental, sanitário ou de incêndio, permite-se o início dos negócios sem vistorias técnicas prévias. Estas últimas freqüentemente demoram e podem retardar por vezes por meses (ou por anos) a produção ou condenar a atividade à ilegalidade desde seu nascimento. Em segundo lugar, os impostos federais são substituídos por um único recolhimento mensal sobre faturamento de acordo com diversas faixas de alíquotas. Para unidades da federação que repre-

sentem mais do que 5% da arrecadação de ICMS, os impostos estadual e municipal (ICMS e ISS) também serão substituídos por uma única contribuição. Em terceiro lugar, 21 novos setores de serviços foram incorporados ao regime, incluindo atividades com bom potencial de geração de empregos e de expansão como construção civil, escolas de línguas e cursos técnicos. Em quarto lugar, abre-se a possibilidade de abater do faturamento a ser tributado as receitas obtidas com exportação. Embora não seja suficiente por si mesmo para trazer pequenas e médias empresas para a atividade exportadora, tal estímulo poderia ser somado a pacote mais amplo de medidas para ampliar o conjunto ainda restrito de firmas que conseguem vender para o mercado mundial. Destaquem-se, entre outros, incentivos por meio de compras governamentais, refinanciamento de dívida e simplificação das obrigações trabalhistas que poderiam facilitar a vida das empresas de menor porte. Os méritos do Supersimples são portanto inegáveis. Muitos deles, como o cadastro único, podem abrir precedentes e serem expandidos para outras empresas. O prin-

cipal benefício reside na diminuição do grau de informalidade da economia que é maior entre empresas menores. Para cada empresa formal existem aproximadamente duas empresas informais. O Banco Mundial estima que o grau de informalidade da economia brasileira é de cerca de 40% do PIB, uma das maiores taxas entre as nações emergentes. Em alguns segmentos, como na indústria de material de construção, a taxa de informalidade superaria 70%! Há, contudo, dois problemas. O primeiro diz respeito à forma de taxação. Trata-se de imposto em cascata sabidamente ineficiente. Mas o principal deles é o aprofundamento de uma situação de dualidade de regimes tributários. Ou mais precisamente de multiplicidade de regimes. Um segmento da economia arca com uma carga tributária elevadíssima. Um segundo conta com os benefícios do Supersimples, constituindo regime especial. E um terceiro continua na completa ilegalidade! A coexistência de regimes tributários diferentes gera uma série de distorções. As empresas submetidas a taxação mais elevada têm menos incentivos para investir. Isso porque uma parcela do mer-

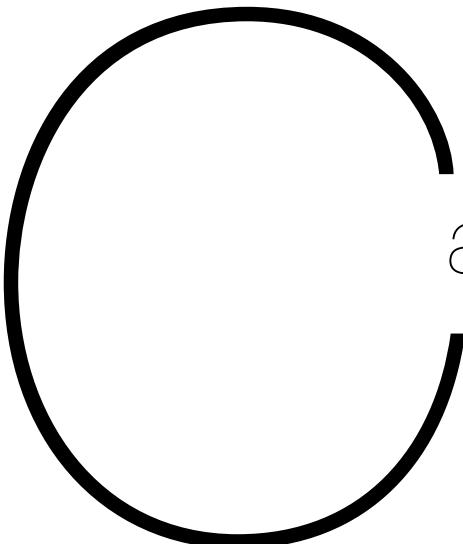


Gesner Oliveira

cado opera com custos mais baixos, detendo vantagem competitiva artificial. Para as empresas sob o Supersimples há um teto para o crescimento. Este último corresponde ao máximo volume de faturamento permitido para beneficiárias do programa (R\$ 2.400.000,00). As empre-

sas não terão incentivo para ultrapassar este limite e voltar à forma de taxação a que estavam sujeitas anteriormente. Estudo do Banco Mundial divulgado nesta semana apresenta boas perspectivas para as economias emergentes, concluindo que estas países serão res-

ponsáveis por parcela significativa do produto mundial no espaço de pouco mais de duas décadas. Para o Brasil participar deste processo terá de eliminar as inúmeras ineficiências tributárias, convergindo para um sistema uniforme e simplificado. ■



cartões de pagamento

um mercado de dois lados

Por: Edson Luiz dos Santos, CFO da Redecard S.A. e
Rafael Dan Schur, executivo de desenvolvimento de negócios da IBM**

Ao analisar o mercado de cartões de pagamento é necessário fazê-lo sob uma nova ótica, trazida a luz pelas mãos de dois economistas franceses, Jean Charles Rochet e Jean Tirole, sob o título de “Plataform Competition in Two-Sided Markets” (Nov/2001). Os autores nos mostram que o mercado é considerado de dois lados se a qualquer momento:

- a) houver dois grupos distintos de clientes;
- b) o valor obtido por um tipo de cliente aumentar com o incremento do número de clientes do outro tipo;
- c) uma entidade intermediária (negócio) for necessária para internalizar a interdependência criada entre os dois grupos;
- d) as empresas necessitarem adotar estratégias de preços e investimentos sob medida para atrair e manter os dois lados do mercado.

O resultado deste trabalho nos proporciona uma nova maneira de ver o

mercado de cartões de pagamento e analisar algumas de suas características. Vejamos: de um lado temos um grupo bem distinto de compradores, dispositos a utilizar seus respectivos cartões ao realizarem suas compras de produtos e serviços, de outro lado, uma classe distinta de fornecedores de serviços e produtos, dispostos a aceitar, além dos meios de pagamentos tradicionais, os cartões de seus clientes.

O que leva o portador a preferir utilizar seus cartões como meio de pagamento? E o que leva os fornecedores a aceitá-los? Outra questão bastante interessante é como se cria um negócio em um mercado de dois lados. Quem nasceu primeiro? O portador do cartão ou o estabelecimento comercial? Este é o velho dilema do “ovo e da galinha.”

O primeiro cartão de compra de uso genérico, ou seja, aceito em diversos estabelecimentos comerciais, nasceu em 1950. Frank McNamara estava em um dos seus restaurantes preferidos e,

quando recebeu a conta daquela refeição, percebeu que não tinha dinheiro suficiente para pagar sua despesa. Alguns meses mais tarde, ele voltou a esse restaurante. Desta vez pagou sua despesas com um cartão com o nome Diners Club, estampado.

McNamara ofereceu, gratuitamente, algumas centenas de cartões aos seus amigos e conhecidos para usarem em restaurantes de Manhattan. Ao mesmo tempo ele negociou com dezenas de restaurantes que lhe pagavam 7% do valor da conta quando a despesa era paga com os cartões Diners Club. O que vimos foi um grande interesse dos portadores em comprar hoje e pagar depois, mesmo que isso significasse assumir uma pequena despesa anual para ter seus cartões. Do outro lado, lojistas estavam bastante satisfeitos com seus novos clientes e do faturamento que estes lhes traziam, mesmo pagando uma taxa de desconto sobre o valor do faturamento.



Edson Luiz dos Santos

Os estabelecimentos comerciais se beneficiam da garantia de recebimento do valor da transação comercial, evitando assim a inadimplência e fraude com cheques

Quanto mais cresce a quantidade de portadores de cartões, mais atrai lojas dispostas a aceitar este meio de pagamento. Da mesma forma, quanto mais lojas aceitam cartões de pagamento, mais portadores se interessam em possuí-los.

No Brasil, até a metade da década de 90, os portadores tinham um enorme interesse em utilizar seus cartões de pagamento e se beneficiar do prazo para a emissão e pagamento da fatura, já que vivíamos em um período de alta inflação e o benefício do “floating” era praticamente de domínio popular. Entretanto, pela mesma razão, era difícil encontrar comerciantes que aceitavam naturalmente este meio de pagamento. Foi com a estabilização da economia brasileira e redução constante das taxas de inflação, que o mercado de cartões passou a experimentar crescimentos anuais expressivos. Segundo a ABECs, o crescimento deste mercado foi de 167% entre 2000 e 2005. Comprar agora e pagar depois é extremamente atraente para os portadores de cartões de crédito e cartões de compra, que passaram a utilizar cada vez mais seus cartões na crescente rede de estabelecimentos dispostos a aceitá-los.

Além dos aspectos relacionados com a estabilização da economia brasileira, deve-se destacar que a substituição do cheque bancário pelo uso do cartão traz benefícios imensos para a sociedade, como exposto pelo Banco Central do Brasil, ao afirmar que o custo de um pagamento eletrônico representa entre

1/3 a 1/2 do custo de um pagamento em papel.

Os estabelecimentos comerciais se beneficiam da garantia de recebimento do valor da transação comercial, evitando assim a inadimplência e fraude com cheques, além de eliminar uma quantidade significativa de trabalho com manuseio e controle de cheques, proporcionando conforto e rapidez aos seus clientes. Para muitos pequenos e médios lojistas brasileiros, o equipamento que possibilita a captura das transações com cartões, (comumente chamado de POS) representa a primeira ferramenta de automação do estabelecimento comercial e o recebimento de suas vendas através de cartões contribui sensivelmente para redução de despesas de administração e controle do fluxo de caixa. O portador de cartões de pagamento valoriza a facilidade, conforto e segurança no uso deste meio de pagamento. O típico portador de cartão de crédito brasileiro não financia suas compras com esses cartões, mas valoriza a possibilidade de pagá-las em uma única vez, quando da emissão de sua fatura. Quem lhe proporciona este benefício é o estabelecimento comercial que recebe o valor de suas vendas com cartões de crédito em média trinta dias após a transação comercial. Em outros países, este prazo é financiado pelos portadores de cartões que o utilizam para financiar suas compras. No Brasil o índice de financiamento é baixo

e os cartões de crédito participam com apenas 7,49% no volume de crédito dos brasileiros, como informa o Banco Central do Brasil.

Para ter sucesso, qualquer empresa em um “mercado de dois lados” necessita criar uma estrutura de preços que produza um balanceamento dos números de cada lado da mesa, assim como estratégias diferentes que possam produzir efeitos positivos em cada lado do mercado. Uma estrutura considerada ótima depende da elasticidade da demanda e do custo marginal para oferecer serviços nos dois lados do mercado.

A história do nascimento e desenvolvimento do uso de cartões como meio de pagamento no Brasil e em outros países comprova que o sucesso está diretamente relacionado ao equilíbrio do valor percebido por cada um dos lados, onde o preço aplicado a cada lado é apenas mais um componente.

A luz destes conceitos e entendendo que o mercado de cartões de pagamentos só pode ser analisado dentro da ótica de mercado de dois lados, podemos inferir que qualquer ação decorrente da análise isolada de uma das partes (lados), poderá levar ao desequilíbrio deste mercado. ■

(*) As opiniões expressas neste trabalho são exclusivamente dos autores e não reflete a visão de nenhuma das organizações citadas.



Material didático de primeira qualidade,
simulados, plantão de dúvidas.
Inscrições abertas para turmas de maio,
períodos manhã e noite. Vagas limitadas.

AGÊNCIA DE INCLUSÃO NO MERCADO DE TRABALHO
CENTRO DE INCLUSÃO DIGITAL COM 180 CURSOS DISPONÍVEIS

ENFIM, UM CURSINHO QUE VOCÊ PODE PAGAR: CURSO COMUNITÁRIO PRÉ-VESTIBULAR DA AFROBRAS. A CHANCE DE UM FUTURO MELHOR POR R\$ 75,00 POR MÊS.

MATERIAL
DIDÁTICO
INCLUSO.

INFORMAÇÕES: (11) 3228-1824 • WWW.AFROBRAS.ORG.BR

afrobras

Sem Educação Não Há Liberdade



a boa notícia
do ano

Unipalmares inaugura campus II Barra Funda em cerimônia emocionante



Há momentos inesquecíveis em nossas vidas. Pequenos detalhes, grandes lembranças que permanecem em nossas memórias e em nossos corações. Sentimentos quase indescritíveis; eternos somente para quem os vivencia ou consegue compartilhá-los, cada um dentro do seu próprio grau de emoção. Foi dentro desse clima que ocorreu na manhã de 23 de março a inauguração do campus II da Unipalmares. A data escolhida para a cerimônia oficial de inauguração do campus II, na Barra Funda, foi uma homenagem a 21 de março, o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU).

No auditório do prédio, que leva o nome de *João Carlos Di Genio*, lotado pelo público presente, em sua maioria, de autoridades civis e governamentares, artistas, alunos e demais convidados, o som dos atabaques que entoaram o Hino Nacional Brasileiro, tinham o reforço de um outro ritmo forte: a batida do coração das pessoas que se emocionaram ao ouvi-lo. Com



sua voz grave Thobias, presidente de honra da Afrobras e presidente da escola de samba Vai-Vai, cantou o Hino Nacional. “Nessa manhã há um misto de satisfação e até mesmo de apreensão (...) ao olhar-

mos a mesa que compõe os trabalhos desta cerimônia e a platéia com: autoridades, atores e demais convidados”, referiu-se José Vicente, reitor da Unipalmares e presidente da Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, na abertura da cerimônia.

Crescimento sustentável graças às parcerias

Criada em 21 de novembro de 2003, a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares é a primeira Universidade idealizada por negros, tendo como foco a cultura, a produção e a difusão dos valores da diversidade. É também a única instituição com esse perfil na América Latina e uma das poucas com o mesmo objetivo no mundo - trabalhar pela diversidade.





“Começamos com 200 alunos, em um prédio acanhado (menos de 1 mil m²) e hoje comemoramos a inauguração do campus II com 1.400 alunos com previsão de terminar este ano com 3000 discentes”, comemora José Vicente. E o crescimento não para, na inauguração do novo campus, a partir do segundo semestre a Unipalmares passará a oferecer quatro novos cursos: Direito, Comunicação Social, Tecnologia de Transporte e Análise de Sistemas de Informação.

Essa performance se deve e muito às parcerias estabelecidas com a instituição. Em uma atitude inédita nesse País, as 28 salas de aula que integram o novo prédio foram colocadas à disposição de empresas e instituições financeiras dispostas a adotá-las. Num primeiro momento, cinco dessas salas foram adotadas. As parcerias firmadas foram com o Banco Itaú, Bradesco, Nestlé, Coca-Cola e Santander/Banespa.

O nível de relacionamento entre os parceiros e a Unipalmares ultrapassa os

valores depositados para a manutenção e infra-estrutura da instituição. Na realidade, são ações que irão mudar definitivamente o cenário do afro-descendentes na cidade de São Paulo. Essas ações são traduzidas por um Programa de Treinamento de Líderes Empresariais. Na prática, isto significa que 85% dos alunos da Universidade estão no mercado de trabalho. “Um dos diferenciais Unipalmares,

oferecer garantia mínima de empregabilidade para os alunos, através de estágios com diversos convênios firmados com as principais instituições financeiras e empresas do País”, reforça Vicente. Esse percentual contraria uma recente pesquisa apresentada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) que aponta os jovens fora e despreparados para o mercado de trabalho.





O novo campus localizado na Rua Padre Luís Alves de Siqueira, 640, na Barra Funda, distribui confortavelmente 28 salas de aula, ampla biblioteca, sala de leitura, cyber café, lanchonete, quadras de esportes e espaços para exposições. Em um deles foi inaugurada a mostra Mundo Feminino com trabalho de 16 artistas sob a curadoria do artista plástico Tom Ruthz, aluno da Unipalmares.

Além de conhecer as dependências da Unipalmares em um *tour* inaugural o público presente no evento teve a oportunidade de ouvir o Canto das Três Raças, com a cantora Elizete e, no encerramento da cerimônia, Alcione brindou a todos com a canção Pomba da Paz. ■



— espaço do Saber, mais uma iniciativa Unipalmares



A consolidação da Unipalmares materializada pela inauguração do Campus II é um marco na educação brasileira. A nova unidade abre-se com mais espaço e possibilidades. Esse sempre foi o foco do reitor, José Vicente, e dos mantenedores: abrir o leque de possibilidades ao conhecimento, relacionamento e desenvolvimento humano aos que lá freqüentam, participam e contribuem.

A partir dessa premissa será inaugurado em breve, no campus II o Espaço do Conhecimento, um cyber-café onde serão realizados eventos semanais que promovam conhecimento, intercâmbio e discussões. O objetivo é levar a esse espaço as pessoas que são líderes em suas áreas de conhecimento e atuação, para exporem suas idéias através de palestras, encontros ou pequenas reuniões. A idéia é buscar diversidade de temas, assuntos contemporâneos que estejam na pauta nacional, seja social, econômico, profissional ou de lazer e entretenimento. Desta forma, poderão ser realizadas palestras tanto sobre conjuntura econômica quanto enologia ou gastronomia. Lançamento de livros precedidos de discussões sobre a temática, pautas corporativas como por exemplo, gestão de



crise, são possibilidades que já estão sendo agendadas, e em breve as datas e respectivos participantes serão divulgados. Os eventos serão abertos aos alunos, parceiros e seus colaboradores, comunidades e lideranças. “Queremos ampliar o espaço de conhecimento dentro da universidade, trazendo a inteligência que pensa este País para dentro do nosso campus”, afirma o reitor José Vicente. ■

investimento no esporte

Como as atividades físicas e esportivas fazem parte do desenvolvimento de qualquer pessoa, a Unipalmares montará um departamento de educação física para todos os alunos e funcionários da

instituição, incluindo uma ampla avaliação e um programa de conscientização nutricional. Ao mesmo tempo, será criado um departamento para modalidades competitivas que vão contemplar ini-

cialmente o atletismo, o basquete e futebol (masculino e feminino) e o voleibol (feminino). Toda a coordenação desse trabalho estará sob a responsabilidade do professor Wagner Sergio Pereira, gra-



Professor Wagner Sergio Pereira

duado em letras e educação física, com pós-graduação na Universidade de São Paulo e na Escola Superior de Propaganda e Marketing, em Cuba e em Nova York fundador e gestor do Instituto Black Friends Basquetebol.

De acordo com ele o projeto está formatado, e as seletivas para a formação das equipes masculinas e femininas estão previstas para logo após inauguração do novo Campus, visando a disputa da Federação Universitária Paulista de Esportes (Fupe), órgão que administra os campeonatos entre as universidades. Participarão desse processo os alunos atletas da instituição e os atletas de excelência nessas modalidades aptos a ingressar na Unipalmares com o objetivo de formar equipes competitivas em parceria com o Instituto Black Friends. “Fui convidado pelo reitor José Vicente para ser o coordenador do Centro Esportivo Universitário Unipalmares com a proposta de desenvolver um projeto sócio-esportivo para a comunidade onde a instituição está instalada”, explica. “Isso inclui também o intercâmbio com atletas de outras

universidades brasileiras e de países do exterior”, complementa.

Na área sócio-esportiva, a universidade tem a intenção de desenvolver uma escolinha de judô, futsal e de voleibol para jovens até 14 anos, e já está aprovada a construção de uma academia de ginástica (fitness) dentro do campus para atender a todos os freqüentadores do local, além da criação de um

ginásio poliesportivo. “A iniciativa da Unipalmares é única, é o sonho de Ícaro no qual o pássaro realmente consegue voar, e eu me sinto muito gratificado por participar desse sonho realizado”, garante Wagner. Para ele, a cultura esportiva no Brasil só vai melhorar quando houver um trabalho de excelência do ensino fundamental ao superior. Ainda na área social, a universidade vai desenvolver um laboratório de psicomotricidade para crianças de quatro a oito anos aberto ao público interessado. ■



inauguração do novo campus

consolida
Unipalmares

Por: Maria Alice Carnevalli, especial para a Afirmativa

A maior prova de que uma iniciativa pioneira foi testada e aprovada pela sociedade está na concretização e no crescimento de um projeto educacional, que contempla a inclusão social, em especial dos negros, no ensino superior e no mercado de trabalho. Foi com essa missão que a Unipalmares abriu suas portas há quase quatro anos para 200 alunos, com o objetivo de levar o curso de Administração de Empresas ao alcance das classes menos favorecidas. No dia 23 de março, com aproximadamente 1.400 inscritos, em seu corpo discente, a instituição inaugurou o novo campus universitário, com uma área nobre de 15 m² quadradinhos na região Oeste da Capital, perto das imediações do metrô Barra Funda, o que confere a real dimensão da importância do trabalho que vem sendo realizado.

Além de aumentar o espaço e de oferecer uma estrutura física funcional e confortável aos estudantes, a Unipalmares também vai ampliar a oferta de cursos como Direito, Comunicação Social, Tecnologia em Logística e Transporte e Informática. Com isso, a expectativa é de atender

2.300 alunos até o final de 2007. Para José Vicente, reitor da universidade, “esse progresso substancial confirma o acerto metodológico do projeto e aprofunda a disponibilidade desse público específico para um trabalho dessa natureza.” Ele ainda acrescenta que o novo campus possui dois centros de inclusão digital, em parceria com a Fundação Bradesco, com parte dos equipamentos em Braile, que vão incrementar a prática do ensino presencial e permitir a implementação do ensino à distância. Outra novidade é o auditório João Carlos Di Genio, que foi projetado dentro desse ambiente universitário para promover a inclusão cultural por meio de apresentações, das mais variadas expressões artísticas destinadas à comunidade universitária e ao seu redor. Funcionando também como mais um pólo do projeto Guri em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, a universidade vai disponibilizar aos seus alunos um laboratório prático que servirá como uma incubadora para a iniciação mercadológica de negócios afro-étnicos, incluindo moda, culinária,

artesanato, música e dança, entre outras manifestações da cultura africana. O reitor lembra também que todos os estudantes estão sendo qualificados na língua inglesa com recursos e professores da escola de idiomas Alumni, sendo que 30% desses jovens já estão estagiando como trainees executivo junior nas maiores instituições financeiras do Brasil. “Espero que a consolidação desse trabalho possa inspirar o governo e sociedade a investirem na criação de caminhos diferenciados e alternativos, que contribuam efetivamente para a inclusão das classes menos favorecidas, na educação superior e no mercado de trabalho qualificado”, ressalta Vicente.

Histórico

A Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares (Unipalmares) é mais uma realização da Afrobras, uma organização do terceiro setor, fundada em 1997, que reúne intelectuais, autoridades e personalidades, negras ou não. O objetivo principal é trabalhar pela inserção so-

cial, econômica, cultural e educacional dos jovens negros em nível nacional. A Unipalmares é mantida pelo Instituto Afro-Brasileiro de Ensino Superior, e autorizada pela portaria nº 3.591, de 13 de dezembro de 2002, do Ministério da Educação, e inaugurada em 20 de novembro de 2003, tendo iniciado as aulas no início de fevereiro de 2004. Trata-se da primeira universidade idealizada por negros, tendo como foco a cultura, a produção e a difusão dos valores da cidadania, especialmente aqueles que dizem respeito à diversidade e à equalização de oportunidades sociais, uma vez que, 87% dos alunos são afro-descendentes.

A primeira fase do projeto da universidade teve como foco o curso de Administração de Empresas em quatro habilitações: Geral, Comércio Exterior, Serviços e Comércio Eletrônico, e Financeira. A instituição destaca-se por ser a primeira do Brasil e da América do Sul voltada para a inclusão do negro. Ela desponta ainda como uma das poucas em todo o mundo com esse perfil.

Desafios e Resultados

Com a oferta dos novos cursos em nível superior e tecnológico, a Unipalmares aumenta a chance de inserção cultural e social para alunos. Na visão de Cristina Maria Costa Jorge, diretora de graduação, extensão, estudos e pesquisas, socióloga e cientista política, o grande desafio desse projeto educacional está em transformar a sociedade por meio de ações direcionadas aos afro-descendentes que representam hoje cerca de 46% da população brasileira, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Para ela, o novo campus corresponde a um modelo arquitetônico e construtivo da universidade sonhada. “Contribuir para a Unipalmares mudou a minha postura profissional e também pessoal”, revela.

“Embora, eu sempre tenha acreditado no poder de transformação do trabalho, ainda é muito difícil no Brasil as instituições, tanto da esfera pública quanto privada, investirem em um projeto desse porte, até porque o negro como tema era muito pouco debatido no País até o início do século XXI”, acrescenta.

Para a diretora, a Afrobras e a Unipalmares contribuíram muito para colocar essa discussão nas pautas políticas e econômicas do Brasil, especialmente no que se refere às cotas para negros no ensino superior. “Nós temos hoje um trabalho a apresentar, cujos resultados são visíveis e palpáveis, pois conseguimos ousar e construir a primeira escola da América Latina voltada preferencialmente para o público afro-descendente, o que nos permite afirmar que a instituição tem como base um macro projeto de inclusão da diversidade nacional do ponto de vista étnico-racial, das opções políticas, ideológicas e sexuais”, destaca.

Do ponto de vista educacional, Cristina explica a necessidade da utilização de instrumentos metodológicos impostos pela realidade dos egressos do ensino médio no Brasil, igual para todas as instituições de ensino superior. “Em nossa instituição realizamos diversas oficinas como forma de atualizar o conhecimento dos nossos alunos como, por exemplo, em língua portuguesa, matemática, inglês e informática”, observa. Segundo ela, é importante também ressaltar que a Unipalmares atua no sentido de formar competências para o mundo dos negócios. Dentro dessa proposta, todos os cursos oferecidos têm como abordagem o empreendedorismo, seja ele praticado nas grandes corporações, seja por meio da livre iniciativa com a criação de micros e pequenas empresas pelos alunos. “Dentro desses princípios que transcendem as relações materiais e possuem como desafio atingir a dimensão humana do

conhecimento e da realização pessoal, eu considero o céu como limite.”

Os alunos envolvidos nesse projeto também reconhecem sua magnitude e a grande chance de mudança que a universidade vem proporcionando às suas vidas. Para Aline Rocha Freire, do segundo ano do curso de administração, estudar na Unipalmares é uma grande honra, por se tratar de um projeto de inclusão para negros, com qualidade, que permitirá a ela a oportunidade e também pela bolsa de estudos de 50%. “A Unipalmares abre as portas para dizer à sociedade que nós, negros, também estamos dispostos e preparados para adquirir conhecimento e capacitação”, enfatiza. Na visão de Bruno Augusto da Silva, colega de turma de Aline, orgulho é a palavra chave para descrever sua relação com a universidade. Depois de abandonar outra instituição de ensino para estudar na Unipalmares, ele abraçou o projeto, e hoje faz parte do centro acadêmico e do grupo de dança de samba-rock, curso oferecido por empresa júnior da universidade. “Pretenho fazer pós-graduação para me tornar um professor e fazer parte do corpo docente da universidade, pois acredito que essa instituição veio para ficar e ainda vai crescer muito com os novos cursos que estão sendo oferecidos”, avisa. “A possibilidade do contato direto com a reitoria e com a diretoria da instituição é um privilégio e, graças a isso, eu consegui o meu primeiro estágio em uma grande corporação financeira”, complementa. Para aqueles que acabaram de ingressar, como Kelly Cristina de Fátima Carvalho, que terminou o ensino médio há sete anos, o projeto também é interessante. Ela elogia os professores que, em sua opinião são pessoas maravilhosas e excepcionais com vontade de ensinar e não apenas transmitir conteúdo. “Além disso, o nosso novo campus é gigantesco e muito bem localizado”, avalia. ■

Opinião de personalidades e



“Em primeiro lugar é importante ter um campus com qualidade de ensino, com pessoas voltadas para ajudar a construir a educação, que é a mola propulsora para o desenvolvimento do País. Essas pessoas têm uma integração total na sociedade brasileira. Hoje no Brasil existe um só País: dos brancos, dos negros, dos descendentes das diversas colônias, e é esse País que cada vez mais é referência em relação ao que acontece no mundo. Hoje o Brasil dá um exemplo de convivência de todos os povos, de todas as raças e de todas as religiões. Aqui nós vivemos num ambiente que sintetiza e que reflete esse espírito brasileiro.”

Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo

autoridades sobre a Unipalmares



"O Itaú é uma grande empresa e obviamente tem que cuidar da responsabilidade social e nós entendemos que a sociedade tem esta tremenda dívida com os afro-descendentes. Nada melhor do que encontrar um parceiro sério como a Unipalmares para poder dedicar esforços neste sentido. O crescimento é fabuloso, porque como a causa é muito meritória isso tem uma contaminação, e um crescimento muito exponencial. Eu vejo isso com muito sucesso e acho que logo todo o Brasil estará contaminado por uma iniciativa como esta. A Unipalmares começa a ter o perfil das grandes instituições, como a USP, Ibmec e Fundação Getúlio Vargas. O nosso próximo passo é começar fazer programas de MBA in Company."

Fernando Tadeu Perez, vice-presidente de RH do Banco Itaú



“O Projeto da Unipalmares é de uma importância extraordinária, porque é um projeto concreto. É uma iniciativa que já está dando resultados e tem agora a possibilidade, com a ampliação do espaço físico, de aumentar ainda mais as suas repercussões. Nós temos hoje um grande desafio de oferecer à sociedade oportunidades iguais. A democracia ainda deve isso para a sociedade. Este projeto vai nesta linha, na medida em que busca soluções para a desigualdade social, da injustiça e da inclusão, através do conhecimento. Porque esse é o caminho. É através do preparo e da informação que nós vamos vencendo estas dificuldades.”

Sidney Beraldo, Secretário de Gestão Pública do Estado de São Paulo



“É um prazer poder apreciar o crescimento da instituição. Gostaria de parabenizar o reitor José Vicente, e toda a sua diretoria pelas instalações muito bonitas, amplas e agradáveis, e dizer que mais uma vez estamos orgulhosos em termos participado deste projeto. A Unipalmares é vista com muito carinho pela Unip.”

João Carlos Di Genio, presidente do Grupo Unip/Objetivo



“A inauguração do novo campus da Unipalmares é um ganho expressivo para a sociedade em geral, e especificamente, para a comunidade negra. Pelo seu perfil e pela sua história, a Universidade vem atender às reivindicações de um segmento que pretendia ter um curso de Direito ligado diretamente às Ciências Políticas e Sociais. Ressalto ainda que a iniciativa permite agregar ao currículo de cursos regulares o estudo de leis para os afro-descendentes que não são vistas de forma detalhada por outras instituições educacionais. Como advogado, eu sinto a carência que o mercado de trabalho apresenta por profissionais especializados no tema da inclusão social no Brasil.”

Marco Antonio Zito Alvarenga, conselheiro e presidente da Comissão do Negro e Assuntos Antidiscriminatórios da OAB



“Nós verificamos que o professor José Vicente é um iluminado. O fato de ele ter se engajado e cercado-se de pessoas competentes nos mostrando a evolução do processo educacional, que é importante para o País. Nós temos uma carência muito grande na educação, por isso o trabalho que a Unipalmares está desenvolvendo é fundamental. Não só para a população ou para os alunos, mas para o País. Nós sempre que pudermos vamos prestigiar essa iniciativa. Esse trabalho só merece elogios.”

Milton Matsumoto, diretor-executivo do Banco Bradesco



“A Afrobras é organizada, sabe fazer as propostas saírem do papel e se concretizarem, como já presenciei várias vezes, como a idealização da Unipalmes. Além disso, sabe reverenciar seus artistas como no Troféu Raça Negra, com uma festa linda, sendo o prêmio mais luxuoso do País. Estes eventos são para mexer na desigualdade social e para abrir novos caminhos para nossa raça, sem aquele ranço de ódio, somente através de trabalho.”

Alcione, cantora



“O sucesso da primeira fase do Projeto Unipalmares acabou levando naturalmente a esta ampliação, e nós do HSBC temos prestigiado e vamos continuar prestigiando, porque é um projeto que já nasce vencedor e tem tudo para dar certo, e com isso integrar cada vez mais os afro-descendentes no mercado de trabalho.”

Hélio Duarte, diretor-executivo do HSBC



“A parceria Unipalmares/Santander é muito positiva. Acabamos de finalizar o recrutamento de um grupo de estudantes e o Santander é quem saiu ganhando, com a questão diversidade. Os 30 alunos vão aprender um pouco sobre como é fazer banco, nós aprenderemos muito mais sobre o que é a cultura afro-descendente. É um ganho para ambos.”

Helena Pessin, superintendente de RH do Banco Santander



“Cada um de nós tem a sua ideologia e partido, mas estamos aqui todos, unidos, porque sabemos que a nação com a qual sonhamos jamais irá existir sem a igualdade. Esse momento que estamos vivenciando (referindo-se à inauguração do campus II) deveria ter acontecido há muitos anos atrás. Entretanto, é muito importante a criação desse movimento que nasce aqui, pois na vida o fundamental é a travessia onde aprendemos a traduzir a vida.”

Nárcio Rodrigues, vice-presidente da Câmara dos Deputados



“Nós da Fundação Bradesco vemos com felicidade e satisfação o Projeto Unipalmares. É muito gratificante acompanhar a criação de um novo espaço aqui em São Paulo, um espaço maravilhoso e sobretudo dedicado à educação, a inclusão de nossos jovens estudantes. Aqui há uma integração grande, predomina sim o jovem negro, que é a cor mais pura do Brasil, mas vejo aqui diversas outras raças. A criação deste espaço nos gratifica, uma vez que a nossa missão principal é a de fazer a inclusão social para todas as etnias, através da educação.”

Mário Hélio, presidente da Fundação Bradesco



“O Projeto Unipalmares é fantástico, até porque sempre apoiei os projetos que privilegiassem as etnias discriminadas, como a questão das cotas. Elas foram as responsáveis por modificar totalmente o processo de vestibular. Acredito que em uma universidade feita prioritariamente para membros da comunidade negra é extremamente importante. Deve ser apoiada e prestigiada para crescer. Afinal, metade da nossa população tem esta origem.”

José Aristodemo Pinotti, secretário de Ensino Superior do Estado



“Como nós participamos desde o início das ações da Afrobras, entendemos que a Unipalmares é a realização de um sonho. Esse espaço conquistado para os alunos é uma conquista imensa. A minha reivindicação é de levar esse projeto para o Rio de Janeiro. Se tivéssemos um projeto igual a este, em cada capital do País seria o ideal, mas vamos chegar lá. É só Deus dar-nos saúde, persistência e esperança para trabalharmos para tal finalidade. Conseguimos aqui em São Paulo, vamos conseguir no resto do Brasil.”

Isabel Fillardis, atriz

“A data escolhida para a inauguração desse espaço educacional foi mais do que justa. O novo campus da Unipalmares representa, um passo a mais, estamos caminhando e acordando. Esse é um grande lance! Não é só governo que tem que acordar. Nós temos de acordar e fazer muito barulho, e aí sim acordar muita gente. Esse barulho está apenas começando... É preciso ter esse espaço no Rio. E para fazer acontecer estou botando a maior pilha!

Sandra de Sá, cantora



“A inauguração deste campus é mais uma barreira saltada. Todos os eventos são comemorativos e para nós louvar-mos. Este é um grande ponta-pé para a mudança da nossa história.”

Rafael Zulu, ator



“Estou muito feliz por fazer parte desse processo desde o início. Acredito que estamos no caminho certo e agora temos que ampliar essas ações para o Rio e demais estados brasileiros. Essa é uma iniciativa que temos de aplaudir e seguir em frente. A data escolhida para a inauguração foi bastante propícia, uma homenagem a 21 de Março quando falamos contra a discriminação racial e ações positivas para levantar a auto-estima. Só temos motivos para comemorar.”

Maria Ceiaça, atriz, superintendente de Promoção da Igualdade Racial do Rio de Janeiro



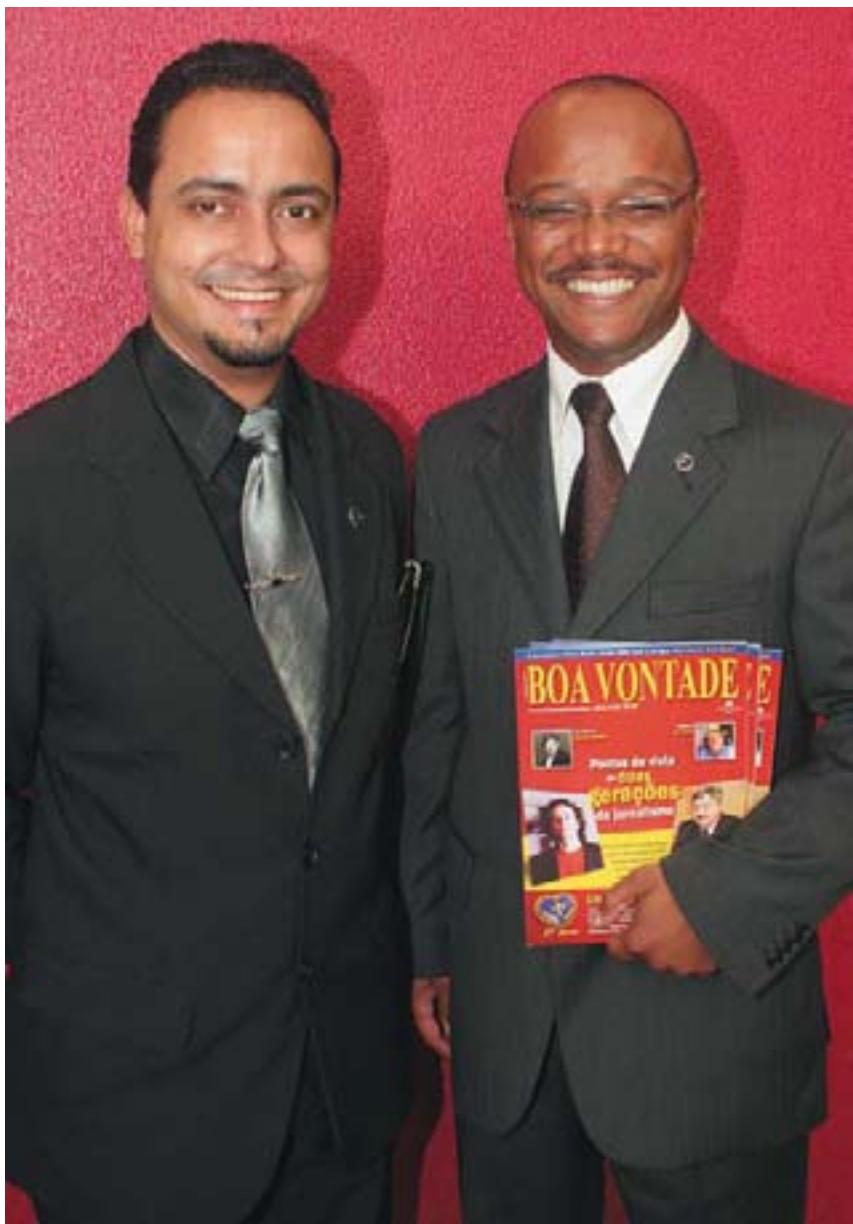
“É um projeto valioso, e de uma pequena forma, a Colombo o vem prestigiando. Imagino que se todas as empresas fizessem a sua parte no âmbito do relacionamento social, de inclusão social, nós estaríamos hoje em uma situação bem diferente. Um trabalho desse, conduzido pelo dr. José Vicente, tem de ser valorizado e prestigiado.”

Álvaro Jabur Maluf, presidente da Camisaria Colombo



“A implantação do campus II da Unipalmares é marco significativo na busca da libertação pelo conhecimento. Parabéns a Afrobras e ao magnífico reitor José Vicente pelo profícuo trabalho realizado em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.”

Massami Uyeda – Ministro do Superior Tribunal de Justiça



“A expansão da Unipalmares é o tipo da resposta que o País precisa para solucionar os problemas sociais, uma vez que pessoas bem educadas vão trabalhar para a construção de um futuro melhor para as novas gerações.”

José Eduardo de Paiva, assessor especial da Legião da Boa Vontade (LBV)

“Essa empreitada educacional, que é uma das mais importantes para a valorização do negro, visa o desenvolvimento da nação brasileira. Ela vem ao encontro da pedagogia do afeto, de Paiva Netto, que evidencia a formação de um cidadão ecumênico, preparado não apenas intelectualmente, mas também do ponto de vista espiritual.”

Celso de Oliveira, diretor de radiodifusão da Fundação José de Paiva Netto



“Não foi difícil para nós, do Banco Real, nos engajarmos nessa trajetória do José Vicente de lutador e batalhador para enaltecer os valores que temos nas comunidades do Brasil, e principalmente na comunidade negra. A abertura deste campus II é uma multiplicação por cinco, em progressão geométrica, da evolução deste projeto. A Unipalmares tinha um campus de 3 mil m², esse tem 15 mil m², é pegar esta matemática do 3 x 5. Acreditamos que cada profissional e os parceiros da própria faculdade poderiam acelerar esse movimento e tirar um histórico de anos de desvantagens. Para mim a palavra é evolução, e evolução com rapidez. Porque esses jovens estão sendo brindados com sua formação. Com certeza serão os futuros líderes a ocuparem posições de destaque no nosso segmento financeiro, e em vários outros da sociedade. É um prazer fazer parte deste movimento.”

Maria Cristina da Costa R. de Carvalho, Superintendente de Recursos Humanos do Banco Real



“Se nós tivermos que escolher um grande problema brasileiro, em São Paulo, o eleito seria o problema da injustiça. O Brasil é um País que tem esta marca, da injustiça, da desigualdade. Promover justiça social é mais importante para qualquer organização, pessoa ou entidade. A Unipalmares tem exatamente esse grande mérito: promover a justiça social, especialmente para pessoas que não têm essa oportunidade. Basicamente a injustiça está concentrada nas mulheres, negros e nos pobres.”

Oded Grajew, presidente do conselho do Instituto Ethos

Inauguração campus Barra Funda



Inauguração campus Barra Funda



Almoço de confraternização no buffet Manaus



A woman with dark hair, wearing a light-colored top and a necklace, is singing into a microphone. She is holding an Academy Award (Oscar) statue in her left hand. The background is dark and out of focus.

O negro e o Oscar

Por: Antonio Moura Reis, jornalista



Na página da esquerda, Jennifer Hudson, acima, Forest Whitaker, vencedores do Oscar 2007

Quando, pela ordem de entrada em cena, Jennifer Hudson e Forest Whitaker subiram ao palco mais que iluminado da, festa do Oscar deste ano – ela para receber a estatueta dourada de melhor atriz coadjuvante por “Dreamgirls – Em Busca de um Sonho”, ele aclamado como melhor ator por “O Último Rei da Escócia” – mais que os aplausos de praxe, presenciou-se a consolidação do reconhecimento, e respeito ao negro na grande indústria do cinema.

Pela terceira vez, em cinco anos os membros da Academia de Artes e Ciências de Hollywood elegeram, em votação direta e secreta, dois

atores negros entre os melhores. Em 2004, Jamie Foxx recebeu o Oscar de melhor ator pela impecável interpretação de Ray Charles em “Ray” e Morgan Freeman o de ator coadjuvante, por seu não menos maravilhoso trabalho, no filme eleito o melhor do ano, o belo e denso “Menina de Ouro” de Clint Eastwood, aliás, o melhor diretor.

Em 2002, na noite em que as celebridades de Hollywood aplaudiram em pé Sidney Poitier, primeiro negro a ganhar o Oscar de melhor ator, homenageado pela Academia com o Oscar Honorário “por suas extraordinárias performances, e por repre-

sentar a indústria do cinema com dignidade, estilo e elegância”, Denzel Washington levou para casa o de melhor ator por “Dia de Treinamento” e Halle Berry o de atriz por “A Última Ceia.” Foi, segundo assinalaram os veículos – tvs, sites, jornais e revistas – que cobriram a grande festa, a noite do orgulho negro na mais tradicional, conhecida, discutida, criticada e venerada premiação de todo o cinema.

Na realidade, estas três glamourosas noites de orgulho negro representam profunda mudança de comportamento do cinema norte-americano e, acima de tudo, marcante vitória



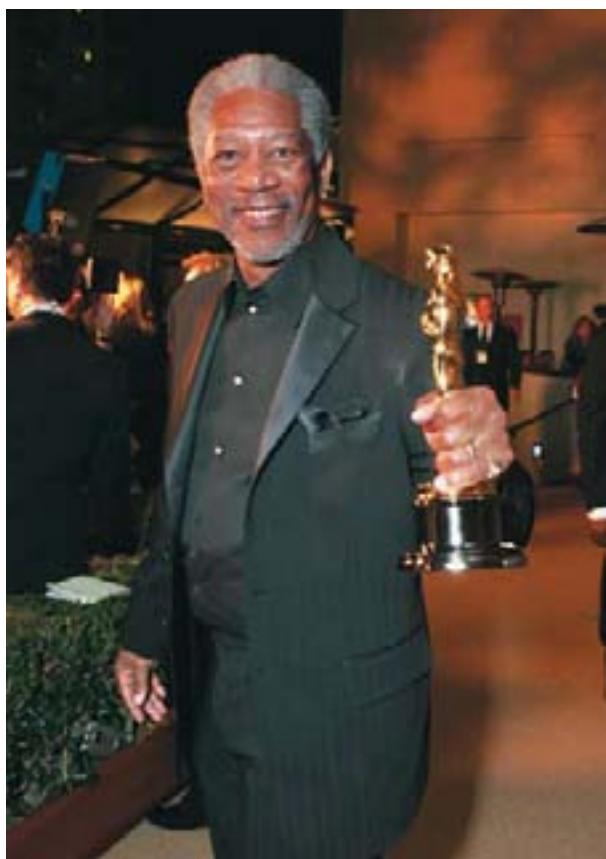
Cena do filme *Dreamgirls*

dos afro-descendentes em uma luta de muitas décadas.

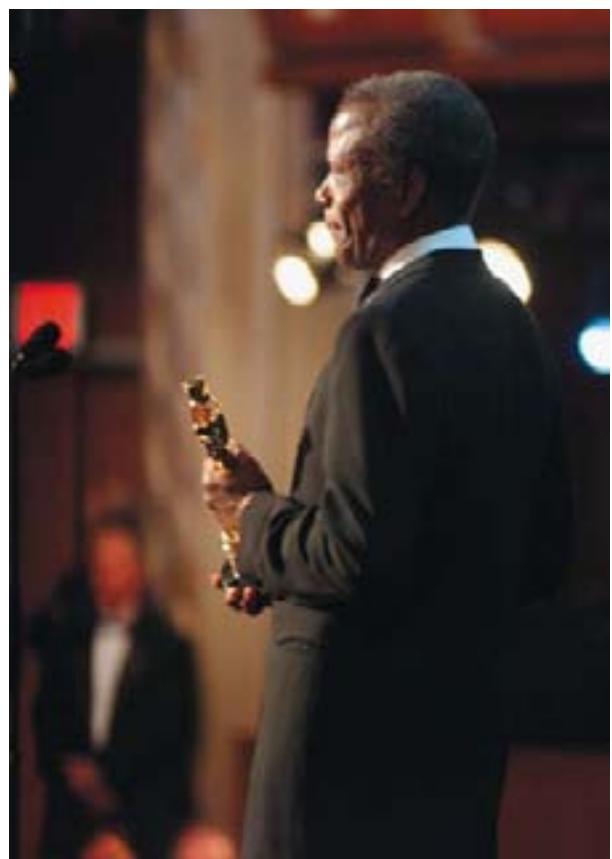
Criado no final dos anos de 1920, somente em sua 12^a premiação, em 1940, a relação dos candidatos ao Oscar incluiu um afro-descendente: Hattie McDaniel, como atriz coadjuvante por “E O Vento Levou”. Atriz e cantora, Hattie rompera barreiras e preconceitos ao se impor como a primeira negra a cantar no rádio, nos Estados Unidos. Escolhida para o papel da escrava protetora de Scarlett O’Hara (Vivian Leigh), calou racistas com uma interpretação impecável, mas calou-se diante da grosseria de não ter sido convidada para a estréia do filme em Atlanta. Segundo algumas fontes, conteve a raiva e



Hattie McDaniel e Vivian Leigh



Morgan Freeman

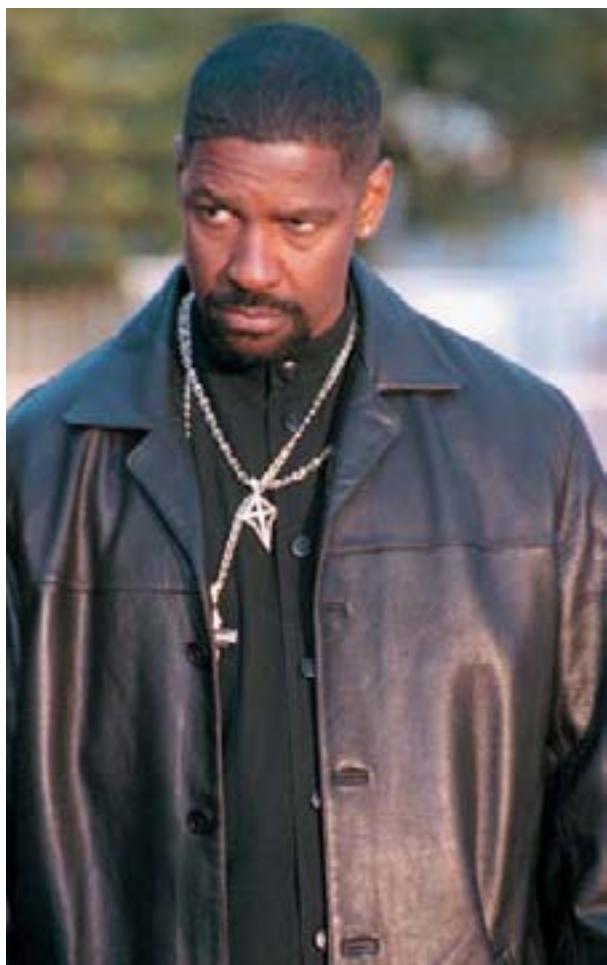


Sidney Poitier

convenceu Clark Gable, a comparecer à estréia do filme, pois em sua solidariedade declarou que não compareceria. Hattie deu a volta por cima e ganhou o Oscar. Entrou para a história como a primeira negra a conquistar o prêmio. Somente em 1955 a lista de indicados voltou a incluir outro afro-descendente: Dorothy Dandridge registrou novo avanço ao concorrer a melhor atriz por Carmem Jones. Apenas três anos depois – um fato notável para as circunstâncias da época - Sidnei Poitier concorreu pela premiação de melhor ator por sua vigorosa interpretação em “Acorrentados”, mas teria que esperar cinco anos para se tornar o primeiro negro a lançar nova luz nos tortuosos meandros de Hollywood: ganhou o Oscar de melhor ator em 1963 por “Uma Voz Nas Sombras”, apesar do prestígio de Poitier e do surgimento de vários bons atores negros, somente 24 anos depois os afro-descendentes voltaram a concorrer. Morgan Freeman foi indicado a ator coadjuvante em 1987 por “Armação Perigosa” e no ano seguinte a melhor ator



Djimon Hounsou



Denzel Washington



Halle Berry



Jamie Foxx

por “Conduzindo Miss Dayse”, em 1995 voltou a concorrer por “Um Sonho de Liberdade”, tornando-se o ator negro com maior número de indicações, posição mantida e ampliada em 2004, quando levou a estatueta de ator co-adjunto.

A crescente participação de afro-descendentes na disputa do Oscar – este ano, pela primeira vez na história, cinco negros (além dos vencedores Forrest Whitaker e Jennifer Hudson, Will Smith concorreu a melhor ator, Eddie Murphy e o africano Djimon Hounsou a ator coadjuvante) ocuparam as cadeiras das primeiras filas, reservadas aos candidatos – amplia muito mais que os horizontes do mercado de trabalho. Lança otimistas perspectivas de um cinema mais democrático, pois racialmente ecumônico. ■



Dorothy Dandridge

África

tão perto, tão longe

Por: Paulo Betti, ator e diretor

Imagine um festival de cinema cuja abertura, encerramento e entrega de prêmios acontecem em um estádio de futebol diante de um público de 30 mil pessoas.

Assim, foi a vigésima edição do Fespaco, evento bienal que se realiza em Ouagadougou, capital de Burkina Faso, localizada no coração da África do oeste com fronteiras com o Mali, Benin, Togo, Gana e Costa do Marfim.

Confesso que, como a maioria dos brasileiros, a única coisa que sei a respeito desses países é que eram times de futebol, no álbum de figurinhas que colecionei com meu filho na última copa do mundo.

A língua oficial de Burkina é o francês, mas fala-se também o Moore, Dioula e o Fulfude. A altitude é de 500 mts e o clima é tropical, sem chuvas, seco. Quente, muito quente. A população está em torno de 12 milhões de habitantes.

Porque sabemos tão pouco sobre a África? Porque não sabemos nada sobre esse festival no Brasil?

Certo que, só concorrem a prêmio os fil-



Paulo Betti



mes africanos, mas isso não é razão para não mandarmos nossos filmes pra lá. Mostras paralelas excitantes, exibem filmes de todo mundo para uma platéia ávida e as salas estão sempre lotadas. Mais de 150 filmes, e também uma grande quantidade de *sitcons* e seriados de TV.

Esse é um dos mais importantes festivais de cinema do mundo. Até mesmo a bíblia do cinema, o *Cahier du Cinema*, dedicou um suplemento inteiro a esse acontecimento. Nosso governo tenta incrementar as relações com o continente africano, mas nossa agência de cinema, a Ancine, não tem o Fespaco no seu ranking de festivais que merecem passagens e incentivos para que os nossos cineastas se disponham a ir para lá. Isso precisa ser corrigido.

O fato é que estamos muito mais distantes

da África do que supomos. Se olharmos o mapa, veremos que numa viagem de 6 horas estariamos em Ouagadougou. Mas somos obrigados ir a Paris. Pronto. A viagem passa a ser de dois dias.

No carnaval de 2007, cinco escolas de samba do primeiro grupo no Rio de Janeiro tiveram a África como tema de seus enredos, inclusive a ganhadora, a Beija Flor. Somos um País com metade da população de negros e pardos. Não é o que diz o IBGE?

Apesar disso, o último filme brasileiro que eles lembram de ter participado do Fespaco, foi o maravilhoso documentário “Ori”, de Raquel Berger em 1989.

Imagine uma cidade que tem como principal monumento uma homenagem aos cineastas, um enorme e curioso obelisco

em cimento imitando latas e carretéis de película. A Praça dos Cineastas. Essa é Ouagadougou.

Um único brasileiro no festival. Pelo menos, não encontrei outro entre os quatro mil participantes das festividades. Falando língua portuguesa, somente o pessoal da televisão Angolana, o Pedro Pimenta que organiza um festival de documentário em Maputo e ninguém mais.

Uma pena, pois a África tem tudo a ver conosco. É um clichê, mas é a verdade. É só ver como nos encaixamos no mapa da África. Parecem duas peças de um quebra cabeças a provar que tudo era uma só extensão continental.

Mas, não nos enganemos. As diferenças são enormes. Andando pelas ruas, os muçulmanos, prostrados, no chão fazendo suas ora-

Divulgação



ções nos mostram claramente que estamos em uma outra parte do mundo.

Os filmes favoritos eram "Tsotsi", Sul Africano que ganhou o Oscar em 2005 de melhor filme estrangeiro, baseado na obra do grande dramaturgo Athol Fugard e Daratt, do Tchad (é o nome do país) que ganhou o Leão de Prata no festival de Veneza.

Mas, quem acabou vencendo o Étalan dor de Yennenga foi o filme Ezra de Newton Aduaka, da Nigéria, sobre um jovem, ex-combatente da guerra civil, que tenta se readaptar a vida normal.

O filme que mais me impressionou, vi num telão de alta definição na periferia mais distante. A lua cheia brilhava no céu e as crianças se juntavam aos velhos sentados no chão de terra, misturados com os europeus de boa vontade que ainda

pensam, ser possível resolver os problemas do mundo com o cinema.

Na tela passava *Lor bleu, ressource ou merchandise*, do francês Didier Bergounhoux, um filme sobre a falta de água na Nigéria e em Burkina. Um problema que em breve vai ameaçar o mundo todo.

Para quem gosta de teatro, Didier fez aquela celebre foto da montagem da peça Tempestade com direção de Peter Brook. Aquela em que o grande ator Sotigui Kouyaté aparece com Próspero, com a miniatura de um navio sobre a cabeça. Aliás, Sotigui é o maior ator dessas paragens, um *griot*, que tem o dom de contar histórias, tradição oral, aspecto importantíssimo da cultura de um povo onde apenas 5% da população sabem ler.

O Fespaco é um festival diferente. A poei-

ra e a pobreza a todos irmana. Sobra pouco espaço para vaidade e o cinema é uma arma contra a miséria.

Resolvi documentar a experiência. Passei 5 dias com uma câmera que parecia uma metralhadora na garupa de uma moto. O piloto, Dreudouné Adouabou, um estagiário de 30 anos que fala inglês, francês e três línguas locais, ganha 38 dólares por mês e me ensinou, delicadamente, o tempo todo, a distância que existe entre nós. Ele me dizia: Uncle (tio) Paulo, o senhor não deve dizer Eu e Você. E sim Você e Eu. Não deve dizer Brasil e África, e sim África e Brasil. Estou tentando, humildemente, aprender. Ah! Ele dizia também: *To be or not to be, that's the question, but, uncle Paulo, everyone wants to be.* (Ser ou não ser, eis a questão, mas, tio Paulo, todo mundo quer ser.) ■

Agenda Cultural

Uma seleção do melhor da programação de arte e cultura

Por: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br)



Música



A Banda Sinfônica, sob regência do maestro Ira Levin, executa o Concerto nº 1 para violino de Shostakovich. A solista convidada é a violinista búlgara Evgenia Maria Popova.

Onde: Teatro Cultura Artística. R. Nestor Pestana, 196. **Quando:** 09 de maio, às 21h. **Televendas:** (11) 3258-3344.



Fundação Maria Luisa e Oscar Americano

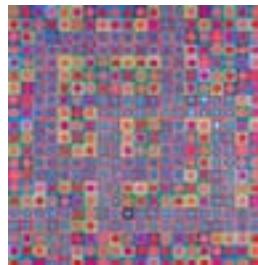
Dentro da programação musical 2007 da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, o flautista Maurício Freire e o pianista Miguel Rosselini interpretam obras de A. Dvorák, G. Fauré, C. Guarnieri.

Onde: Fundação Maria Luisa e Oscar Americano. Av. Morumbi, 4077. **Quando:** 20 de maio, às 11h30min. **Maiores informações no site:**

www.fundacaooscaramericanoo.org.br

Contato: (11) 3742-0077

Artes visuais



Victor Vasarely



Joan Miró

Museu Salvador Allende. Estéticas, sonhos e utopias dos artistas pela liberdade.

A exposição Museu Salvador Allende tem curadoria de Emanoel Araújo. “Estéticas, sonhos e utopias dos artistas pela liberdade” apresenta cerca de 130 obras representativas de diversos movimentos vanguardistas do século XX. A exposição é um tributo a memória do crítico de arte brasileiro Mario Pedrosa, um dos grandes responsáveis pela criação do museu. Julio Le Parc, Victor Vasarely, Jesús Rafael Soto, Carlos Cruz Diaz, Lygia Clark, Antoni Tápies e Franz Krajcberg estão presentes na mostra, a primeira realizada fora do Chile. **Onde:** Centro Cultural FIESP. Galeria de Arte do SESI. Avenida Paulista, 1313, São Paulo, SP. **Quando:** Até 24 de junho. De terça a sábado, das 10h às 20h, e domingo, das 10h às 19h. **Telefone:** (11) 3146-7405. Entrada gratuita.



Lygia Clark



Clarice Lispector



A Condessa de Casa Flores (Goya)

"Clarice Lispector"

Depois do grande sucesso da exposição "O Sertão de Guimarães Rosa", o Museu da Língua Portuguesa apresenta exposição sobre a escritora Clarice Lispector.

Onde: Museu da Língua Portuguesa. Estação da Luz – Praça da Luz, 01. **Mais informações no site:** www.museudalinguaportuguesa.org.br. Entrada gratuita aos sábados. **Quando:** por tempo indeterminado

"Goya. As gravuras da coleção Caixa Nova"

O Museu de Arte de São Paulo – MASP, dentro das comemorações dos 60 anos do aniversário de sua criação, apresenta a mostra "Goya. As gravuras da coleção Caixa Nova". Trata-se da exibição inédita das quatro séries completas das gravuras de Francisco de Goya (1746-1828). Com curadoria de Teixeira Coelho. **Onde:** Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP. Avenida Paulista, 1578. **Contato:** (11) 3251-5644. Até 20 de maio.

Teatro

Em cartaz, no Teatro Popular do SESI, a peça "Tristão e Isolda" conta a história de uma grande paixão entre o cavaleiro Tristão e a Princesa Isolda. A direção musical da peça é assinada pelo compositor de trilhas para teatro e curtas-metragens Dyonisio Moreno.

Onde: Centro Cultural FIESP. Galeria de Arte do SESI. Avenida Paulista, 1313, São Paulo, SP. **Quando:** sábado e domingo, às 16h; e quarta, quinta e sexta-feira, às 11h – sessões para escolas. Até 07 de novembro. **Duração:** 110 minutos. **Telefone:** 3146-7405. Entrada gratuita.



Sonho

que não acaba, que não se apaga

Por: Ana Luiza Biazeto, especial para a Afirmativa

A busca pela realização dos sonhos e a consciência de que a educação é o caminho para a ascensão, guiaram o persistente Reinaldo Aparecido do Nascimento para tantas vivências e aprendizados.

Desde cedo percebeu que o estudo seria a base do seu sucesso, e logo aos 14 anos estava em uma das principais instituições de ensino profissional do País, no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o Senai. Lá fez o curso de Eletricista de Manutenção Industrial, com duração de um ano e meio, e teve a oportunidade de ingressar através de um convênio da primeira grande empresa que trabalhou, a Ford do Brasil, onde ficou durante quatro anos.

Nascimento, era insaciável de informações na área escolhida, e em busca de profissionalização, fez quatro anos de curso Técnico de Instrumentação, durante o estágio na Ford. Através da luta pela ascensão, teve as portas abertas em uma outra grande empresa. Desta vez, foi na Companhia Nitro

Química Brasileira, do Grupo Votorantim, a terceira maior produtora de nitrocelulose do mundo, na qual ampliou as possibilidades de atuação profissional, devido à experiência com instrumentação, se interessou também pela área de processos, que o levou a prestar vestibular para a faculdade de Engenharia Química.

O mérito do diploma universitário custou-lhe paciência e perseverança. Aos 21 anos, em 1991, não pôde ir além do primeiro ano do curso, pois, como muitos dos brasileiros, sofreu as consequências do Plano Collor, e não resistiu ao corte de funcionários em plena fase de transição de estagiário para funcionário efetivo. “Precisei trancar a matrícula, mas mesmo assim segui os meus sonhos. Nunca deixei de buscá-los”, diz.

É nesta afirmação determinada que se explica o por que do desemprego nunca lhe ter trazido demasiada preocupação. As oportunidades de novas experiências sempre vinham acompanhadas de infor-

nitas habilidades adquiridas por onde trabalhava. “Quando saí da Nitro Química, contatei um ex-professor do colégio técnico, que colaborou para minha entrada em uma prestadora de serviços da Petroquímica União, onde fiquei por dois anos”, explica e enfatiza a importância de além de ser um bom profissional, deixar boas referências de trabalho por onde passa, e com quem convive.

O bom filho à casa torna? Sim, se for o caso do empenhado Nascimento, que foi chamado pela Nitro Química, dois anos após ter sido demitido da companhia. No quadro efetivo, ficou durante dois anos como técnico de instrumentação.

Sua maior estada empresarial foi de 1996 a 2006, na maior produtora mundial de pneus, a Bridgestone Firestone do Brasil, onde exerceu cargos de Técnico de Instrumentação a Técnico de Qualidade, com especialidade em MSA (tradução da sigla: Análise de Estudos de Medição), na área de Engenharia da Qualidade.

Nascimento viu os sonhos reacende-

rem através da estabilidade profissional. "Prestei vestibular para faculdade de Tecnologia Mecânica, que acabei em três anos, em seguida fiz pós-graduação em Gestão da Qualidade." Entretanto, ainda era pouco para quem tanto almeja e visa o aprimoramento. Em 2006, formou-se em Engenharia de Processos de Produção.

De acordo com ele, "de 1999 a 2006, foi um período de grande estudo e o que deu a certeza de sonho realizado." Mas, contraditório, a fase de estudos parece não ter fim, pois nos próximos meses o ideal traçado é cursar o Mestrado de Gestão da Qualidade, na Universidade de São Paulo, USP.

Quando o assunto é racismo, a conclusão que Nascimento carrega é: após já ter ouvido de um gerente "você é muito bom, mas a cor não ajuda", entre outras frases discriminatórias, é que um negro bem sucedido ou em cargo de chefia causa incômodo. A saída vitoriosa, segundo ele, é fazer de tudo para se superar e mostrar que a cor da pele não interfere na conduta.

"Eu sempre tive o objetivo de provar para mim o quanto sou capaz. Aprendi na infância, no esporte e no trabalho em equipe, como me sobressair nas dificuldades", conta evidenciando o gingado e jogo de cintura do futebol, que jogado com talento, só não o levou à seleção brasileira infantil por exceder em dois meses a idade máxima permitida.

Atualmente, Nascimento é revisor de processos produtivos da Colsup Engenharia, especializada na prestação de serviços de engenharia consultiva, responsável pela elaboração de projetos, integração e gerenciamento de empreendimentos nas áreas de energia, indús-



Reinaldo Aparecido do Nascimento

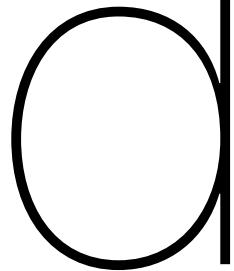
rias e infra-estrutura. "Faço a ligação entre fornecedor e cliente, que geralmente precisa da entrega de equipamentos - como hidráulico, eletrônico, elétrico, mecânico, pneumático, mecatrônico, eletroeletrônico, metal-mecânico. Verifico a documentação, qualidade e fabricação destes materiais."

Para exemplificar, diz ele, "a atual cliente Usina Hidrelétrica Castro Alves, de Santa Catarina, requisitou equipamentos para tratamento de efluentes, como válvulas mecânicas e pneumáticas e sistemas de segurança de águas nebulizadoras, para serem usados em estações de tratamento de água e esgoto." É ele quem busca os fornecedores, confere se

as especificações do pedido e do fornecimento estão de acordo com o estabelecido, se está no prazo de entrega e se segue as normas de qualidade do produto.

Na carreira, visualiza um futuro promissor na área de química e petroquímica. "Este campo vai crescer com a produção do Biodiesel, por isso vou buscar meu aprimoramento neste âmbito."

Para que outras pessoas sintam-se incentivadas para o crescimento pessoal e profissional, a dica é estudar, buscar leitura diversificada e "nunca permitir que o menosprezo ou palavras ofensivas cheguem ao coração." E mais, para enfrentar os desajustes, diz ele, "supere-se"!



discriminação racial no emprego na perspectiva dos direitos coletivos

Por: Otávio Brito Lopes, vice-procurador-geral do trabalho e coordenador nacional da Coordigualdade³

A ampliação do conceito de discriminação racial atualmente trabalhado pelos atores políticos brasileiros é mais do que necessária. Há décadas os indicadores de desigualdade racial no mercado de trabalho estão inalterados, mesmo que, progressivamente, tenhamos índices de escolarização mais favoráveis dentre populações antes excluídas, em especial a população negra. O pensamento equivocado de que negros estão, irrestritamente, em patamares inferiores da hierarquia social leva a que se naturalize, cada vez mais, que essa subalternidade deva ser o seu destino, sobretudo quando se trata dos espaços do mercado de trabalho. Idéias próximas a essa são comuns no dia-a-dia do brasileiro, gerando os mesmos efeitos há décadas, efeitos esses nunca combatidos com efetividade, apesar de sua perversidade.

É exatamente para combater esses efeitos que a agenda recente do Ministério Público do Trabalho, por meio do Programa de promoção da Igualdade de Oportunidades para Todos, tem tentado implementar uma perspectiva mais ampla da discriminação racial e de gênero nas relações de trabalho, a partir da adoção do conceito de discriminação indireta para caracterização da prática

discriminatória nas relações do trabalho. O interessante é que o caminho jurídico para tanto já está aberto desde 1968, ano em que o Brasil ratificou a Convenção nº 111 da OIT¹ e que a legislação ordinária passou a apontar especificamente que os efeitos indiretos de procedimentos de seleção de pessoal em empresas privadas e no serviço público poderiam resultar em discriminação², caminho esse que inequivocamente foi robustecido com a Constituição Federal de 1988.

A partir do seu Programa, o MPT passou a perseguir o objetivo de atuar considerando a especificidade do racismo brasileiro, acreditando que o instrumento propício para tanto é a identificação e reconhecimento da discriminação indireta, verificada a partir de seus resultados. Isso, porque é exatamente a discriminação velada e revestida de cordialidade, sem conflitos abertos, conforme interpretações sociológicas já clássicas da realidade das relações sociais brasileiras, que gera os piores efeitos, pois pretere negros sem deixar pistas do porquê.

Ao constatar os efeitos coletivos que a discriminação indireta gera, o MPT, *indo além do discurso fácil da igualdade formal de grande parte da sociedade brasileira, que*

por vezes beira a hipocrisia, já que efetiva e concretamente estamos atuando contra o descaso que paira em alguns segmentos do empresariado e do Poder Público quando o assunto é discriminação racial, ajuizou cinco ações civis públicas na Justiça Trabalhista do Distrito Federal, esperando dos Magistrados uma atitude ativa de interpretação da igualdade como princípio a ser não apenas formalmente, mas materialmente garantido.

A esse respeito, é importante consignar que não surpreende ao MPT as sentenças de primeiro grau que lhes foram desfavoráveis, sobretudo em razão do pioneirismo dessas ações, por meio das quais, a partir do trato de conceitos como a discriminação indireta e a “disparidade estatística” e da teoria do “impacto desproporcional” (Disparate Impact Doctrine), invocou-se, pela primeira vez no Brasil, a tutela jurisdicional do Estado em defesa das coletividades oprimidas pelas discriminações de raça, gênero e idade no mercado de trabalho. Destarte, o MPT, com essas ações, no seu inarredável papel de provocador da efetivação da Justiça Social, já vem logrando o êxito de também provocar o conhecimento mais aprofundado da matéria pelo Judiciário



Otávio Brito Lopes

brasileiro, que raramente tem oportunidade de enfrentar o tema.

Com efeito, já se verifica votos plenamente favoráveis à pretensão do Parquet em sede de Recurso Ordinário, no âmbito do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região. Embora minoritários, tais votos, sobretudo pelo lastro e consistência jurídica apresentados, demonstram que o MPT está no caminho certo na busca da igualdade material nas relações do trabalho, indicando também que há um longo e vanguardista debate

jurídico a ser travado em nossos Pretórios Superiores a respeito do tema.

Quanto aos resultados já alcançados, vale ressaltar as tratativas em curso com a FEBRABAN visando metas de igualdade no setor bancário em nível nacional, que vêm sendo mediadas pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados. Depois de concretizada a esperada pactuação dessas metas naquele fórum, o MPT atuará em outros setores econômicos, ampliando o escopo do Programa. ■

Notas

1 Decreto nº 62.150, de 19 de janeiro de 1968, publicado no D.O. U. de 23 de janeiro de 1968.

2 A Lei nº 5.473, de 10 de julho de 1968, estabelece no artigo 1º que “São nulas as disposições e providências que, direta ou indiretamente, criem discriminações entre brasileiros de ambos os sexos, para o provimento de cargos sujeitos a seleção nas empresas privadas e no serviço público federal, estadual ou municipal, incluídas as entidades autárquicas, sociedades de economia mista e empresas concessionárias de serviço público.”

3 Coordenadoria Nacional de Promoção de Igualdade de Oportunidades e Eliminação da Discriminação no Trabalho.

OS verdadeiros heróis da pátria

Por: Rosenildo Gomes Ferreira, repórter da revista IstoÉ Dinheiro

Na terça-feira 20 de março, o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva fez um mea-culpa, e indicou a forma como pretende que os usuários sejam tratados pelos demais brasileiros daqui por diante. Para o presidente, o epíteto de BANDIDO – com o qual os integrantes dessa categoria econômica eram brindados no passado, especialmente por integrantes dos partidos de esquerda – deveria ser trocado pelo substantivo masculino HERÓI. “Eles estão virando heróis nacionais e mundiais”, bradou o presidente Lula, durante um discurso na cidade de Mineiros (GO). O afago, carregado de simbolismo, deu-se diante de uma platéia de empresários e políticos em meio à inauguração de uma fábrica de pro-

cessamento de carnes. Não tenho a pretensão nem a ousadia de usar este prestigioso espaço para confrontar as palavras do presidente. Nem desejo, que isso fique bem claro, assacar contra a honra de integrantes de quaisquer segmentos econômicos. Muito pelo contrário. Quando o assunto é “herói” sou mais afinado com o pensamento do dramaturgo alemão Bertold Brecht, que dizia: “Triste a terra que precisa de heróis.”

Mas se, ao contrário do gênio germânico acreditamos (e eu me incluo neste grupo) que é lícito e necessário que busquemos redentores e super-homens entre nossos pares, prefiro erigir figuras anônimas a esta condição. Que tal aquele bôia-fria, que munido de facão rasga o canavial em

busca de seu sustento. A cada jornada diária este doublê de trabalhador, cidadão e herói embolsa módicos R\$ 14. Para turbinar os rendimentos ao nível necessário de duas refeições quentes por dia, o jeito é cortar o máximo possível de cana-de-açúcar. Mas isso tem um alto preço. Prova disto é que o esforço excessivo, sob um sol escaldante, é apontado como causa mortis de 17 bóias-frias desde 2004, apenas em São Paulo.

Mas não é preciso rodar centenas de quilômetros pelo interior de São Paulo, Rio de Janeiro, Alagoas ou Pernambuco (regiões onde a cultura da cana ainda viceja) para encontrar os heróis insuspeitos, dignos até mesmo da admiração do grande Brecht. Você, caro leitor, já experimentou

circular pelas ruas das grandes cidades por volta das 22h30min? Neste horário é possível assistir a uma cena bastante rica: Centenas de milhares de jovens caminhando pelas ruas, sob as marquises ou atulhados dentro de um ônibus ou de um trem, abraçados a livros e cadernos. De onde eles vêm? Para onde eles vão? Muitos estão meramente cumprindo o trajeto colégio (faculdade)-casa, após uma extenuante jornada dupla. Mas no meio desta massa de bravos cidadãos existe um punhado que podemos contar em mil, 10 mil, talvez 100 mil (sei lá!) que almejam algo mais que apenas dar a si e a suas famílias uma condição melhor de vida. Estes heróis do cotidiano estão indo em busca do futuro. Um futuro forjado no esforço de quem aprende, desde a mais tenra idade, que àqueles que não nasceram em berço de ouro têm de "matar um leão por dia" para atingir um lugar no Olimpo corporativo, econômico ou social.

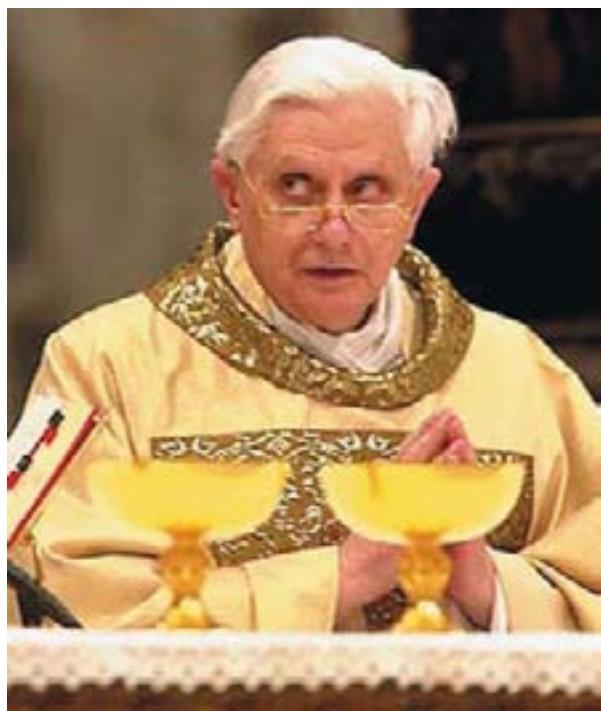
Alguns destes heróis estão ajudando a fazer história em São Paulo, em um espaço privilegiado chamado Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares. Obra que resultou do sonho, da abnegação e do esforço de famosos e anônimos. A construção desta obra exigiu tempo, suor e dinheiro. Mas a sua perpetuação dependerá do resultado de cada um de seus alunos. Heróis, cada um ao seu jeito e na sua medida, certamente capazes de impressionar até mesmo o sisudo Bertold Brecht. ■



Rosenildo Gomes Ferreira

Bento XVI no Brasil

*Por: Antonio Marchionni, Licenciatura e Mestrado em Teologia,
Licenciatura e Doutorado em Filosofia pela Unicamp*



Papa Bento XVI

O Papa virá ao Brasil não para um longa visita pastoral, nos moldes das visitas de João Paulo II, “pároco do mundo” e “pescador de almas.” Ele virá para um evento interno à Igreja Católica. Ele abrirá a V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, cujo tema será: *Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que, nele, nossos povos tenham vida.* “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). As outras Conferências Gerais aconteceram no Rio (1955), em Medellín (Colômbia, 1968), em Puebla (México, 1979) e em Santo Domingo (1992). Nestas conferências os bispos diagnosticam as necessidades religiosas do continente e traçam as metas missionárias da Igreja no futuro.

A ocasião servirá para declarar Santo o Frei Galvão

Qual Igreja Bento XVI encontrará no Brasil? Sem dúvida, uma Igreja em franca dificuldade. O Catolicismo evoluído e místico, no Brasil de hoje, subsiste em movimentos e grupos, mas o grosso da Igreja perdeu a espiritualidade e o papel de



Antonio Marchionni

moderadora das massas. A canonização do Frei Galvão dará uma bocada de oxigênio à Igreja ofegante, pois a vitalidade de uma Igreja se mede pelo número de seus santos, e ele será o primeiro santo autenticamente brasileiro. Mas, permanecerão graves nós a serem desatados.

Bento XVI encontrará no Brasil uma Igreja que perdeu a catequese. Se na

Argentina e no Chile a Igreja católica catequiza a quase totalidade das crianças e dos adolescentes (o mesmo acontece em outros países das Américas e da Europa), no Brasil a catequese alcança ao máximo 10-15% da garotada. Se pensarmos que as outras confissões religiosas catequizam cerca de 10% da garotada brasileira, teremos uma nação onde 70-80% das crianças e dos ado-

lescentes nunca ouviram falar do bem e do mal. Isto explica porque a sociedade brasileira, não possuindo uma coesão moral dada pelas catequeses na infância e adolescência, carece de coesão social para sair do privado e realizar uma convivência moderna. Em mais de cem anos após a abolição jurídica da escravatura, os brasileiros não tiveram o instrumental moral suficiente para eli-

“ A Igreja Católica no Brasil merece uma análise com bisturi e providências decisivas ”



Papa Bento XVI

minar a Gasa-Grande e a Senzala, que se revolta e põe o Brasil numa guerra civil com mais de um milhão de executados no últimos 20 anos.

Bento XVI encontrará um clero devoto e também um clero que fala mal do Papa. Ele encontrará um clero necessitado menos de sociologia e mais de mística, menos corporal e mais espiritual, menos confiante na revolução social de Marx e mais confiante na evolução ascética de Cristo. O Papa encontrará uma parte do clero que torce menos por uma Igreja unida sob o Magistério e mais por uma igreja “à brasileira”, autóctone, desafeta da disciplina do celibato, sincrética mediante a incorporação de cultos afro-ameríndios, quase cismática. Espera-se que o Papa dê uma injeção para o fortalecimento místico disciplinar do clero.

Bento XVI encontrará um pensamento

católico e um vértice eclesiástico, que se demonstram fracos no embate com o racionalismo cultural e ético. O Brasil foi o único país onde o pensamento anti-religioso do Positivismo tomou o poder em 1889, na República. De lá para cá, a demolição da religião católica avançou no Brasil em passos de gigante. Em 1934, a USP (e atrás dela as outras universidades) inaugurou a hegemonia do pensamento materialista-racionalista nas universidades, fato pouco corriqueiro no mundo. A universidade brasileira espalhou o descredito da religião com todos os meios escritos e falados, inundando as escolas fundamentais e médias da nação com livros que falam mal da religião. Esta avalanche de pensamento materialista e anti-religioso, que vê na visita do Papa a chegada de um personagem folclórico senão de um impostor, en-

fraqueceu o clero e a catequese e fez o catolicismo encolher. As universidades católicas tentaram opor-se a partir de 1950, mas acabaram cooptadas pela “modernidade” da USP.

Espera-se que a vinda de Bento XVI instile um novo fervor profético e filosófico-teológico nos vértices eclesiásticos e na intelectualidade católica contra o racionalismo materialista, similar ao vigor dos mártires ante o imperador.

Se João Paulo II saiu para o alto do mar para pescar, Bento XVI está se dedicando ao concerto das redes e ao refresco das energias no interior da Igreja. Quem acompanha os discursos do Papa atual, nota que este se situa constantemente em diálogo com a Razão moderna. Todavia, Bento XVI faz isso sem nunca ocultar a identidade da Razão Religiosa, sem nunca conceder à “modernidade” a preponderância da matéria, sem nunca esquecer a primazia da Razão Criadora, que conforta e ilumina a razão humana em seu estado de “viajante”.

É esta lucidez vigorosa que, espera-se, o Papa infundirá nos bispos latino-americanos.

É urgente que a Igreja católica reassuma um papel intelectual dirigente no Brasil. Nada de ginga nem de jeitinho. É inadiável que as universidades, os meios de comunicação e as escolas do Brasil se liberem da monocultura materialista anti-religiosa. A retomada do catolicismo dará aos brasileiros um novo alento contra os males que afligem a nação. ■

Maxpress-Mailing de Imprensa credibilidade e qualidade em 15 anos de sucesso



O Maxpress-Mailing de Imprensa é uma ferramenta que torna o envio de informações muito mais dinâmico e produtivo.

Os recursos oferecidos pelo sistema permitem, entre outras funções, rápidas consultas e criação de mailings.

Aumente os resultados da comunicação de sua empresa com a solução líder de mercado em relacionamento com a mídia.

Disponível nas versões **Local** e **Net**
para melhor atender a necessidade de sua empresa.

www.maxpressnet.com.br

3341-2800 / 3346-2266

 **Maxpress**
O seu canal com a Imprensa

 **IB**
imprensa
pioneira

viagens de Bush e Chávez explicitam novo quadro político da América Latina

Por: Carlos Eduardo Carvalho, economista e professor



Carlos Eduardo Carvalho

As viagens de Bush e Chávez por diversos países da América Latina no início de março explicitaram o novo quadro político da região, com a consolidação da Venezuela como pólo desafiador da hegemonia dos EUA e a opção de Washington pela reafirmação de sua liderança. Os norte-americanos pareciam ter deixado de lado a região a partir dos problemas com a Al Qaeda e o Oriente Médio, talvez por uma convicção de não terem nada a temer na fronteira sul do império. As mudanças políticas recentes alteraram de vez este cenário.

O processo mais original e surpreendente é a consolidação de Hugo Chávez no poder, depois de anos de vigorosa oposição

interna, que incluiu um golpe militar e um locante patronal e de setores das classes médias e técnicos da estatal do petróleo, passando por eleições que lhe deram maioria absoluta no Parlamento. Chávez começou seu primeiro mandato atacando fortemente o sistema político tradicional, no final da década passada, mas com uma orientação geral de política econômica bastante convencional, tão moderada quanto o governo Lula no Brasil. Chávez nunca tinha sido de esquerda, nem era ligado aos movimentos sociais e políticos venezuelanos na sua origem militar. Sua virada política começou pelo nacionalismo e só depois buscou uma orientação econômica que correspondesse à crescente radicalização da política externa e do seu discurso político.

A outra grande liderança recente na América do Sul fez caminho oposto. Lula foi dirigente sindical e organizador de um grande partido de esquerda e liderou lutas sociais expressivas, com reivindicações de mudanças radicais no modelo econômico. No governo, fez movimento oposto ao de Chávez: mudou rapidamente seu discurso e manteve toda a orientação econômica que antes exorcizava com grande agressividade. Mudança mesmo parecia haver apenas na política externa, e mais especificamente nas negociações comerciais, em que o Brasil despontou como liderança dos países insatisfeitos com as regras impostas pelos EUA e Europa no comércio.

Esta diplomacia supostamente mais avançada, contudo, não prevaleceu quando governo Lula recusou qualquer apoio à Argentina no duro conflito com seus credores na renegociação da dívida externa. O novo governo de Buenos Aires apostou alto e conseguiu condições bem melhores para lidar com a herança nefasta do super-endividamento que havia conduzido o país à gravíssima crise de 2001. Brasília silenciou durante a negociação e permitiu que funcionários graduados do governo brasileiro apostassem abertamente contra as iniciativas argentinas em foros internacionais.

Receber Bush pode ter sido a resolução desta conduta ambígua, a opção por um alinhamento com Washington. Bush fez apenas promessas nos biocombustíveis, tratadas por Lula como parte de uma estratégia de crescimento que inclui seus novos "heróis", os usineiros e representantes do agronegócio.

A Argentina e a Bolívia receberam Chávez e contam com seu apoio financeiro. Nos dois países, há tentativas explícitas de redefinir a política econômica e o modelo de crescimento interno, com grande êxito até aqui na Argentina e muitas dúvidas no vizinho do altiplano. No Brasil e no Uruguai, ao contrário, governos originários da esquerda se comportam de forma cautelosa e conservadora e ganham o apoio explícito dos EUA.

O jogo político na região está bem mais confuso, com opções mais amplas para os países médios e pequenos e a tentação de lances mais arriscados por parte dos países líderes. ■

mudanças climáticas globais

Por: Edson Cabral, professor, doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo

Estudos sobre as mudanças do clima do planeta vêm ganhando destaque no mundo atual devido à preocupação com questões como o efeito estufa, aquecimento global, buraco da camada de ozônio, desertificação e secas.

As mudanças climáticas podem apresentar causas naturais (variações da órbita e inclinação do eixo terrestre, variações na atividade vulcânica, movimento de placas tectônicas, alterações no ciclo solar) ou antropogênicas (atividade industrial, geração de gases de efeito estufa, desmatamento, urbanização).

Ao longo do período Quaternário (o mais recente período geológico), iniciado há aproximadamente 1,8 milhão de anos, ocorreram mudanças climáticas cíclicas, afetando todo o globo; tais mudanças se caracterizaram por fases frias (glacia-

ções) e fases mais aquecidas (interglaciações).

Durante a denominada Pequena Idade do Gelo (entre aproximadamente 1400 e 1850), a temperatura média do globo teve valores abaixo dos 15°C; após esse período tem havido aquecimento significativo, coincidindo com o início do processo de Revolução Industrial.

Dados do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) para o século XX apontaram uma acentuada elevação da temperatura média global, da ordem de 0,6°C, com valores mais pronunciados a partir dos anos 60 e mais particularmente nos últimos doze anos, de 1995 a 2006.

O último relatório do IPCC, publicado no início deste ano, mostra

quatro cenários prováveis para o século XXI, com a temperatura média da Terra aumentando de 1,8°C a 4,0°C. Nesse recente estudo, os cientistas creditam uma probabilidade de 90% de as influências antrópicas estarem correlacionadas ao aquecimento global já verificado.

Em relação ao efeito estufa, pode-se afirmar que é um fenômeno natural, entretanto tem se ampliado devido ao aumento de gases vinculados principalmente à queima de combustíveis fósseis, queimadas, desmatamentos e está associado principalmente ao CO₂ – dióxido de carbono (55% do total), CH₄ – metano (15%), CFCs – Clorofluorcarbonos (20%), sendo que o N₂O – óxido nitroso, o O₃ – ozônio e outros gases são responsáveis pelos últimos 10% desses gases, devendo



Prof. Dr. Edson Cabral

ainda ser ressaltada a importância do vapor d'água nesse processo.

Entre os efeitos previstos com o aquecimento global estão o derretimento de geleiras, com o consequente aumento do nível dos oceanos, inundando ilhas e cidades litorâneas de várias partes do planeta, destruição de ecossistemas marítimos e terrestres, expansão de doenças, aumento de eventos climáticos extremos como secas e inundações, aumento da intensidade de

ciclones tropicais e furacões dentre outros.

Uma das formas de atenuar o problema do aquecimento global é reduzindo a emissão de poluentes na atmosfera e, para tanto, foi negociado em 1997 o Protocolo de Kyoto, que previa um calendário no qual os países desenvolvidos teriam a obrigação de reduzir os gases de estufa em cerca de 5,2% até 2012, voltando aos níveis de poluentes emitidos em 1990. Os Estados Unidos, maior contribuinte na liberação de ga-

ses de estufa, se recusaram a retificar tal Protocolo em 1999, alegando que a adoção das medidas previstas afetaria negativamente sua economia.

Atualmente fica patente o grave estado de degradação ambiental do planeta, com uma necessidade de se repensar o nosso modelo de utilização de recursos naturais, bem como o padrão de consumo existente. É o momento de nos adaptarmos às novas condições atmosféricas e tentarmos reverter esse quadro enquanto ainda é possível. ■

propostas e perspectivas do curso de direito da umbi dos Palmares

*Por: Gastão Rúbio de Sá Weyne, Coordenador do Curso Superior de Direito da Unipalmare**

Nos fins de 2006, um gratificante sentimento de vitória e uma emoção incontida tomaram conta de toda a comunidade que vibra em sintonia com os ideais reinantes na Unipalmares. O sonhado Curso de Direito desta instituição recebeu um parecer favorável do Ministério da Educação datado de 6 de dezembro daquele ano. O sonho foi de muitos brasileiros dotados de sensibilidade social e constituiu-se num baluarte de toda a comunidade afro-brasileira, capitaneada com denodo e persistência pelo Dr. José Vicente, co-adjuvado pela incansável e dedicada professora Cristina Jorge. Neste cenário ainda de sonhos, como uma dádiva generosa, surgiu a figura de outro sonhador, o Professor Doutor Alysson Leandro Barbate Mascaro, jovem, cativante e extremamente capaz que, com imensa habilidade, foi o implantador de nosso Curso de Direito.

Daí por diante formou-se na Unipalmares, sob a égide do Doutor Alysson, uma equipe de Professores dedicados, coesa e unida pelos mesmos ideais e pela mesma vontade de levar avante a concretização do sonho da criação do Curso de Direito. Às reuniões que se sucederam compareceram grandes juristas, cujas presenças, além de muito nos honrarem, trouxeram-nos profundos e sábios ensinamentos.

Devo confessar que homenagem maior não poderia me ser prestada, quando fui indicado, antes da vinda da Comissão de Avaliação do MEC, para Coordenador deste Curso diferenciado e alicerçado em bases sumamente nobres. As idéias que defenderei serão as mesmas pelas quais batalhei em toda a minha vida, hoje reveladas em todos os meus livros e publicações: o combate às desigualdades em todas as suas modalidades. Assim, é minha obrigação – e mais que isso – é um prazer – envidar to-

dos os esforços a meu alcance para que o Curso de Direito da Unipalmares seja o Curso de nossas propostas e de nossos sonhos.

Muitos serão os obstáculos que todos teremos ainda a transpor para conduzirmos a bom termo, sempre unidos, esta sublime chama dos ideais – que são também nossos – indiscutivelmente legítimos da comunidade afro-brasileira, a quem o Brasil muito deve. Não se pode esquecer ser imprescindível que a nação brasileira pague a dívida que contraiu para com nossos irmãos afro-descendentes, aos quais impôs os efeitos devastadores de mais de trezentos anos de sofrimentos inaceitáveis e de injustificáveis humilhações. Esta compensação deve estender-se, pelo menos, até o dia em que outro sonho, o da efetiva integração, tornar-se real.

Saliente-se que o Curso de Direito da Unipalmares não é mais um curso jurídico que irá abrir suas portas



Gastão Rúbio de Sá Weyne

em São Paulo. Não é somente a alta titulação de seu quadro docente, plenamente aprovado pelo MEC, que o torna singular. Trata-se de um Curso amplamente diferenciado em relação

aos demais pela sua relevante função social.

A diferenciação da proposta do Curso de Direito da Unipalmares não reside, conforme o seu projeto, em

“novidades disciplinares”, mas tem por base inovações de caráter pedagógico que buscam a formação de consciências criativas e não repetidoras de conteúdos, mediante uma pos-

tura mais dinâmica dos alunos. Para tanto, utiliza novas ferramentas de ensino, que a um só tempo possam contribuir para a implementação de um processo de ensino-aprendizagem emancipatório, permitindo a abertura de espaços para a construção do próprio conhecimento.

No campo do Direito, parece-me ser necessária a substituição dos tradicionais processos de mera especulação das normas jurídicas pela análise das causas de sua criação e de sua aplicação, mudando-se, assim, o enfoque habitual e pondo-se em evidência uma reflexão dos efeitos práticos do direito sobre a sociedade. Com uma argumentação mais explícita, tudo indica que, no Direito, não mais se pode admitir continuar com o uso dos mesmos termos, das mesmas teorias e dos mesmos raciocínios para explicar as regras jurídicas na sua realidade. É uma questão de coerência de pensamento e até um problema de honestidade intelectual a de não obrigar a consciência a perpetuar um procedimento que se julga ser equivocado. Incorporando esse referencial, o Curso de Direito da Faculdade Zumbi dos Palmares materializa-se em uma sólida formação geral, humanística e axiológica, aliada à postura reflexiva e de “visão crítica que fomente a capacidade e a aptidão para a aprendizagem autônoma e dinâmica, indispensável ao exercício da Ciência do Direito, da prestação da justiça e do desenvolvimento da cidadania”, conforme estabelecido na Resolução CNE/CES nº 09/2004. Pretende-se fornecer ao futuro Bacha-

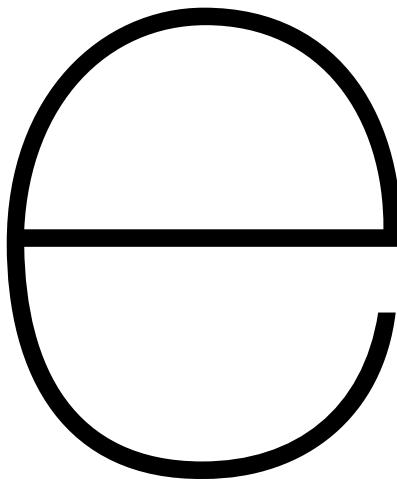
rel em Direito o instrumental técnico e crítico necessário para compreender a realidade dentro da qual exercerá sua profissão, agindo sobre ela. O que se almeja é incentivar a percepção e a compreensão normativa da vida social no seu processo de mudança, ao invés de transmitir um conhecimento abstrato e, por ser dogmático, desvinculado de suas referências de realidade. Dessa forma, o domínio do conhecimento técnico deve ultrapassar o aspecto meramente positivista, possibilitando que o aluno perceba o Direito não como um fim, mas como fenômeno em construção. Para alcançar esse objetivo, necessário se faz que o processo ensino-aprendizagem se desenvolva a partir de sólida formação que possibilite aliar conhecimentos teórico-críticos, com os conhecimentos técnicos e prática de pesquisa e extensão.

Quando, a partir de agosto de 2007, o Curso de Direito da Unipalmares iniciar suas atividades no novo campus da Rua James Holland, as expectativas para o seu sucesso revestem-se de uma auréola de franco otimismo e até de efetiva garantia de que este objetivo será atingido. Este Curso não será uma instância de reprodução simbólica dos valores, crenças e pré-conceitos jurídico-políticos de um certo liberalismo, mesclado de nuances de conservadorismo, na manutenção do status quo político-econômico-social. A expectativa é que se possa transformá-lo em um instrumento a serviço da construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária.

Para as próximas contendas que

iremos enfrentar não há paradigma mais dignificante a servir de orientação do que o exemplo deixado pelo legendário Zumbi dos Palmares. Este herói, em 1665 foi batizado com o nome de Francisco, para ajudar à missa e estudar Português e Latim e, homem feito, revelou-se um grande guerreiro e organizador militar, liderando uma luta libertária dos escravos de então. Zumbi resistiu bravamente a todas as tentativas para que mudasse suas idéias de liberdade e de igualdade. Em sua última batalha não aceitou a proposta para admitir que alguns irmãos negros fossem libertados e outros continuassem escravos. Seu sofrimento chegou ao fim em 20 de novembro de 1695 quando, denunciado por um antigo companheiro, Zumbi foi localizado, preso e degolado. A ele, todos nós desta Casa de Ensino, particularmente da área jurídica, rendemos nossas homenagens pelo exemplo de árdua luta em defesa dos ideais de igualdade e de liberdade. Estes ideais coincidem com os nossos e nos conduzirão a novas vitórias. ■

*Livre Docente em Engenharia Química pela Escola Politécnica da USP, Doutor em Direito pela Faculdade de Direito da USP e Doutor em Engenharia pela Escola Politécnica da USP; Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da USP; Licenciado em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP; Bacharel em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP; Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da USP.



nsino público de qualidade,

Sim

*Por: Laura Laganá, diretora superintendente do
Centro Paula Souza*

O contraste entre o ensino público e o ensino privado, lamentado por muitos de nós ao lembrarmos dos tempos em que as melhores escolas eram gratuitas, começa a esmaecer. As dificuldades das redes públicas ainda são grandes, mas não se pode mais concluir com imediata convicção que uma escola, só por cobrar mensalidades, garante boa formação. Assim como não se pode mais generalizar a precariedade da educação pública.

A mídia tem mostrado diversas iniciativas, em todo o país, de instituições municipais, estaduais e federais merecedoras de manchetes por serem referências de qualidade não apenas pedagógica, mas também de gestão escolar. Há poucos dias, com a divulgação dos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2006, as posições de destaque das escolas técnicas (ETEs) do Centro Paula Souza – que, pelo segundo ano consecutivo, figuram entre as melhores escolas públicas, tendo obtido excelente desempenho mesmo frente a algumas renomadas particulares – são exemplos concretos desse novo ciclo virtuoso.

As boas notas obtidas pelos alunos das ETEs traduzem a possibilidade de se recuperar a confiança nas instituições públicas de Educação básica. As dezenas de primeiras colocações dessas escolas técnicas em suas respectivas cidades são sinais claros do quanto vale a pena fazer investimentos sociais a longo prazo. As pessoas valorizam as oportunidades que lhes são oferecidas. As famílias respondem com interesse, e os alunos, com esforços, resultando em um alto padrão de aprendizado.

Analizando os números: com um corpo discente composto por 67,36% de matriculados oriundos de famílias com renda entre zero e cinco salários mínimos, o Centro Paula Souza teve oito de suas escolas entre as dez públicas melhor avaliadas do Estado de São Paulo e se destacou até mesmo em nível nacional – a ETE São Paulo foi a 10ª colocada entre todas as escolas públicas do País.

Para chegar a esse desempenho, a instituição combina desde afiados instrumentos pedagógicos até a efetiva participação de pais na escola, passando por professores

bem selecionados e capacitados, laboratórios bem equipados, entre outros. Naturalmente, não dá para dizer que é possível manter uma escola sem recursos financeiros. Porém, existem muitas ações geradoras de qualidade que dependem muito mais, e muitas vezes, quase exclusivamente, de boa dose de comprometimento de toda a comunidade acadêmica.

Uma delas é a elaboração de um processo seletivo rigoroso, porém não excludente. Os candidatos às ETEs são avaliados por suas competências. Um estudante que domina muitos conteúdos mas não sabe o que fazer com esse conhecimento tem poucas chances de aprovação. A possibilidade de cursar concomitantemente o ensino Médio e um curso técnico – situação que abrange de 40% a 50% dos alunos do ensino Médio das ETEs – também contribui para melhorar o aproveitamento escolar, uma vez que esse aluno acaba fazendo período integral.

Da mesma forma, a escolha dos professores a serem contratados influi diretamente na qualidade do ensino. Para concorrer a uma



Laura Lagana

vaga no corpo docente das escolas técnicas, o professor enfrenta um diversificado processo seletivo, que inclui uma aula-teste onde são avaliadas suas habilidades didáticas. Depois de admitido, esse docente passa a integrar os programas regulares de capacitação – cursos e seminários internos e em parceria com instituições externas. Essa política de capacitação contempla também coordenadores de áreas, diretores e pessoal administrativo. Os diretores são selecionados por um processo de qualificação público e escolhidos pela comunidade escolar, para quatro anos de direção, com direito a apenas uma recondução. Outra iniciativa de impacto no aprendizado é a construção de currículos por projetos. Por

exemplo: no ensino Médio das ETEs, os alunos elaboram projetos interdisciplinares que se desenvolvem dentro do horário regular de aula, com avaliação. Esses projetos se distribuem em diversas linhas: técnico-científica, produção artística, comunicação e informação, cidadania e ambiente.

Todos esses aspectos são acompanhados sistematicamente por dois instrumentos de avaliação interna. Um deles é o Sistema de Avaliação Institucional (SAI), metodologia desenvolvida pelo próprio Centro Paula Souza aplicada às escolas técnicas e às faculdades de tecnologia (Fatecs). O SAI tem como base informações coletadas por meio de questionários respondidos

tanto pela comunidade acadêmica quanto por pais de alunos e de egressos. A outra ferramenta de aferição é o Observatório Escolar, pelo qual todas as unidades escolares fazem suas auto-avaliações detalhadas, que englobam questões pedagógicas e de infra-estrutura.

Ao compartilhar essas experiências bem-sucedidas, esperamos estimular idéias e impulsionar iniciativas que tornem a Educação um investimento prioritário, patrimônio ao qual todo cidadão tem direito. Como primeiro passo, cabe a todos nós, governo e sociedade, acreditar que é possível, sim, existir ensino público de qualidade. ■



O ampus da diversidade

Por: Miguel Jorge, Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

O que
é uma
Universi-
dade, além do
lugar na qual se
preparam os líderes de
uma nação? Refletindo sobre

isso, três estudantes de Sociologia e Política criaram a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares (Unipalmares), inaugurada em novembro de 2003, e que, agora, abre a seus alunos o novo campus Barra Funda, com uma área de 15 mil metros quadrados.

Vítimas das crises que abalam a educação brasileira, recém-denunciada pelo presidente Lula, e inconformados com a situação dos negros, os três concluíram que uma Universidade não deveria ser apenas um local de formação de líderes políticos, engenheiros, economistas, sociólogos etc. Teria que ser um

lugar que preparasse os estudantes, não para competirem entre si, e sim para compreenderem melhor o Brasil e sua condição no Brasil miscigeno, considerando-se isonomia e equidade, pois é da pluralidade que o País deveria extrair a essência da sua unidade, o que ainda não ocorre como deveria.

Não seria, pois, o lugar para se exibir méritos individuais, vaidades intelectuais (pueris, muitas vezes), inócuos torneios de erudição, distinções de classe social e outros fatores que ainda segregam negros e afro-descendentes, sobretudo os mais pobres,

confinando-os “no seu verdadeiro lugar”, como se costuma dizer na nossa sociedade, supostamente, não discriminadora.

Mas como seria essa Universidade se as famílias brasileiras, muitas se declarando de cor branca, querem seus filhos formados para que tenham futuro melhor e usufruam dos bens que a vida oferece - casa, escola, emprego, saúde – ao invés de condenados a serem, perpetuamente, office-boys, domésticas e outras profissões que a maioria dos negros e afro-descendentes desempenham? Que filosofia de ensino ela deveria seguir num país que precisa de R\$ 2,75 bilhões em três anos, fora investimentos em pesquisa, apenas para igualar o número de matrículas nos cursos diurno e noturno do ensino superior? Seria igual a uma universidade pa-



Miguel Jorge

“ O acesso ao ensino superior em estabelecimentos privados não deve se restringir apenas ao sistema de cotas ”

drão, com os erros e acertos das que já temos, espalhadas por todos os lugares, ou uma universidade que levasse seus alunos a uma reflexão maior sobre a diversidade social do País, no contexto da realidade brasileira e internacional?

Claro que esse último modelo seria o correto, e mais que isso, o necessário, considerando-se a necessidade de diálogo entre negros e não-negros, melhor compreensão da grande civilização brasileira, maior inclusão de afro-descendentes no ensino superior e difusão da cultura negra nas suas várias manifestações.

Além disso, não basta alguém conquistar um canudo de engenheiro civil para saber tudo de engenharia, sem nos esquecermos de que, nem sempre, nossas elites mostraram-se capazes de reduzir nossas desigualdades sociais – é preciso ser CIDADÃO.

Mais: o Brasil anda tão carente de educação, no seu deserto de gente e de idéias para as enormes e complexas mudanças que reclama, sem que ninguém se disponha a ouvi-lo, que não pode se dar ao desperdício de segregar ninguém, menos ainda por preconceito de raça ou de classe.

Essa é condição básica para um desenvolvimento social homogêneo, ou para erradicar o vício da escravatura, que quase 200 anos depois da abolição, ainda relega negros e afro-descendentes a uma posição inferior na sociedade – “a gente quer viver uma nação/a gente quer ser um cidadão”,

escreveu o notável Gonzaguinha na música “É”.

Pois a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares, instituição superior de caráter comunitário, e que abre seu novo campus da Barra Funda, traz consigo esse compromisso, porque acredita que alguns dos “pluralismos” da sociedade brasileira servem mais “para inglês ver” do que para a construção da democracia orgânica que a nação aspira.

Assim, esse artigo convida os negros e afro-descendentes a conhecerem pessoalmente o campus universitário da Barra Funda, cinco vezes maior do que o atual mas no qual, com certeza, somente faltará espaço para os que buscam o privilégio de um diploma e alimentam preconceitos raciais conhecidos.

Esse novo campus, como já era o antigo, é um espaço cidadão, criado pela Afrobrás, ONG que promove ações positivas para jovens afro-descendentes, que atende atualmente cerca de seis mil alunos e cujo objetivo, em termos de oportunidades culturais e educacionais, é inserir o negro e afro-brasileiros nas instituições de ensino e no mercado de trabalho.

Isso significa resgatá-lo da descrença, pela excelência do ensino e da pesquisa, e contribuir, na medida do possível, para o crescimento desse segmento da população, no qual a renda familiar é menor, difundir a cultura negra nas várias manifestações e melhorar a qualidade de vida no País. Significa, pois, contribuir para a redu-

ção das disparidades que, no campo da educação, acentua cada vez mais a separação entre as classes sociais, isolando-as uma das outras, abrindo a porta para que o agravamento, cada vez maior, do fosso social.

Não é possível negar que, não obstante os programas de transferência de renda, esse tem sido um dado da realidade sempre presente nos estudos sobre a situação educacional do País e da história brasileira – a de que o Brasil não conseguiu resolver a crise da educação, que se abate sobretudo sobre os seus afro-descendentes.

Menos ainda, portanto, nos seria permitido esconder – sobretudo nesse 21 de março, e quando se aproxima o 13 de maio, Dia Internacional da Luta contra a Discriminação Racial e da Abolição da Escravatura – que os afro-descendentes têm todos os motivos para festejar a expansão da Unipalmares.

O presidente Lula tem toda a razão quando, mesmo com atraso, anuncia um Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), com o qual pretende estabelecer metas e avaliação nas escolas de todo o Brasil.

Mas é preciso destacar que a decisão do governo federal de ampliar o acesso ao ensino superior em estabelecimentos privados não deve se restringir apenas ao sistema de cotas, insuficiente para atender as aspirações de alunos carentes, sobretudo os afro-brasileiros que, hoje, povoam o novo pátio da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares (Unipalmares). ■

nova luz para a educação

Por: Maria Alice Carnevalli, especial para a Afirmativa

A preocupação em melhorar a qualidade da educação no Brasil, uma das piores no ranking mundial, como condição básica para o desenvolvimento sustentável do País, não é novidade para ninguém. No entanto, apesar de todos os esforços feitos nesse sentido, até hoje os resultados obtidos se mostraram pouco eficazes e muito aquém daquilo que a sociedade espera e necessita para a melhoria da qualidade de vida. Na tentativa de mudar esse quadro, no dia 15 de março, o governo federal lançou o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que consiste em um grande arsenal de quarenta medidas que vão desde a cooperação com os municípios mais carentes até a vinculação dos professores à universidades que possam capacitá-los constantemente, entre outros aspectos fundamentais para uma mudança concreta na área educacional, da pré-escola à formação superior.

Mesmo em fase de debate público,

Pacote prevê indicador entre municípios e avaliação do ensino básico

as propostas para renovar o ensino foram apresentadas pelo ministro da Educação Fernando Haddad e devem entrar em vigor até o final de abril. Segundo ele, serão necessários cerca de R\$ 8 bilhões nos próximos quatro anos para a implementação das medidas que possuem como base, ao contrário das tentativas anteriores, experiências que deram certo em outros países. Mesmo consideradas ambiciosas, as metas anunciadas agradaram até mesmo a oposição, uma vez que se distanciaram do discurso ideológico, visando a objetividade e a possibilidade de execução. O plano também foi bem recebido pelos educadores, que fizeram algumas ressalvas. Uma delas diz respeito à adesão voluntária dos municípios, que mesmo no caso de recusa, vão continuar recebendo

recursos dos outros programas do governo federal. De acordo com Maria Helena Guimarães de Castro a ex-presidente do Instituto de avaliação do MEC (Inep) no governo FHC, o governo deve cobrar com rigor os resultados dos municípios que não aderirem às mudanças.

Provinha Brasil

Um dos avanços que mais se destaca no PDE é a avaliação nacional de alunos de seis a oito anos, ainda no início da fase de alfabetização, para que os problemas no ensino possam ser diagnosticados e solucionados ainda no início do processo de aprendizagem. Com destaque também para o novo censo escolar, a intenção do MEC é obter infor-



mações de cada aluno em termos de freqüência, aproveitamento e índice de repetência. Dessa forma, o ministério pretende identificar as mil cidades brasileiras que apresentam o pior índice de qualidade na educação e aplicar um plano de melhoria orientado por especialistas. Outra mudança prevista será a distribuição do dinheiro com base na evolução na qualidade do ensino em cada escola por meio do cruzamento dos dados nos exames oficiais. As instituições

que apresentarem os melhores desempenhos receberão mais verbas, seguindo o modelo de países europeus e dos Estados Unidos. Nesse sentido o reconhecimento ao mérito vai exercer um papel importante e incentivador o sistema educacional como um todo.

Em um discurso improvisado durante a apresentação do novo plano, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva revelou sua inquietação com o problema da educação no País, desta-

cando que a situação piorou nos últimos dez anos tomando como base as avaliações aplicadas em alunos da quarta a oitava séries. “Nós estamos no pior dos mundos”, declarou desanimado. Ele pediu a todos que acompanhavam ao evento que se esforçassem ao máximo possível para tentar solucionar esse entrave ao desenvolvimento do País, alegando ser o menos indicado para discutir os problemas da educação e encontrar soluções factíveis para eles. ■

focar na aprendizagem

Paulo Renato Souza, ex-ministro da Educação

E-mail: dep.paulorenatosouza@camara.gov.br

Na sociedade do conhecimento, o ensino básico precisa ser universal e ter como objetivo o desenvolvimento da capacidade de pensar e de aprender dos alunos. Com essa bagagem os jovens estarão preparados para um mundo em que deverão continuar a aprender ao longo de toda a vida. Ainda que tardivamente, ao longo dos últimos anos conseguimos em nosso país trazer todas as nossas crianças para as escolas e ampliamos significativamente o acesso ao ensino médio. Entretanto, até agora, não tivemos êxito na melhoria dos indicadores de aprendizagem de nossos alunos. Os resultados obtidos com a criação do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), em 1995, mostram uma situação estruturalmente inaceitável: menos de 10% dos alunos apresentam índices de aprendizagem compatíveis com a série

que freqüentam. Além disso, nós nos situamos nas últimas posições nas diversas avaliações internacionais de que participamos.

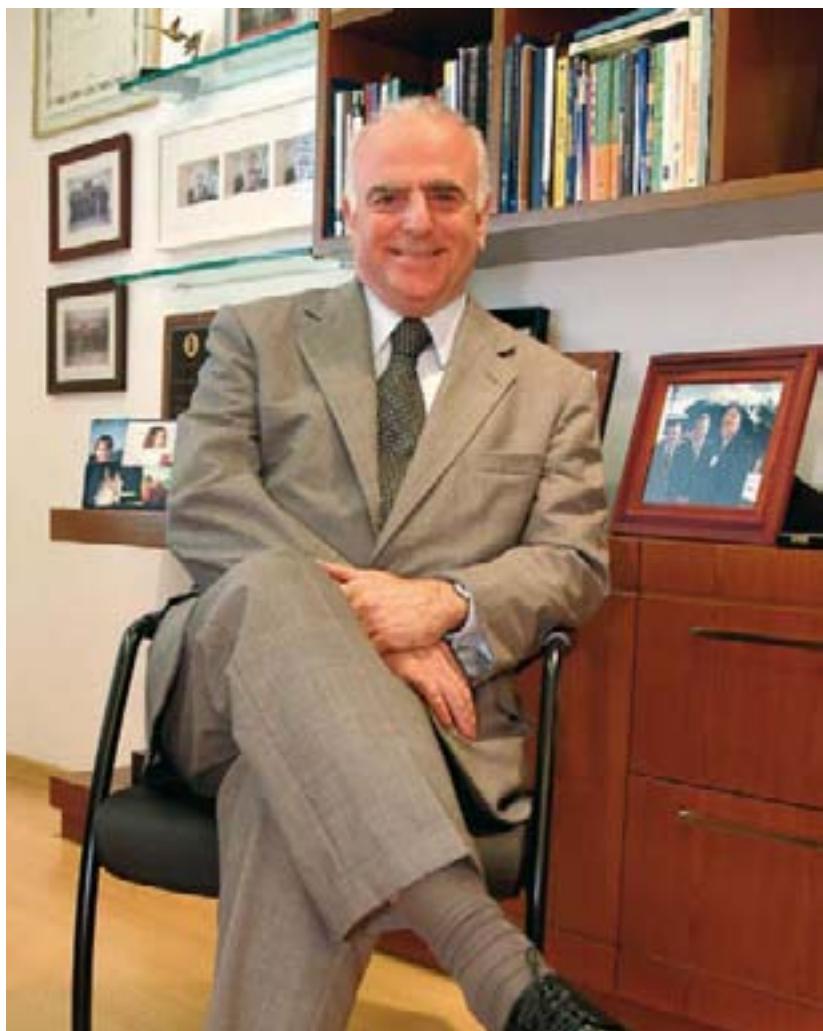
Os últimos 20 anos assistiram a uma verdadeira revolução na ciência pedagógica, cuja dimensão não foi ainda totalmente reconhecida. Desenvolveram-se os conceitos relativos à aprendizagem: as habilidades e competências de aprender. A pedagogia passou a contar com critérios objetivos para fixar metas para todo o ensino básico dentro das novas exigências da sociedade do conhecimento.

Mais importante ainda, foram desenvolvidos instrumentos de medição, bastante precisos, dessas habilidades e competências, por meio de sofisticados sistemas de avaliação de alunos. A culminação desse processo foi o desenvolvimento da Teoria de Resposta ao Item, que permite construir escalas comparativas no tempo e no

espaço. No limite, e com o tratamento estatístico apropriado, as escalas podem ser referidas internacionalmente, permitindo comparar o desempenho dos alunos e das próprias escolas em qualquer país e em qualquer tempo.

O sistema de avaliação brasileiro, criado a partir de 1995, se equipara aos melhores do mundo e segue as tendências mais modernas para aferir as mencionadas habilidades e competências dos estudantes. Temos agora uma régua universal para medir o resultado do processo de ensino e das políticas adotadas, assim como os economistas, por exemplo, têm na taxa de crescimento da economia ou na taxa de inflação medidas para avaliar o resultado das políticas econômicas.

Por outro lado, não estamos sós no mundo em relação à preocupação com a qualidade educativa. Os resultados da avaliação educacional vêm provocando



Paulo Renato Souza

reações na sociedade de muitos países desenvolvidos que não tiveram o desempenho que esperavam em avaliações internacionais. Muitos deles estão implementando programas de estímulo à melhoria do desempenho das escolas em relação à aprendizagem de seus alunos.

Até agora, todas as políticas recomendadas para melhorar a qualidade do ensino se concentram nos meios, ou seja, cuidam de melhorar as condições objetivas do funcionamento das escolas, de formar melhor os professores, de desenvolver programas para sua atualização e seu aperfeiçoamento, de melhorar sua remuneração, de equi-

par as escolas com laboratórios e computadores, e assim por diante. Ou seja, estão focadas apenas nas condições de ensino, com a expectativa de que venham a produzir os efeitos desejados na aprendizagem dos alunos. No Brasil, apesar de não termos atingido as condições ideais em relação aos meios para desenvolvermos um bom ensino, o fato é que, objetivamente, estamos melhor que há dez ou doze anos em todos esses quesitos.

Entretanto, os indicadores de desempenho dos alunos não têm evoluído na mesma proporção. Com flutuações relativamente pequenas para melhor ou

pior, dependendo do ano e da série considerada, os resultados do Saeb de 2005 revelaram que estamos mais ou menos nos mesmos patamares de 1995. Apesar da enorme incorporação de novos contingentes de crianças e jovens às nossas escolas, já deveríamos ter mostrado alguma evolução, pelo menos a partir do ano 2000, quando o grande movimento de incorporação praticamente se esgotou. Em outras palavras, as políticas que estamos implementando não estão surtindo o efeito desejado.

Temos hoje a possibilidade de uma mudança radical no conteúdo da política educacional. Incorporar os indicadores resultantes dos processos de avaliação da aprendizagem em todas as políticas e normas educacionais é o caminho mais curto e efetivo para colocar a aprendizagem no foco central do funcionamento da escola. Desde a distribuição de recursos para as escolas, passando pelas regras da carreira do professor e de sua remuneração e chegando até a forma como designamos os diretores de escola e fixamos os objetivos para seu trabalho, tudo, enfim, relativo à escola pode hoje levar em consideração também os resultados dos processos de avaliação dos alunos. Obviamente, num país como o nosso, onde o sistema de ensino é bastante descentralizado, isso depende de iniciativas dos agentes responsáveis pela educação básica, que são os Estados e os municípios. Entretanto, a liderança do Ministério da Educação é imprescindível para que o País caminhe nessa direção. Estou seguro de que passaremos a colher resultados expressivos num período curto de tempo. No passado, isso não teria sido possível. Hoje, já criamos as avaliações e os resultados são conhecidos; falta incorporá-los efetivamente às políticas e normas educativas. ■

O esperdiçando a nossa maior riqueza

Por: José Aristodemo Pinotti, secretário de Ensino Superior do Estado de São Paulo, professor emérito da USP e da Unicamp

A avaliação da educação básica e agora também do ensino médio feita pelo MEC, trazem a minha mente um episódio ocorrido nos meus últimos meses de gestão na Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo. Um instituto especializado identificou na rede municipal, alunos superdotados para oferecer-lhes bolsas de estudo. Em 51 escolas selecionou-se 1.180 alunos do 8º ano do ensino fundamental, 393 compareceram aos testes e 30 foram selecionados. Pelos cálculos que fiz, saem da rede municipal de São Paulo, 300 superdotados a cada ano que não terão oportunidade de perceber suas qualidades ou, eventualmente, as usarão de forma distorcida pelo ambiente onde estão inseridos. A Nação não vai usufruir dessa abundância de pequenos gênios - a maior riqueza que qualquer País pode ter.

É exatamente nesta quadra histórica, onde desenvolvimento, riqueza e sua distribuição se confundem com educação, que o País e seus dirigentes observam passivamente um processo contínuo de deterioração. Ao invés de fazer grandes reflexões teóricas, que se demonstraram pouco úteis nesses últimos 20 anos, seria mais inteligente observar o que está dando certo e multiplicar com as adaptações necessárias. A Unicef estudou as 33 escolas melhor avaliadas no Prova Brasil, de um conjunto de 41 mil, e procurou verificar as variáveis comuns que poderiam explicar seu sucesso. A principal delas foi a existência de projetos pedagógicos extracurriculares ligados ao cotidiano das crianças, com atividades culturais e esportivas, envolvimento da comunidade, das universidades próximas e dos pais, usando o tempo do pós escola. Já havíamos demons-

trado isso no Programa de Formação Integral da Criança (PROFIC), realizado em São Paulo, no governo Montoro, e no "São Paulo é uma Escola" (governo Serra) que, no modelo inovador de Cidade Educadora, chegou a abrigar mais de 100.000 crianças. Essa mesma prova avaliou o ensino em 5.400 municípios do país e revelou a eficiência de um novo tipo de política educacional municipal em alguns municípios do interior de São Paulo que reproduziram o que já havia sido realizado em 4 escolas, na Zona Sul de São Paulo: reciclagem continuada no trabalho, focando o conjunto da escola dentro de seu contexto e oferecendo formas eficientes de ensinar, avaliação dos alunos, além de material didático bem elaborado. Essa forma é correta e pode ser praticada com a ajuda das universidades sob a égide do Governo.



José Aristodemo Pinotti

Este ano, um aluno de escola pública conquistou o 1º lugar no vestibular das universidades Públicas de São Paulo. O feito é tão inusitado que todos os jornais o publicaram. Avaliando o que ocorreu de diferente, além da determinação do vestibulando, verificou-se a participação da família disciplinando e valorizando continuamente o estudo do jovem.

Ou seja, a solução vem de experiências bem sucedidas em três movimentos: melhorar a sala de aula; implementar educação integral socialmente construída e estimular as famílias a retomarem seu papel na educação. As evidências estão aí, não faltam recursos para isso e tampouco para melhorar o salário dos professores, mediante o cum-

primento dessas mudanças. Só não vê quem não quer. Entretanto, para que essas modificações sejam efetivadas devem fazer parte de uma política nacional de Educação, que garanta a participação dos Estados e Municípios, com continuidade que independa da troca de ministros ou governos. ■

UNIPALMARES, CAMPUS BARRA FUNDA. MAIS OPORTUNIDADE PARA VOCÊ.

A Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares acaba de inaugurar seu novo campus, o campus Barra Funda, um espaço de 15 mil m², com instalações amplas, modernas e confortáveis, que aumenta a capacidade de 2.000 para 5.000 alunos. A Unipalmares é a primeira instituição de ensino superior, na América Latina, voltada para a inclusão do negro. Uma universidade completa, diferente de todas as outras, a Unipalmares reserva 50% das suas vagas para negros, promovendo a integração, o diálogo e a diversidade. Com o novo campus, a Unipalmares se afirma como um projeto vitorioso, uma prova de que, com trabalho e dedicação, é possível colocar a Educação ao alcance de todos os cidadãos, principalmente daqueles historicamente excluídos.



UNIPALMARES
UNIVERSIDADE DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES
SÃO PAULO - BRASIL

Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares
Rua Padre Luís Alves de Siqueira, 640 - Barra Funda
11 3392-6005 www.unipalmares.org.br

Realização: Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural

Fundação DPaschoal apresenta o mundo mágico da leitura para crianças e jovens

Por: Demetrius Trindade, da Redação



Aluno de escola pública recebe livro do Projeto Leia Comigo

A preocupação com a inclusão social sempre esteve presente na DPaschoal. A empresa foi uma das primeiras a utilizar negros em campanhas publicitárias, com o personagem “Alemão”, em uma época em que ainda nem se falava no tema inclusão social.

Há quase 18 anos, a empresa criava a Fundação Educar DPaschoal, em Campinas, interior de São Paulo, com o objetivo de promover a educação para a cidadania

como estratégia de transformação social. Hoje, prestes a completar a maioridade, a Educar se mantém firme em seu propósito, atuando em diversas frentes.

Só com o Projeto Leia Comigo!, a fundação já comemora a distribuição gratuita de 30 milhões de livros em escolas públicas, organizações sociais e bibliotecas. São mais de 120 obras infantis, produzidas e editadas pela própria Educar, que estimulam o

gosto e o hábito pela leitura. A entidade ainda mantém os projetos Academia Educar na Escola e Trote da Cidadania. A seguir, a coordenadora Camila Bellenzani fala com exclusividade à Afirmativa Plural.

Afirmativa Plural - Como funciona a Fundação?

Camila Bellezani - O foco é a educação para a cidadania, com uma estratégia de transformação social e econômica. Esse é o pilar para todos os trabalhos desenvolvidos na fundação. Dentro disso nós temos três projetos: Projeto de Protagonismo Juvenil, Trote da Cidadania e Projeto Leia Comigo!. No Leia Comigo! trabalhamos com valores, com temas importantes para a criança tomar conhecimento logo cedo: honestidade, voluntariado, preservação do meio ambiente, patriotismo, utilização da água, questões de direitos e deveres, entre outros. O sonho da Fundação Educar, com este projeto, é de que no futuro, cada criança tenha pelo menos um livro. Para isso, realizamos as doações para organizações sociais e escolas públicas. Também distribuímos livros através de pessoas físicas que fazem trabalhos voluntários e que nos procuram em nosso site (www.educar.com.br).



Universitários participam do trote solidário, em creche de Campinas

Afirmativa Plural – Os projetos da Fundação DPaschoal também beneficiam jovens universitários?

Camila Bellezani – Sim, por meio do Trote da Cidadania, uma forma de despertar a liderança cidadã entre universitários. Nós procuramos incentivar o trote social ao invés do trote violento. É um momento importante na vida do jovem, ele está entrando na universidade e percebe que pode ser um agente transformador no ambiente em que estuda. Nós fornecemos as ferramentas necessárias para que ele possa construir um projeto social dentro da faculdade. Também criamos este ano o Prêmio Trote da Cidadania 2007 para premiar os melhores cases de trote social. A premiação é para os universitários, mas não esquecemos das universidades que apóiam os projetos. Elas são reconhecidas através de uma menção honrosa. Vale lembrar também, que muitos estudantes fazem o trote social sem o reconhecimento das universidades e o grande desafio da Fundação Educar DPaschoal é fazer com que estas entidades reconheçam o empenho dos alunos.

Afirmativa Plural – De que forma se dá a premiação?

Camila Bellezani – Nós lançamos a cam-

panha em janeiro e os alunos têm até o final de março para entregarem os projetos. O evento de premiação ocorre em abril. Como temos a preocupação de dar continuidade ao projeto, o prêmio para os três melhores trotes sociais é o curso “Voluntariado no Espaço Universitário”. Ao todo, 15 universitários freqüentarão o curso em dois dias, com uma carga horária de 16 horas. São estudantes do Brasil inteiro, que terão todos os gastos custeados pela fundação.

Afirmativa Plural – O primeiro projeto da Fundação também tinha como foco os jovens?

Camila Bellezani – Sim, trata-se do Protagonismo Juvenil, que tem abrangência regional, sendo realizado somente em Campinas. Nele, a Fundação Educar oferece ferramentas técnicas para implantação de núcleos de cidadania juvenil nas escolas públicas. Hoje estamos presentes em 22 delas. A idéia é fazer com que o núcleo de atuação na escola perceba as necessidades locais e desenvolva um trabalho em torno da comunidade. Olhe para si, e veja quais melhorias podem ser realizadas. Nós oferecemos conhecimento técnico, ferramentas para implantação destes núcleos, não existem contribuições financeiras, somente

bagagem teórica e especializada, através de profissionais capacitados.

Afirmativa Plural – A DPaschoal foi uma das primeiras empresas a utilizar negros em campanhas publicitárias, em uma época em que ainda nem se falava em inclusão social. Foi uma coincidência ou a empresa sempre teve esta preocupação?

Camila Bellezani – Eu acredito que não tenha sido uma coincidência, isso foi estudado e está nas raízes da empresa. A preocupação com a inclusão e outras atividades sociais esteve presente na DPaschoal desde a sua fundação. A campanha a que você se refere foi muito forte e que funcionou por um longo tempo. Tanto é verdade que para a empresa conseguir se desvincular dessa marca não foi fácil. No ano passado iniciamos uma campanha nova que alterou a linha de atuação, após uma pesquisa de mercado. Constatou-se que a empresa passava uma imagem de ultrapassada por manter tanto tempo esse personagem no ar. A nova campanha visa revigorar e dar modernidade à marca.

Afirmativa Plural – Quais são os planos para o futuro próximo?

Camila Bellezani – O nosso grande desafio é acompanhar o resultado da distribuição dos 30 milhões de livros feita pela Fundação nas escolas públicas, organizações sociais e bibliotecas. Também estamos desenvolvendo um prêmio de reconhecimento a projetos de incentivo a leitura. Quanto ao Projeto de Protagonismo Juvenil, queremos ampliá-lo para outras escolas do Brasil, sem a presença da Fundação Educar, necessariamente. Para isso, estamos desenvolvendo um “kit de implantação”. O Projeto de Trote da Cidadania acabou de passar por uma grande mudança, com a criação do prêmio. Mas pretendemos criar para 2008 uma forma de reconhecimento para veículos de mídia que divulguem as melhores matérias sobre trote social. A idéia é sempre inovar nos nossos projetos. ■

Esta é uma página para ficar na história.

Nos dias 21 e 23 de março de 2007 publicamos nos principais jornais de São Paulo o anúncio ao lado. Dia 21 foi o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial. No dia 23 inauguramos o novo campus da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares – Unipalmares. E isso não foi coincidência. Foi a concretização de um sonho que começou há 5 anos, alimentado por um conjunto de cidadãos, empresas e instituições que acreditam na construção de uma sociedade mais justa, diversa e de oportunidades iguais, onde todos possam desenvolver-se, crescer e exercer a cidadania. Novas conquistas virão. E, passo a passo, vamos ajudando a construir uma sociedade mais justa para todos.

Um dia muito especial



Hoje, em sintonia com as manifestações pelo Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, comemorado no último dia 21, a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares -



Unipalmares está inaugurando seu novo campus, o campus Barra Funda, um amplo e moderno espaço de 15 mil m² que vem consolidar um sonho que começou há 5 anos, alimentado por um conjunto de cidadãos, empresas e instituições que acreditam na construção de uma sociedade mais justa, diversa e de oportunidades iguais, onde todos possam desenvolver-se, crescer e exercer a cidadania.

Atualmente com 2.000 alunos – 87% deles negros e

30% participantes de programas de Executivo Júnior nos maiores bancos do país –, a Unipalmares passará, com a inauguração do novo campus Barra Funda, a atender cerca de 5.000 alunos, proporcionando ainda mais conforto, qualidade e funcionalidade a toda a comunidade universitária. E, como este sonho não tem fim, novos desafios estão a caminho: novos cursos de Direito e Comunicação, novas parcerias com iniciativas culturais e empresariais, novos programas de treinamento e profissionalização, novos projetos que valorizam a educação, a diversidade racial, o empreendedorismo e a inclusão social. Este é realmente um dia muito especial. Que nos dê a certeza de que, cada vez mais, vale a pena lutar por um futuro melhor.

11 3282-6005 • WWW.UNIPALMARES.ORG.BR
RUA FERD. LIMA 600 - CEP 22290-000 - RIO DE JANEIRO



afrobros
UNIPALMARES
UNIVERSIDADE DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES

descobrindo o Código

*Por: José Vicente, presidente da
Afrobras e reitor da Unipalmares*

No exato momento em que surpreendentemente todos os veículos de mídia do País reverberavam trecho da entrevista de Matilde Ribeiro, Ministra da Promoção da Igualdade Racial, à Rádio BBC de Londres, na qual ela manifestou entender como natural a discriminação de negros contra brancos no Brasil, e que, manjados “pensadores de plantão” repisavam as conhecidas e enjoativas fórmulas prontas como: isto é racismo às avessas; a discriminação no Brasil é social e não racial; raças não existem, e demitam a Ministra, os arcangos da Universidade de Brasília – UNB chegavam ao apogeu encharcando toalhas com álcool e gasolina, ateando fogo em alguns dormitórios de estudantes negros africanos, que ali estudam em decorrência dos Acordos Internacionais de Cooperação, enquanto estes dormiam, não sem antes entre outras, assinar a obra de arte com a logomarca da Klu Klux Klan.

O Professor Thimothy Mulholland, Reitor da UNB, após conhecer os fatos, considerou que se tratava de uma ação motivada por racismo e xenofobia, acrescentando que, infelizmente esse comportamento por parte de alguns alunos tem se manifestando freqüentemente, não sendo essa a primeira vez que ocorrências tão absurdas quanto estas têm ocorrido na Universidade de Brasília, figurando como vítimas estudantes africanos.



José Vicente

Todavia, a mesma mídia definiu e repercutiu os acontecimentos como ato de vandalismo e até tentativa de homicídio, os insuspeitos “pensadores” recolheram-se ao oportuno silêncio e a sociedade brasileira continua com a batata quente nas mãos, tentando decifrar esses sinais codificados.

Salvante os excessos da ministra, - que houve e que são injustificáveis, e os alaridos vazios daqueles que tentam vender uma guerra dos mundos à opinião pública, as pessoas sérias e verdadeiramente preocupadas e interessadas em descobrir caminhos e soluções para esse dilema crucial do País, mais uma vez têm a confirmação objetiva da dimensão e do grau de tensão e acirramento do racismo e da discrimi-

nação racial no nosso País. Se o histórico do racismo é reconhecido oficialmente, e se manifesta hoje em dia no cotidiano da vida social há séculos, isso só pode confirmar a naturalidade como é apreendido, praticado, ou senão ao menos pensado, no País, por negros e brancos ou vice-versa. Queimar ín-

dios e tentar queimar negros e face da mesma moeda. Esses códigos demonstram que os valores democráticos da República, e os Cidadãos estão terrivelmente comprometidos pela intensidade e amplitude da chaga do racismo e da discriminação.

Ignorar ou desconsiderar a realidade nunca foi uma boa saída. Como fazer, sempre soubemos: Justiça e direito de oportunidades iguais. Menos do que demitir ministros, precisamos mesmo é de muito mais trabalho com honestidade, responsabilidade, seriedade, comprometimento e efetiva vontade política e social para construir um País sem racismo, sem racistas, sem discriminadores, onde os irmãos não se odeiem; pelo contrário dêem as mãos. Esse é o Código. ■



com José Vicente

**Negros em Foco na tevê aberta.
Essa conquista é sua.**

O programa Negros em Foco acaba de conquistar um importante espaço na tevê aberta: **todos os domingos, às 13 horas, na Rede Gazeta**, você assiste ao programa que fala com você. Entrevistas, política, emprego, saúde e todos os assuntos que fazem parte de nossas vidas. Não perca. Essa conquista é sua.

Assista também aos sábados, às 21 horas, na Boa Vontade TV e na Rede Mundial de Televisão, e aos domingos, às 21h30, na Rede Brasileira de Integração RBI, canal 14 UHF.

Realização: Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural.



150
ANOS

10.800 AGÊNCIAS

PARA QUE VOCÊ NUNCA PRECISE GRITAR.

Um banco pode crescer de duas maneiras. Em direção às nuvens ou em direção às pessoas. Em altura ou em serviço. No Santander, nós acreditamos que no lugar de prédios cada vez maiores é bem melhor ter à disposição 10.800 agências em 40 países. Agências onde trabalham pessoas que não estão a 200 metros de altura, mas bem ao seu lado. Para ouvir você.



 Santander
O VALOR DAS IDÉIAS

www.santander.com.br

SANTANDER
PRESENTE EM MAIS DE 40 PAÍSES